



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



## **O SENTIDO ATRIBUÍDO POR IDOSOS À VELHICE: CONGRUÊNCIAS COM OS PRECEITOS DO ENVELHECIMENTO ATIVO**

**Sheyla Villar Fredenhagem**

**Orientadora Professora Doutora Lia Pappámikail**

Brasília, 22 de julho de 2018.



**INSTITUTO POLITÉCNICO DE SANTARÉM**  
**ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO**



## **O SENTIDO ATRIBUÍDO POR IDOSOS À VELHICE: CONGRUÊNCIAS COM OS PRECEITOS DO ENVELHECIMENTO ATIVO**

**Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em  
Educação Social e Intervenção Comunitária**

**Sheyla Villar Fredenhagem**

**Orientadora Professora Doutora Lia Pappámikail**

Brasília, 22 de julho de 2018.

O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente.

(Machado de Assis)

## **Dedicatória**

Dedico este trabalho, com gratidão eterna e muito amor, à minha mãe, que, na fragilidade dos seus 87 anos, depositou em mim toda a força de que eu precisava para concluir este Mestrado.

Com amor incondicional e gratidão a Deus pela sua existência,

ofereço este trabalho a meu filho, Tomás, como resposta e materialidade do seu sempre encorajamento para eu avançar, e de sua torcida, desde muito pequeno, para me ver cada dia melhor e mais feliz. “Ei, mãe”, “Vai, mãe!” ecoam e vibram em minha alma, erguendo-me, cada vez que enfraqueço.

## **Agradecimentos**

A Deus.

Ao Mestre Jesus.

À Mãe Maria Santíssima.

À espiritualidade – os mensageiros divinos.

Agradeço ao Instituto Federal de Brasília (IFB) e ao Instituto Politécnico de Santarém (IPS) – Portugal o empreendimento da Cooperação Institucional que nos oportuniza cursar este Mestrado.

Agradeço ao Professor Dr. Wilson Conciani, Reitor do Instituto Federal de Brasília, pelo empenho de viabilizar este Mestrado no Instituto Federal de Brasília.

Agradeço à Professora Dra Maria Cristina Madeira pela dedicação à coordenação deste Mestrado no Instituto Federal de Brasília e pelo incentivo recebido.

Agradeço ao Professor Dr. Paulo Coelho Dias, mestre por excelência e verdadeiro ombro amigo, as orientações recebidas, muitas das quais se encontram nas primeiras bases desta dissertação, o incentivo dado a esta pesquisa e, notadamente, a segurança transmitida, como palavra final em nossa decisão de alterar o tema da pesquisa.

Agradeço à orientadora, Professora Dra Lia Pappámikail Ribeiro d'Almeida, que, sabiamente, trouxe o assunto Envelhecimento, sob o prisma da unidade curricular “Transições e Vulnerabilidades”, abordagem que atendeu plenamente a nossa tendência como área de estudos. Mesmo sem o perceber, a professora ajudou-nos a definir o tema da dissertação – este já rondava a nossa mente como objeto de pesquisa. A afinidade pela profissional e pela pessoa que é não tardou a aparecer. Na condição de

orientadora, sua postura e sua forma de conduzir a orientação e encaminhamentos só ratificaram essa afinidade, agora muito mais sólida pela confiança que nos passou, segurança que nos transmitiu, fortalecendo nossa autoconfiança, e demonstração de respeito ao meu tempo de maturação. Agradeço-lhe imensamente por ter iluminado a escrita da dissertação, principalmente nos primeiros momentos, fase ainda tão complexa para mim. Mostrou-me a luz no túnel e ensinou-me como trilhar o caminho das pedras com suas orientações, sugestões, apaziguamento das ansiedades e fornecimento das bibliografias-chave. Eis o fruto!!!

Agradeço à Professora Dra Perpétua Santos Silva, com muito carinho, pela oportunidade de nos ingressar nas primeiras pesquisas sobre o assunto Envelhecimento, e pela competência com que trouxe as informações a respeito do tema, sob o foco da unidade curricular “Modelos de Intervenção em Educação Social I” (MIES), despertando em nós as primeiras dúvidas sobre a manutenção do tema outrora escolhido, ao mesmo tempo que contribuía para o descortinar de um novo objeto de pesquisa para a nossa vida.

Agradeço aos Professores do Instituto Politécnico de Santarém (IPS) – Portugal pela dedicação e competência profissional que demonstraram neste curso, pelas orientações recebidas e pela compreensão que sempre externaram.

Agradeço à Professora Sandra Maria Branchine, Diretora de Comunicação Social do Instituto Federal de Brasília, pelo incentivo às nossas pesquisas e pela demonstração de confiança a nós dispensada.

Agradeço ao Programador Visual Ítalo Rios Cary pelo incentivo aos nossos estudos, pela consideração como colega de trabalho, e competência, durante a tramitação do processo de afastamento para estudos deste Mestrado, no período em que esteve na função de Diretor de Comunicação Social do Instituto Federal de Brasília.

Agradeço ao Jornalista Fernando Coelho pelo incentivo que sempre nos deu para cursar o mestrado, com sua generosidade e competência de nos auxiliar, como gestor e colega de trabalho, e pela confiança em nós depositada.

Agradeço à Beatriz Castro da Silva, Bia, jovem estagiária de Jornalismo do IFB, pelo auxílio, tão pronto e competente, que me prestou com seus estudos da língua inglesa.

Agradeço ao Programador Visual do IFB Bruno Soares Maciel todo o apoio recebido e “socorro” prestrado em Informática, nos imprevistos dos acertos finais deste texto.

Agradeço aos colegas de turma a parceria e a cumplicidade; o apoio nos estudos e nas angústias; e o bom humor e a jovialidade, que trouxeram leveza às tarefas e à ansiedade pelo cumprimento de prazos.

Agradeço aos colegas de turma Antongnioni Pereira de Melo, Deuselina de Lima Santos e Tereza Alice Amaro Medeiros, que gentil e prontamente nos autorizaram a utilizar os estudos realizados em grupo, do qual participei como membro, sobre a legislação brasileira de proteção aos idosos, sob regência da unidade curricular Legislação Social, ministrada pela Professora Doutora Luísa Delgado.

Agradeço à colega de turma e amiga Tereza Alice Amaro Medeiros pela iniciativa de formar um grupo de apoio; pela amizade que construímos, em meio de tantas dúvidas e buscas; e pela generosidade, disposição e competência de nos auxiliar.

Agradeço à colega de turma e amiga Mirian Colonna dos Santos pelo também incentivo de formar o grupo de apoio; pela sensibilidade demonstrada pelos seus entrevistados, atitude que deu sentido a discussões e esclarecimento a ideias; e pela amizade que construímos nesse trajeto de tantas incertezas.

Agradeço à colega de turma e amiga Roberta Crisóstomo pela grande ajuda que me prestou na formatação desta dissertação.

Agradeço aos entrevistados, que se dispuseram a conceder uma entrevista a uma pessoa que sequer conheciam ou, em alguns casos, a quem ainda não tinham sido apresentados, mas que, mesmo assim, informados da causa, se prontificaram a colaborar, com atitude tão responsável quanto receptiva.

Agradeço igualmente aos familiares das pessoas entrevistadas e às instituições, lares de idosos, que viabilizaram nosso encontro e nos receberam com tanta consideração. O nosso abraço e gratidão.

Agradeço à Dra Aline Laginestra e Silva, Geriatra da Policlínica de Taguatinga – Brasília/DF, pela orientação recebida a respeito de informações sobre a Fisiologia do Envelhecimento e pelos cuidados à minha mãe, cujas consultas foram preciosas oportunidades de ver quão específico deve ser o tratamento dispensado ao idoso.

Agradeço ao Hudson, Fisioterapeuta da Policlínica de Taguatinga – Brasília/DF, pelas informações prestadas e pela oportunidade que me concedeu de observar, na ação, iniciativas oriundas da política Envelhecimento Ativo, dirigindo os cuidados à minha mãe, com carinho e competência.

Agradeço especialmente à minha mãe, Sra. Diva Villar, pelo apoio incondicional.

Agradeço ao meu pai, Sr. José Thiago Fredenhagem (*in memoriam*), pelo estímulo que nos deu, desde muito cedo, transmitindo-nos o devido valor dos estudos na vida de uma pessoa, em uma época, cuja cobrança maior para as mulheres era o casamento.

Agradeço aos meus irmãos – Sandra, Thiago, Roberto e Fernando – e aos demais entes queridos o

incentivo sempre recebido e a compreensão de minhas ausências.

Agradeço especialmente ao meu irmão Gustavo pelo incentivo e pela ajuda no cumprimento de compromissos.

Agradeço ao meu cunhado, Detival, pela disposição e iniciativa de cuidar de assuntos do meu interesse para que eu pudesse me dedicar a esta dissertação.

Agradeço à amiga Taísa Goes, que, prontamente e com boa vontade visível, me ajudou nos compromissos com a família.

Agradeço à amiga Dalva Soares o apoio que há muito dispensa a mim, generosamente, fortalecendo-me com palavras e ações para que eu cursasse um mestrado. Agradeço-lhe pelas leituras desta dissertação e pelas orientações recebidas, para as quais não poupou horas. Agradeço-lhe pela confiança e amizade.

Agradeço à amiga Maria da Conceição Souza Viana por todas as palavras de ânimo e fé, pela compreensão das não visitas e atenção, e pelo incentivo a cursar o mestrado, desde há muitos anos, enviando-nos, inclusive, a mais de mil km de distância, informações de datas e outras, pertinentes a mestrados.

Agradeço à amiga Priscila Alves, estudante de Psicologia, pelas dicas bibliográficas e atenção dispensada à minha causa – esta pesquisa.

Agradeço ao amigo Rinaldo De Santis o apoio sempre presente nas horas difíceis e as palavras de ânimo recebidas para que eu concluísse este Mestrado.

Agradeço à Dona Maria (*in memorian*), que nos recebeu prontamente para a entrevista, com um olhar tão receptivo e responsável, em seu compromisso de nos atender, deixando-nos, registradas, nas poucas horas de contato, as mais caras impressões de seus valores, alicerçados em bases de solidez familiar.



## LISTA DE SIGLAS

|        |   |
|--------|---|
| BEP    | Bem-Estar Psicológico                                     |
| CE     | Comissão Europeia   |
| EA     | Envelhecimento Ativo                                      |
| IBGE   | Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística           |
| IFB    | Instituto Federal de Brasília                             |
| IPS    | Instituto Politécnico de Santarém                         |
| OCDE   | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico |
| OMS    | Organização Mundial de Saúde                              |
| ONU    | Organização das Nações Unidas                             |
| OPAS   | Organização Pan-Americana de Saúde                        |
| PUC-SP | Pontifícia Universidade Católica de São Paulo             |
| TBM    | Taxas Brutas de Mortalidade                               |
| TBN    | Taxas Brutas de Natalidade                                |
| UE     | União Europeia  |
| WHO    | World Health Organization                                 |

## **Resumo**

Esta dissertação de Mestrado em Educação Social e Intervenção Comunitária apresenta a investigação feita com idosos a respeito das representações e vivências sobre o processo de envelhecimento. A pesquisa buscou compreender a ligação dos percursos de vida dos idosos participantes com os sentidos atribuídos por eles sobre a velhice e, a partir dessas respostas, constatar se suas expectativas e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios da proposta político-ideológica comumente designada por Envelhecimento Ativo e Saudável e analisar as possibilidades de adesão desses idosos a essa proposta, principalmente no que diz respeito à concepção de bem-estar na chamada Quarta Idade ou Grande Idade. Participaram da pesquisa 08 (oito) idosos, na faixa etária compreendida entre 77 e 98 anos, sendo 04 (quatro) institucionalizados e 04 (quatro) não institucionalizados. Na perspectiva do estudo de casos, a pesquisa utilizou, como instrumento de coleta de informações, a entrevista semidiretiva e a conversa informal para, sob as orientações metodológicas da observação naturalista, obter dados que favorecessem a (re)composição dos percursos de vida, visando a uma análise qualitativa. A interpretação dos dados coletados permite inferir que as mudanças não ocorrem apenas no âmbito das alterações físicas e psíquicas naturais – ocorrem, significativamente, nos interesses, que também alteram. Há receptividade ao conteúdo do Envelhecimento Ativo, porém é real a dependência impeditiva, da qual são conscientes, para adesões que impliquem, por exemplo, sair de casa. Isso não invalida o desejo que sentem de liberdade para exercerem atividades (afazeres) para as quais se julguem em condições, como forma de se perceberem úteis e valorizados, em ambientes em que se sintam à vontade. O bem-estar para essas pessoas não está atrelado às suas realizações, sejam estas profissionais ou sociais, mas à sua relação com os familiares, ao conforto afetivo e à autoconfiança, inferindo-se que a autoconfiança também está condicionada ao apoio da família. Além disso, a visão de bem-estar relaciona-se com sentimento de aceitação da condição em que se encontram e reflete as experiências vividas de cada um. O resultado da análise aponta que o percurso de vida exerce um peso muito maior no estado de saúde e envelhecimento do que se imagina, interpretação que ratifica a importância de olhar a velhice com respeito às trajetórias individuais, do ponto de vista da heterogeneidade, portanto.

**Palavras-chave:** percurso de vida, representações da velhice, envelhecimento ativo e saudável, bem-estar.

## **Abstract**

This Master's Dissertation in Social Education and Communitary Intervention introduces the research made with seniors about the representations they carry about their aging process. The research pursued to understand the connection of the elderly participants' life paths with the meanings attributed by them on the old age and, from these answers, to verify if their expectations and desires for themselves incorporate elements of the discourse about the principles of the political-ideological proposal Active and Healthy Aging and analyzes the adherence's possibilities of these elderly people to this proposal, especially regarding the conception of well-being in the so-called Fourth Age or Great Age. Eight (8) elderly individuals, aged between 77 and 98 years old, participated in the study, in which 04 (four) were institutionalized (lived in nursing homes) and four (4) were not institutionalized. From the case study perspective, the research used, as a tool for collecting information, the semi-structured interview and the informal conversation, in order to obtain data that favor the life paths' composition, under the naturalistic observation's methodological guidelines, aiming a qualitative analysis. The collected data's interpretation allows to infer that the changes do not occur only in the natural physical and psychic alterations' scope - they occur, significantly, in the interests, that also change. There is receptivity to the Active Aging's content, but it is real the crippling dependence, of which they are aware, for adhesions that imply leaving home. This does not invalidate their desire to be free to perform activities (tasks) that they consider themselves fit for, as a way of perceiving themselves useful and valued, in environments where they feel at ease. Welfare for these people is not tied to their achievements, might they be professional or social, but to their relationships with family, their affective comfort and their self-confidence, coming to the conclusion that self-confidence is also conditioned by the support of the family. In addition, the well-being's view is related to a feeling of acceptance of the condition in which they are and reflects the experiences lived by each one. The analysis' result indicates that the life course exerts a much greater weight in the state of health and aging than one imagines, an interpretation that ratifies the importance of looking at the older age with respect to their individual trajectories, from the heterogeneity's point of view, therefore.

Key words: life course, representations of old age, active and healthy aging, well-being.

## ÍNDICE

|   |           |
|---|-----------|
| <b>INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>1</b>  |
| <b>CAPÍTULO 1 – PANORAMA DO ENVELHECIMENTO.....</b>   | <b>6</b>  |
| 1.1 – ENVELHECIMENTO POPULACIONAL – VISÕES SOBRE A VELHICE.....                                       | 6         |
| 1.2 – ENVELHECIMENTO ATIVO E ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL .....  | 12        |
| 1.3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE SAÚDE, BEM-ESTAR E ENVELHECIMENTO ATIVO E SAUDÁVEL .....                    | 22        |
| <b>CAPÍTULO 2 – LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO AO IDOSO .....</b>                                  | <b>24</b> |
| 2.1 – LEI Nº 8.842, DE 4 DE JANEIRO DE 1994.....  | 24        |
| 2.2 – LEI 10.741, DE 1º DE OUTUBRO DE 2003 .....  | 27        |
| 2.3 – CONSIDERAÇÕES SOBRE A LEGISLAÇÃO .....  | 28        |
| <b>CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO.....</b>  | <b>30</b> |
| 3.1 – PÚBLICO-ALVO .....  | 32        |
| 3.3 – ENTREVISTA .....  | 35        |
| 3.3.1 – GUIÃO DAS ENTREVISTAS PARA COLETA DE DADOS.....   | 37        |
| 3.3.2 – CONDUÇÃO DAS ENTREVISTAS .....  | 37        |
| 3.4 – PROCEDIMENTOS ANALÍTICOS: COLETA DE DADOS, ANÁLISE DAS ENTREVISTAS E DIÁLOGOS COM A TEORIA..... | 41        |
| 3.4.1 – TRANSCRIÇÃO INTEGRAL DAS ENTREVISTAS POR RESPONDENTE.....                                     | 43        |
| 3.4.2 – SINOPSES DAS ENTREVISTAS.....   | 43        |
| 3.4.3 – VERIFICAÇÃO OU DESCOBERTA: A EMERGÊNCIA DE NOVOS CONTEÚDOS.....                               | 44        |
| <b>CAPÍTULO 4 – ESTÓRIAS DE VIDA: ENVELHECIMENTO (S), ENTRE EXPECTATIVA E REALIDADE.....</b>          | <b>46</b> |
| 4.1 – INSTITUCIONALIZAÇÃO NA VELHICE: TRANSIÇÕES E PARTICULARIDADES .....                             | 47        |
| 4.2 – PASSADO NO PRESENTE: INFLUÊNCIA DAS VIVÊNCIAS PASSADAS SOBRE AS REPRESENTAÇÕES DA VELHICE ..... | 52        |
| 4.3 – O PRESENTE E O FUTURO: PERCEPÇÕES SOBRE O ENVELHECIMENTO.....                                   | 62        |
| <b>CAPÍTULO 5 – EDUCAÇÃO SOCIAL: PISTAS PARA A INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA</b>                         | <b>72</b> |
| <b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>  | <b>80</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>  | <b>85</b> |
| <b>ANEXO A- GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 1 .....</b>  | <b>92</b> |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 2.....</b>  | <b>93</b> |

|  |            |
|--|------------|
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 3.....</b> | <b>94</b>  |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 4.....</b> | <b>95</b>  |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 5.....</b> | <b>96</b>  |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 6.....</b> | <b>97</b>  |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 7.....</b> | <b>98</b>  |
| <b>ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 8.....</b> | <b>100</b> |
| <b>ANEXO B – SINOPSES DAS ENTREVISTAS .....</b>      | <b>101</b> |
| CATEGORIA – INFÂNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES.....      | 101        |
| CATEGORIA – ESCOLA .....                             | 107        |
| CATEGORIA – NAMORO/LAZERES/AMIGOS.....               | 109        |
| CATEGORIA – CASAMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES.....     | 113        |
| CATEGORIA – TRABALHO/APOSENTADORIA.....              | 115        |
| CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES .....           | 118        |
| CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE .....          | 123        |
| CATEGORIA – CONSIDERAÇÕES FINAIS .....               | 130        |

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa objetiva investigar os sentidos que idosos, institucionalizados e não institucionalizados, atribuem à velhice, estabelecer relações desse significado com o contexto de suas histórias de vida, contrapor essas representações com os princípios teóricos de uma proposta permeada por dimensões político-ideológicas, vulgarmente designada de Envelhecimento Ativo e Saudável (WHO, 2018), e analisar as possibilidades de adesão desses idosos a essa proposta, principalmente no que diz respeito à concepção de bem-estar na chamada “Quarta Idade” ou “Grande Idade” (In Cabral, 2013, p.60), correspondente a 75 anos ou mais (In Cabral, 2013, p.288).

O breve contato com idosos institucionalizados no passado, oportunidade que tivemos de ter acesso a algumas histórias de vida e verificar que estas influenciaram sobremaneira o estado vigente daquelas pessoas, foi um dos indicativos da escolha desse tema. Tratou-se de um contato feito em uma instituição de idosos, cuja lembrança, aguçada durante as aulas deste mestrado, em especial nas Unidades Curriculares “Seminário Interdisciplinar em Educação Social I e II”, “Modelos de Intervenção em Educação Social 1 e 2” e “Transições e Vulnerabilidades” – que trataram do tema Envelhecimento sob vários aspectos –, despertou em nós a vontade de investigar outras vidas para constatar a pertinência da correlação entre percurso de vida/visão construída a respeito da velhice/estado vigente e postura de enfrentamento desse momento de fragilidade e declínio da vida orgânica. A referência que se destacou foi a da Dona Gatinha, apelido carinhoso que o médico que a atendia lhe dera. Essa senhora, aparentando 88 anos, era uma “figura”, como dizem quando se trata de alguém ímpar em alguma característica peculiar. Se alguém tinha a intenção de lhe proporcionar algum conforto n'alma, saía de sua presença confortado. Em vez de dar, recebia, tamanha era a força daquela senhora minúscula em sua velhice. Sentada na cabeceira da cama, com os joelhos envolvidos pelos braços (não sabemos como conseguia ter essa flexibilidade), contava histórias e histórias de sua vida. Os fatos indicavam que foi bem-sucedida profissionalmente e feliz no casamento. Mal falávamos. Só ouvíamos, tamanha a disposição de vida que ela demonstrava. Não contava as histórias com tristeza, querendo trazer o passado, de forma melancólica. Pelo contrário, contava como uma boa prosa. Tinha sido costureira. Por dedução, frente aos relatos, de média a alta costura. Emanava uma força interna impressionante. Transmitia uma vontade de vida contagiante, porém com o pé no chão, ciente de sua condição. Na verdade, da vida que lhe competia ter. Pelo visto, apenas queria ser ouvida. Na ocasião, como não se tratava de visita de estudo, não indagamos sobre o porquê de estar em uma instituição (particular).

Revisitada em nossas lembranças, retomamos essas memórias, conferindo ao encontro, ocorrido há mais de duas décadas, papel preponderante neste trabalho, pois, além de tratar-se de clara ilustração do que se pretende pesquisar, essas lembranças nos impulsionaram a resgatar o contato

com idosos. Quando da retomada das memórias do contato com essa senhora, lembrança que fortaleceu a vontade de fazer a pesquisa a respeito, foi exatamente esta linha de raciocínio que ascendeu:

As representações que cada indivíduo tem do processo de envelhecimento – do seu e do dos outros – é resultado não só das suas vivências como das atitudes globais formadas na sociedade. Essa percepção contribui para o seu bem-estar cotidiano bem como para aquele que projectam quanto ao seu futuro, gerando perspectivas mais optimistas ou mais pessimistas quanto àquilo que significa envelhecer (Cabral, 2013, p. 268).

Certamente as perspectivas de Dona Gatinha eram optimistas. Essa afirmação é fruto das impressões que a nós foram deixadas naquela visita. Não havíamos nos deparado com pessoa tão tranquila, no sentido de deixar transparecer um “modo de estar” que irradiava o cumprimento de uma missão. Mostrava no olhar o respeito ao ciclo da vida e a felicidade de estar ali, naquele momento, naquela condição e não em outra. A nossa visita não tinha o propósito de estudo. Caso o tivesse e lhe fosse feita a pergunta sobre o sentido para ela do envelhecer, ela responderia, com certeza, que é o ápice da vida. Os poucos dados colhidos na visita possibilitaram-nos inferir que sua vida se pautou em bases alicerçadas na autoconfiança.

É interessante observar que ela não demonstrava apego à vida, no sentido de não abrir mão da materialidade, porém, resiliência e aceitação.

É importante estudar este problema, neste caso a possibilidade de incongruência entre as expectativas de idosos e os pressupostos do Envelhecimento Ativo e Saudável. Propomos partir dos relatos de vida, orientados para o resgate do percurso de vida, narrativamente reconstruído pelo sujeito, de forma a contribuir com mais pistas para os estudos avaliativos de propostas de políticas de saúde e bem-estar, bem como de ações educativas, dentro de instituições educacionais e fora, no âmbito da sociedade em geral, verificando, por meio do grupo pesquisado a título de referência, se essas propostas atendem a necessidades reais de idosos.

Mundialmente, o tema envelhecimento populacional tem ganhado destaque, em função do aumento do número de idosos previsto até 2050. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), nestas próximas décadas, o mundo contará com 2 bilhões de idosos, e, já em 2020, o número de pessoas com mais de 60 anos será maior que o de crianças até cinco anos. A OMS alerta que o bem-estar da terceira idade destaca-se como um dos novos desafios de saúde pública global (OMSBR, 2014).

A situação do Brasil ainda exige atenção redobrada, pois, de acordo também com a OMS, esse crescimento supera a média internacional: se no mundo, até 2050, a quantidade de idosos vai duplicar, no Brasil esse número triplicará (ZH Vida, 2015). De acordo com a matéria intitulada “De

apartamento a vila de idosos, quatro paulistanos contam como vivem na terceira idade”, divulgada no jornal Folha de S.Paulo, em 27 de maio de 2017, “haverá uma mudança drástica no perfil da população brasileira a partir de 2030, e pela primeira vez na história, o país terá mais idosos do que crianças” (Folha de S. Paulo, 2017).

No caso concreto da presente Dissertação, procuramos compreender, por meio de seus relatos de vida, o sentido que os idosos atribuem à velhice e, em suas expectativas sobre uma vida ativa e de bem-estar, verificar a existência de pontes com os preceitos do Envelhecimento Ativo e Saudável. Dessa forma, no intuito de manter um contato direto com os entrevistados em seus ambientes naturais de vida e convivência, optamos como caminho metodológico a abordagem da pesquisa qualitativa.

Esse contato direto conta com certa dificuldade. Estimular as pessoas, desconhecidas do entrevistador, principalmente as institucionalizadas, a falar de sua vida pessoal, trazendo à tona lembranças nem sempre agradáveis, já é, por si, um dificultador. Ao mesmo tempo que, normalmente, o idoso gosta de contar histórias de sua vida e de lembrar-se do passado, expor sua vida a quem não seja de sua convivência e confiança não é simples. Mas foi um desafio que nos propusemos enfrentar.

Constituiu-se como objetivo geral desta pesquisa:

**1** – explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na velhice, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica que tem vindo a ser debatida como forma de amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional.

Mais especificamente pretendeu-se:

**1.1** – explorar a que níveis as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 poderão decorrer dos percursos de vida desses idosos;

**1.2** - analisar se as representações, de acordo com proposição em 1.1, possibilitam a adesão e prática de um Envelhecimento Ativo;

**1.3** - conhecer as expectativas e rotinas dos idosos e desejos para si, verificando se incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo.

Esta pesquisa tratará, primeiramente, dos percursos de vida de idosos institucionalizados e não institucionalizados, colhidos por meio de entrevistas e conversas informais (desenvolvidas em contexto de observação). Analisados, procurar-se-á verificar se o percurso e as experiências vividas por essas pessoas exercem influência sobre as representações que o processo de envelhecimento traz para elas. Na sequência vamos trazer informações sobre o Envelhecimento Ativo e Saudável, tema tão difundido na atualidade, tendo em vista o aumento significativo da população idosa no mundo.



Com esses dados em mãos, pretende-se conhecer as vivências e expectativas dos idosos e constatar se os desejos que têm para si são congruentes com os preceitos do envelhecimento ativo e saudável, no tocante, principalmente, ao bem-estar. O Envelhecimento Ativo e Saudável, na condição de proposta de promover o bem-estar, atende, realmente, às necessidades do idoso, ou estas estão inteiramente condicionadas às suas experiências de vida? Que significa, na perspectiva dos idosos, permanecer ativo e saudável?

A presente dissertação é composta por cinco capítulos, organizados em seções e subseções; pelas Considerações Finais; pela Bibliografia; e pelos Anexos.

O Capítulo 1, intitulado Panorama do Envelhecimento, mediante pesquisa bibliográfica, aborda questões sobre o Envelhecimento Populacional e as Visões sobre a Velhice; trata das teorias e pressupostos do Envelhecimento Ativo, política que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2002, p.13), intimamente relacionado ao “bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida” (OMS, 2002, p.13), e do Envelhecimento Saudável, política mais recente divulgada pela Organização Mundial de Saúde para 2015-2030, que a define “como o processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que possibilita o bem-estar na velhice” (WHO, 2018); e traz considerações sobre Saúde, em relação a Bem-Estar e Envelhecimento Ativo e Saudável.

O Capítulo 2 aborda as linhas gerais da Legislação Brasileira de Proteção ao Idoso – Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, que “Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências”, e Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, a qual “Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências”.

O Capítulo 3, na sequência, Metodologia da Investigação, trata dos Instrumentos e Procedimentos Metodológicos – Entrevista Semidiretiva e referências sobre o método História de Vida, no qual nos inspiramos para a obtenção dos relatos, visando ao acesso dos percursos de vida –; expõe as características do Público-Alvo; enquadra o Guião das Entrevistas (Anexo A), que estrutura os temas em seções de perguntas, com vistas à Coleta de Dados; e alude aos Referenciais Teóricos que fundamentam os procedimentos analíticos: coleta de dados, análise das entrevistas, diálogos com a teoria.

O Capítulo 4, intitulado “Estórias de vida: envelhecimento(s) entre expectativa e realidade...” apresenta interpretações e inferências da pesquisadora, fundamentadas nos instrumentos que se referem, respectivamente, à transcrição integral das entrevistas, realizadas sob a orientação do guião elaborado para esse fim (Anexo A), e à seleção dos excertos dos discursos (Anexo B), na condição

de falas representativas de cada tema subsidiário da construção dos percursos de vida, ou ainda como respostas pontuais dos entrevistados, agrupadas para análise comparativa, visando observar a “diversidade interna” (Guerra, 2006, p.39) contida na homogeneidade do grupo pesquisado (homogeneidade caracterizada pelo processo de envelhecimento que está sendo vivenciado pelo grupo pesquisado), além do propósito de observar dados comuns das trajetórias dessas pessoas. As interpretações e inferências aqui mencionadas reportam-se às categorias e subcategorias, previstas no guião (Anexo A), e a outros assuntos não previstos no guião, mas que se destacaram durante as entrevistas, como indicadores de “Novos Conteúdos” (Guerra, 2006, p.29) – informações significativas advindas dos respondentes.

O Capítulo 5 – Educação Social: Projetos Socioeducativos – trata da Educação Social, área científica em que se insere este Mestrado e, naturalmente, esta pesquisa, que traz em seus propósitos delinear, a partir de seus resultados, projetos socioeducativos, com implicações sociais e educativas dentro de instituições educacionais e fora, no âmbito da sociedade em geral. O capítulo destaca a importância do Educador Social, cuja formação sociopedagógica o insere na linha de profissionais requeridos para intermediar políticas públicas, em contextos diversificados, que envolvam indivíduos e grupos necessitados social e psicologicamente.

Nas Considerações Finais, apresentam-se os resultados desta pesquisa e respostas, provisórias, referentes às questões propostas no Objetivo Geral e nos Objetivos Específicos, especialmente aos temas-chave aí contidos, a saber, Envelhecimento Ativo e Saudável, bem-estar, representações da velhice e percursos de vida.

Na parte final, apresentam-se a Bibliografia e os Anexos referenciados nesta dissertação.

## **CAPÍTULO 1 – PANORAMA DO ENVELHECIMENTO**

*O envelhecimento populacional é uma resposta à mudança de alguns indicadores de saúde, especialmente a queda da fecundidade e da mortalidade e o aumento da esperança de vida.*

*Brasil, Ministério da Saúde (2006)*

Neste primeiro capítulo, mediante revisão de literatura, fundamentam-se questões sobre o Envelhecimento Populacional e as Visões sobre a Velhice. Pretende-se elucidar o leitor acerca das teorias e pressupostos do Envelhecimento Ativo, política que, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), “é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2002, p.13), intimamente relacionado ao “bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida” (OMS, 2002, p.13). Adicionalmente, explora-se a temática da Saúde, em relação a Bem-Estar e Envelhecimento Ativo, indo ao encontro das mais recentes preocupações da OMS, que determinou como prioridade a promoção de um Envelhecimento Saudável (WHO, 2018).

### **1.1 – Envelhecimento Populacional – Visões Sobre a Velhice**

O envelhecimento demográfico, fator preponderante de influência de nova mentalidade frente ao idoso, é responsável pelo surgimento de políticas sociais, cujos desdobramentos implicam ações que intentam favorecer a saúde, o bem-estar e a inclusão dessa população.

Em se tratando do Brasil, de acordo com informações da OMS, o país ocupará, no mundo, o sexto lugar em número de idosos, até 2025, havendo, ainda, muito despreparo para acolher, saudavelmente, essa situação.

Ainda é grande a desinformação sobre a saúde do idoso e as particularidades e desafios do envelhecimento populacional para a saúde pública em nosso contexto social. Entre 1980 e 2000 a população com 60 anos ou mais cresceu 7,3 milhões, totalizando mais de 14,5 milhões em 2000. O aumento da expectativa média de vida também aumentou acentuadamente no país. Este aumento do número de anos de vida, no entanto, precisa ser acompanhado pela melhoria ou manutenção da saúde e qualidade de vida (Brasil.Ministério da Saúde, 2006).

Ainda em números, reiterando o panorama brasileiro, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2016), se o número de idosos está próximo de triplicar, o número de jovens de 10 a 14 anos tende a cair quase pela metade no período de 2000 a 2030. Em 2000, o "grupo de pessoas com 65 anos ou mais" representava 5,61% da população; em 2015 subiu para 7,90%; a projeção para 2030 é de 13,44. Comparativamente, o "grupo de jovens de 10-14 anos", em 2000, representava 30,04%; em 2015, 23,19; e a projeção para 2030 é de 17,59%. Para melhor visualização, dados do IBGE registram, em janeiro de 2018, que a população brasileira gira em torno de 208.566.360 pessoas. As Taxas Brutas de Natalidade (TBN) e Mortalidade (TBM), nesse período de

três décadas, registram visível descompasso. A Taxa de Natalidade em 2000 foi de 20,86; a de Mortalidade foi de 6,67. Proporcionalmente, a Taxa Bruta de Natalidade, em 2015, registra uma queda considerável (14,16), enquanto a de Mortalidade foi de 6,08, redução bem menor. A previsão para 2030 é de 10,92 para Natalidade (permanecendo a redução) e de 7,31 para Mortalidade (pequeno aumento). O resultado referente à Natalidade é confirmado pela Taxa de Fecundidade Total (TFT). Em 2000 era de 2,39. Em 2015 caiu para 1,72. E a projeção para 2030 é que este indicador registre o valor de 1,51, pouco acima do limiar que garante a substituição das gerações.

A explicar estas tendências vários argumentos. De um lado, a discussão que envolve a questão de gênero, no tocante à mulher, aponta a diminuição consistente do número de filhos como tendência já expressa em séries estatísticas; de outro, os avanços sociais, tecnológicos e na área médica contribuem para a melhoria das condições de vida do idoso implicando o aumento da longevidade. Não obstante o lado positivo que a ampliação da expectativa de vida traz, quando concomitante à diminuição da fecundidade, acaba por provocar um impasse social de difícil solução. Esse ganho de vida, associado à diminuição da fecundidade, conduz a uma contradição, a que pesquisadores do estudo “Processos de Envelhecimento em Portugal” (2013), chamaram de “paradoxo do envelhecimento”. A combinação desses extremos gera “consequências complexas e mesmo gravosas para o nosso tipo de sociedade” (Cabral *et al.*, 2013, p.11).

O estudo aponta os problemas derivados dessa contradição no “plano individual” e no “plano coletivo”. No “plano individual”, resume os riscos do envelhecimento,

correlativos da idade e da vulnerabilidade do estado de saúde; do isolamento social e da solidão propriamente dita; da dependência não só física e mental, como também económica, em muitos casos; e, finalmente, da estigmatização, seja a discriminação excludente ou o preconceito paternalista, condescendente e menorizante em relação aos chamados “velhos” (Cabral *et al.*, 2013, p.12).

Em relação ao “plano coletivo”, o estudo enfatiza as exigências provenientes das relações intergeracionais:

Estas relações afectam as transferências económicas entre os diversos grupos etários, em particular através do desequilíbrio crescente entre, por um lado, activos e não activos e, por outro, entre jovens e idosos. O envelhecimento acentua os riscos inerentes à sustentabilidade dos sistemas de saúde e, sobretudo, da segurança social, desde as reformas e pensões aos cuidados pessoais à velhice dependente, o que torna inevitável a revisão dos alicerces sociais e económicos em que esses sistemas assentam, tendo em conta a necessária equidade das relações intergeracionais, em termos de transferências financeiras, da competição nos mercados de trabalho e do apoio mútuo de todas as ordens que devem supostamente existir entre as diferentes gerações (Cabral *et al.*, 2013, p.12).

Ademais, o mesmo estudo enfatiza que o problema maior ao conjunto da sociedade não é o custo, mas o “lugar da velhice na sociedade”. Sustenta que “aceitar a exclusão ou a marginalização

dos idosos, ou ainda definir a velhice como uma condição social de dependência” vai na contramão dos “valores democráticos”. Chama atenção ao “direito efectivo de representação e de participação social e política” dos grupos idosos: “Reposicionar o idoso no conjunto do sistema de relações intergeracionais constitui um imperativo democrático e um desafio político que as sociedades envelhecidas enfrentam” (Cabral *et al.*, 2013, p.12).

Mediante o panorama estatístico apresentado, relevantes visões são observadas, como contraponto na discussão em pauta. Silva (2006) propõe a desconstrução do conceito de velhice como problema social.

Os campos económico e político, no sentido de Bourdieu (1992), usaram e usam as expressões 'idoso/a' e 'terceira idade' para inculcarem a ideia de um grupo homogêneo que já trabalhou e, a partir dos 65 anos, dispõe de uma reforma remunerada e tempo para viver o período de não trabalho afastado do circuito de produção, porque nele *deixou de ser útil* (itálico nosso) (Silva, 2006, p.18-19).

De acordo com Lenoir (1998, p. 62), a representação “que aparece sob a forma de um problema social constitui, talvez, um dos obstáculos mais difíceis de ser superado”. O autor comenta que “uma pesquisa sobre a constituição da 'velhice' como um problema social enfrenta todos os obstáculos, nos quais o sociólogo esbarra, habitualmente, para construir o objeto de sua pesquisa”, pelo fato de a “velhice”, embora sendo “uma categoria natural e evidente”, remeter-se a

problemas de natureza bastante diferente: a sorte das pessoas idosas mais desprovidas (a “pobreza” e a “dependência”), o “desequilíbrio” demográfico ( o “envelhecimento” da população) e, enfim, o alongamento da duração da vida biológica e seus efeitos sobre as relações entre gerações, tanto na família e no ambiente de trabalho, quanto no funcionamento dos sistemas de aposentadoria [...] (Lenoir (1998, p. 64).

Reportando-se a Molls (1954), Lenoir (1998, p. 65) apresenta um dado histórico sobre as “primeiras categorizações das populações segundo a idade”, em cujo trecho ilustrativo se vê, claramente, que a ideia de “inutilidade” ronda o processo de envelhecimento há séculos:

Podemos lembrar que as primeiras categorizações das populações segundo a idade dependem, de forma bastante explícita, das prerrogativas estatais, como é testemunhado pelos reagrupamentos operados pelos primeiros recenseamentos. Assim, o de Treviso, efetuado em 1384, distingue duas categorias: os homens com idade superior ou inferior a catorze anos, sendo que “religiosos e criados são contados à parte” porque estes últimos – assim como as crianças com menos de catorze anos e as mulheres excluídas, durante muito tempo, de qualquer recenseamento – não pagando impostos e andando desarmados, não eram “bens a serem recenseados”. Da mesma forma, os primeiros “levantamentos” venezianos distinguem apenas duas categorias de pessoas: a “útil”, isto é, a população masculina de 15 a 60 anos e a “*inútil*” que reagrupa os demais (itálico nosso).

Está no inconsciente da sociedade esse estigma. Daí a “velhice” ser considerada como um problema social é um passo. O olhar preconceituoso sobre a velhice agrava-se, uma vez concebida como problema social, tendo em vista o padrão de valores a que fica associada.

E assim estigmatizada, legitima-se uma concepção marginalizada, pelo menos em uma determinada época e contexto, se levado em conta o que exemplifica Lenoir (1998, p. 63), fazendo menção ao pensamento de Herbert Blumer (1971), o qual “mostrou que era inútil definir os 'problemas sociais' através de uma natureza que lhes fosse peculiar, por meio de uma população que apresentasse características específicas”:

O que é constituído como “problemas sociais” varia segundo as épocas e as regiões e pode desaparecer como tal, precisamente no momento em que subsistem os fenômenos designados por eles. É o caso, por exemplo, da pobreza que, nos Estados Unidos, foi um grave problema “social” durante os anos 30, desapareceu na década de 1940-1950 e voltou a aparecer nos anos 80; ou ainda o caso do racismo que só se transformou em um “problema social” nos anos 60 (Lenoir, 1998, pp. 63-64).

Oportunamente, Maurice Halbwachs (1972), também referendado por Lenoir (1998, pp. 64-65), relativiza a noção de idade, defendendo que “a idade não é um dado natural, embora possa servir de instrumento para avaliar a evolução biológica dos indivíduos [...]” e “[...] não é um dado imediato da consciência universal”.

De acordo com informação trazida por Lenoir (1998, p.65), “A própria noção de idade – a que é designada em número de anos – é o produto de determinada prática social [...] Como critério de classificação, a idade cronológica apareceu na França, no século XVI, no momento da generalização da inscrição do nascimento nos registros paroquiais”.

Conforme pontua Oliveira (2010), pessoas idosas sempre existiram, mas categorizar as pessoas de acordo com sua faixa etária, como a chamada “Terceira Idade” é criação recente de nossa cultura. Explica que se trata de uma categoria claramente cultural, que não diz respeito ao envelhecimento do corpo da pessoa, mas, sim, ao modo como a cultura olha o idoso.

Como bem lembra o psicólogo Marco Aurélio Bilibio, na palestra intitulada “O Envelhecer: Entrando na idade da sabedoria”, proferida na Sociedade Teosófica do Brasil, em 2015, “esse preconceito se expressa em algumas palavras”, como é o caso do termo “aposentadoria”, da mesma família etimológica de “aposentado”, adjetivo que *carrega* a acepção de “aquele que é relegado a um aposento”, remetendo-nos à “ideia de não vida [...] como se a vida parasse na idade produtiva”.

Bilibio (2015) emite a compreensão de que “preconceito é quando uma ideia fica no meio; ela interfere, fica entre você e o outro, de maneira a moldar de forma mais ou menos disfuncional e irreal sua visão do que está do outro lado”.

O próprio adjetivo velho induz ao sentido de ultrapassado, de obsoleto e a outros significados de carga depreciativa. Dessa forma, facilmente a palavra *velhice* se associa, pejorativamente, à ideia de inutilidade, assim como a palavra *aposentado*, sugerindo, ambas, a imagem de recolhimento.

A cultura impregnada a respeito do assunto, sem dúvida, é o princípio de possíveis distorções existentes em políticas referentes à velhice e ao processo de envelhecimento, constituídas sem considerar a singularidade de cada indivíduo, inclusive em seus anseios. Silva (2006, p. 210) assevera que

[...] a visão leiga da velhice a encara na sua dimensão de construção da sociedade, construção associada à problemática da inclusão social pelo trabalho. Fica bem claro que reforma não é velhice, que é o olhar dos outros que 'faz' as pessoas velhas, que é a exclusão social que 'empurra' para atitudes associadas a 'velho' – isolamento, conflito de gerações, etc.

Após ouvir pessoas em idade superior a 50 anos no norte de Portugal, Silva (2006) concluiu, por meio de estudo qualitativo, que a velhice corresponde, com maior peso, “a uma auto-reconstrução que valoriza a continuidade da trajetória individual”. Afirmar que “Querer atribuir 'uma' identidade às pessoas que a sociedade moderna categoriza como 'velhas' é violentar a sua inserção social, construída, reconstruída e protagonizada em trajetórias individuais” (Silva, 2006, p. 15).

Como contra-argumenta Silva (2006, p. 77), refutando a ideia de as “políticas sociais de velhice” dirigirem-se “à população 'não produtiva' encarada como grupo homogêneo que vive num período de vida que se apresenta com necessidades e problemas sociais comuns”,

[...] não há uma velhice, mas velhices distintas na medida em que as 'pessoas de idade' têm cursos de vida diferenciados e é em função das condições específicas de existência, da posição que cada uma ocupa na estrutura das relações sociais e do seu estatuto social, que se pode perceber a variedade de práticas sociais desenvolvidas pelas 'pessoas de idade' (Silva, 2006, p. 77).

Almeida e Gros (2012, p.11), em seu artigo intitulado *Viver até morrer: Que modelos organizativos inventar?*, mostram um retrato fiel da realidade dos idosos em seus anseios, em suas necessidades e em suas vulnerabilidades. O estudo revela o desejo que idosos sentem de poder contar com a

presença regular de alguém que os preserve da rejeição no espaço doméstico e lhes permita manter laços com os outros e com o mundo exterior: alguém que os acompanhe para sair de casa e passear (56,1%), que venha conversar diariamente com eles (55,5%), que realize compras com eles (49,4%), que lhes permita visitar amigos e vizinhos (24,8%), que venha ler com eles o jornal ou um livro (21,3%) ou, ainda, alguém que torne possível a implicação numa actividade significativa (20%). Neste primeiro conjunto de serviços, acresce ainda a companhia de alguém que possibilite a participação em acontecimentos colectivos, culturais ou religiosos, embora de modo menos expressivo (10,6%). Na perspectiva de proporções significativas de inquiridos, além da garantirem a realização das compras necessárias à sobrevivência diária (60,2%), os serviços domiciliários deveriam, ainda, contribuir para aumentar a sua segurança em momentos de maior fragilidade do estado de saúde: 75,3% gostariam de contar com a presença de alguém que os acompanhasse às consultas médicas e 49,4% vêem favoravelmente a permanência de alguém à noite na sua casa quando se sentem adoentados.

Os anseios dos idosos são reiterados em algumas afirmações transcritas por Maria Ester Vaz da Silva (2006, p. 200), principalmente os relacionados a manter-se na própria casa, em contato com os próprios pertences, familiares e amigos próximos:

“era melhor ficar com familiares, não estava com estranhos”, “preferia ficar com os sobrinhos, na própria casa ou na deles”, “então uma pessoa quando é nova, trata de ter uma casinha, ter conforto e depois de velha vai para o Lar?”, “em nossa casa a gente mexe em tudo, naquilo que é nosso. Ali não”.

As pesquisas a respeito da população idosa têm mostrado desta forma que, além de políticas sociais que tenham em vista a heterogeneidade desse grupo, é premente a realização de trabalhos educativos de acolhimento e de respeito a individualidades, a instituições, devendo estender-se a familiares.



## 1.2 – Envelhecimento Ativo e Envelhecimento Saudável

*“Criar é matar a morte”*

*Romain Rolland (1866-1944)<sup>1</sup>*

O que é Envelhecimento Ativo, expressão adotada pela Organização Mundial da Saúde (OMS) no final dos anos 90 (OMS, 2002, p.14)?

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), o Envelhecimento Ativo, “meta para políticas e programas” (OMS, 2002, p.7), “é o processo de otimização das oportunidades de saúde, participação e segurança, com o objetivo de melhorar a qualidade de vida à medida que as pessoas ficam mais velhas” (OMS, 2002, p.13). Está intimamente relacionado ao “bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida” (OMS, 2002, p.13). A OMS enfatiza a qualidade de vida, em sentido amplo:

A qualidade de vida é, claramente, a tônica dominante da definição e, ainda que as condições de saúde sejam realçadas, estão longe de contemplar apenas os aspectos médicos. O envelhecimento activo não se restringe ao âmbito dos comportamentos promotores da saúde; leva também em consideração os factores ambientais e pessoais que interagem com as condições de saúde (Cabral, 2013, p.13).

Cronologicamente, considera-se a idade mínima de 60 anos como referencial do *status* de idoso. Embora possa representar uma faixa etária baixa para algumas sociedades, há “variações significativas relacionadas ao estado de saúde, participação e níveis de independência entre pessoas mais velhas que possuem a mesma idade” (OMS, 2002, p.6). Silva (2006, p.172) comenta que “Os contextos sócio-económicos e as doenças são dimensões também responsáveis pela variedade de 'velhices', o que induz a dizer que a velhice pode acontecer em qualquer idade”.

De acordo com Silva (2006, p. 11) “as diferenças individuais coexistem com a velhice, o que contradita a tendência da sociedade moderna em homogeneizá-la num único grupo etário normativamente iniciado aos 65 anos de idade”. Como afirma Silva (2006, p.11), “a velhice é um conceito abstrato, uma categoria socialmente construída”. A perspectiva que o adjetivo ativo adiciona ao vocábulo envelhecimento é a de o idoso participar continuamente “nas questões sociais, econômicas, culturais, espirituais e civis” (OMS, p.13). Ainda segundo a OMS, a referência não é “somente à capacidade de estar fisicamente ativo ou de fazer parte da força de trabalho” (OMS, p.13).

O envelhecimento ativo, de acordo com traços comuns da literatura disponível, caracteriza como o indivíduo vive e age nessa fase irremediável de sua existência, de maneira que tenha

---

<sup>1</sup> Romancista, novelista, biógrafo e músico francês

qualidade de vida e uma vida ativa, minimizando os entraves dos limites naturais da perda de energia. Consequentemente, essa participação não depende unicamente da pessoa idosa. Pelo contrário, o maior peso sobre essa condição recai sobre as políticas sociais e logicamente sobre familiares, no tocante à sua dedicação e condição socioeconômica.

No documento “Processos de Envelhecimento em Portugal – Usos do tempo, redes sociais e condições de vida”, os pesquisadores alertam que o fato de as organizações internacionais adotarem o paradigma do envelhecimento ativo não significa que desenvolvam sempre a mesma abordagem. Esta reflete “preocupações e soluções distintas, que resultam, em parte pelo menos, dos objectivos e do âmbito de intervenção que caracterizam essas organizações” (Cabral *et al.*, 2013, p.13). Trata-se apenas de um termo comum que se constitui, como bem dizem os pesquisadores, “paradigma” para as questões que o envelhecimento coloca, não implicando, porém, desdobramentos comuns a todas as instituições e, consequentemente, a todas as sociedades.

O tema do envelhecimento está claramente inscrito na agenda internacional. Desde a ONU, através da Organização Mundial de Saúde (OMS), até à Comissão Europeia (CE), passando pela OCDE, todas estas organizações promovem iniciativas que visam alertar as sociedades para os problemas do envelhecimento e definir medidas susceptíveis de dar corpo às políticas públicas vocacionadas para a resolução desses problemas. A última dessas iniciativas, actualmente a decorrer nos países membros da União Europeia, é a celebração do Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações em 2012 (Cabral *et al.*, 2013, p.p 12-13).

De acordo com a definição da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico (OCDE), Envelhecimento Ativo diz respeito à

capacidade de as pessoas que avançam em idade levarem uma vida produtiva na sociedade e na economia. Isto significa que as pessoas podem elas próprias determinar a forma como repartem o tempo de vida entre as actividades de aprendizagem, de trabalho, de lazer e de cuidados aos outros (OCDE, 1998: 92. In Cabral *et al.*, 2013, p. 13).

E, de acordo com a Comissão Europeia (CE), trata-se de “uma estratégia coerente visando permitir um envelhecer saudável nas sociedades envelhecidas”. (CE, 2002: 6. In Cabral *et al.*, 2013, p. 14).

Ainda no entendimento da Comissão Europeia (CE, 2002: 6), segundo informam Cabral *et al.* (2013, p.14), para tanto conta-se com

a educação e a formação ao longo da vida; o prolongamento da vida activa; o adiamento da entrada na reforma e, mais progressivamente, por conseguir que as pessoas idosas se tornem activas durante a reforma e realizem actividades que reforcem as suas capacidades e preservem a saúde (In Cabral *et al.*, 2013, p. 14).

Entende-se, portanto, que Envelhecimento Ativo – na condição de padrão estratégico contra a inatividade – é fruto de consenso do reconhecimento da necessidade de providências, mediante o

novo cenário do envelhecimento populacional. Os caminhos e o tratamento, porém, que traduzem o Envelhecimento Ativo não são padronizados, tendo em vista a natural influência do campo de atuação de cada Organização Internacional. A expectativa comum, de acordo com a ótica desse paradigma, é que “a inatividade surja o mais tarde possível” (Cabral *et al.*, 2013, p. 15). As medidas assim advindas seriam traçadas de maneira que o fim da carreira profissional não implicasse necessariamente o início da inatividade (Cabral *et al.*, 2013, p. 15).

São José e Teixeira (2014), em seu artigo intitulado “Envelhecimento Ativo: contributo para uma discussão crítica”, propõem olhar, criticamente, para as referências teóricas sobre Envelhecimento Ativo, a título de contribuição ao debate a respeito, concluindo que há diferentes visões sobre Envelhecimento Ativo, mas que as referências que fundamentam a ideia comum “envelhecer ativamente”, subjacente nesses conceitos, são reduzidas, e que o ideal de “ser produtivo”, implícito nas “diferentes concepções de envelhecimento ativo, tem fraca correspondência com a realidade”. No percurso da revisão bibliográfica que fazem, chamam a atenção para posicionamentos que consideram mais “radicais”, os quais demonstram apoiar-se na “teoria da atividade” (Havighurst, 1961. In São José e Teixeira, 2014). De acordo com os autores São José e Teixeira (2014, p.30):

A “teoria da atividade” sugere que a manutenção de atividades e papéis sociais nas fases adiantadas da vida está associada a níveis mais elevados de bem-estar e de qualidade de vida. Porém, esta teoria tem sido criticada pelo facto de homogeneizar a população idosa, de ser irrealista no que respeita aos grupos de idades mais avançadas (Walker, 2002; Bowling, 2008), e ainda por negligenciar as desigualdades de oportunidades e de recursos (Walker, 2002).

Os autores analisam também a “teoria da continuidade” (Atchley, 1989. In São José e Teixeira, 2014), suporte de elaborações mais “moderadas” a respeito do Envelhecimento Ativo. Essa teoria sugere

que as pessoas idosas com melhor qualidade de vida são aquelas que transportam para as idades mais avançadas as atividades, atitudes de estilos de vida que tinham na “meia-idade”, também reconhece que o mais importante não é a quantidade de atividades realizadas, mas sim a sua qualidade do ponto de vista das avaliações realizadas pelas pessoas idosas. Além disso, reconhece que nas fases mais adiantadas da vida existem processos de ajustamento e de adaptação (São José e Teixeira, 2014, p.30).

Os autores trazem a informação de que a “teoria da continuidade” é “acusada de também negligenciar as estruturas de desigualdade social e a diversidade dos padrões de envelhecimento” (Bowling, 2008. In São José e Teixeira, 2014, p.30).

Nessa busca teórica, os autores defendem como mais “realistas” as proposições do Envelhecimento Ativo que poderão estar fundamentadas na “proposta teórica de Vincent Caradec (2007)”. Como pontos principais dessa proposta têm-se a própria realidade em que se baseia e o respeito à heterogeneidade. De acordo com São José e Teixeira (2014, p.31), Caradec (2007) empresta

de Danilo Maruccelli o “conceito de 'desafio' (épreuve)”, o qual sustenta o “quadro conceptual” de sua proposta, na abordagem do “envelhecimento”, pondo em foco “a 'grande idade' (80 e mais anos...)”, ciente do não consenso da classificação:

[...] Caradec sugere que as pessoas pertencentes a esta categoria etária enfrentam um grande “desafio”, constituído por uma tensão entre “desligar-se do mundo” (ex.: abandono de atividades e de relacionamentos) e “manter-se ligado ao mundo” (ex.: reorganização das atividades e engajamento em novos relacionamentos). Na ótica de Caradec (2007, 2010) a “reorganização de atividades” (déprise), que decorre do aparecimento de novos constrangimentos com o avançar da idade, como por exemplo os problemas de saúde, a diminuição da “energia vital” e a rarefação de “oportunidades de engajamento”, joga um papel de destaque nesta tensão. A “déprise” tem, segundo este autor, uma natureza dual: é um processo (de reorganização de atividades) e também o resultado deste processo (uma tendência, em média, para uma diminuição da realização de atividades). [...] Por último, Caradec enfatiza que o “desafio da grande idade” é enfrentado de formas diferentes, dado que as pessoas possuem diferentes recursos pessoais (saúde, capacidades cognitivas e emocionais, etc.) e sociais (ajudas técnicas e humanas, oportunidades de engajamento, etc.) (São José e Teixeira, 2014, pp.30-31).

De acordo com a leitura de São José e Teixeira (pp. 49-50) sobre as semelhanças e diferenças entre as concepções emitidas pela OCDE, OMS e União Europeia sobre Envelhecimento Ativo,

A concepção da OCDE é “individualista e tendencialmente economicista”, enquanto no polo oposto temos a concepção da oms, que é “solidária, multidimensional, humanista e sensível aos contextos de vida”. A concepção da ue (União Europeia) está mais próxima da concepção da oms e caracteriza-se por ser “solidária, tendencialmente economicista e instrumental, e menos sensível aos contextos de vida” (São José e Teixeira, 2014, p.49-50)

Os autores classificam a concepção da OMS como a mais heterogênea, com base na análise que realizaram, e questionam, “em concordância com Walker (2002), porque é que a ue não adota, definitivamente, esta concepção” (São José e Teixeira, 2014, p. 50). Antes, porém, destacam que a concepção da OMS leva em conta os contextos de vida, “pois enfatiza que o ea é um processo socialmente estruturado”, ênfase que, de acordo com os autores, “também tem suporte na proposta teórica de Caradec (2007. In São José e Teixeira, 2014, p.44).

Em relação aos ganhos que as concepções de Envelhecimento Ativo podem trazer aos indivíduos, São José e Teixeira (p. 44) acentuam que há benefícios específicos conjecturados nas concepções de Envelhecimento Ativo procedentes da OMS e da União Europeia, considerando adotarem “uma perspectiva de percurso de vida”. Essa perspectiva, de acordo com os autores,

implica, entre outras coisas, o reconhecimento de que a forma como envelhecemos depende da forma como vivemos no passado. As políticas de ea que reconheçam este processo poderão tornar-se num instrumento efetivo de prevenção da ocorrência de problemas e dificuldades nas fases mais adiantadas da vida (Walker, 2002). Por outro lado... promove o reconhecimento de que as vidas das pessoas são heterogêneas e de que as pessoas idosas não formam um grupo homogêneo (Who, 2002; Foster, 2012). [...] ... abordagem inclusiva,... decorre, em grande

parte, da ancoragem do ea não só à responsabilidade individual, mas também à responsabilidade coletiva. Ademais, ambas as concepções reconhecem que algumas pessoas não possuem recursos nem oportunidades para serem “ativas” e advogam que estas não deverão ficar excluídas dos benefícios potenciais do ea.

No tocante a concepções do Envelhecimento Ativo que defendem a “individualização”, ou seja, a “responsabilidade individual”, alertam sobre a consequência de prevalecer o “dever de ser ativo” sobre “o direito de ser ativo” (São José e Teixeira, 2014, p. 48).

Inspirados na “proposta teórica de Caradec (2007)”, sugerem duas questões como reflexão:

Ao longo do percurso de vida, envelhecer bem não passará por respeitar a idade e o envelhecimento humano? Nas fases mais adiantadas da vida, envelhecer bem não passará por uma aceitação de descontinuidades com o passado, nomeadamente em termos de saúde, de atividades e de relacionamentos, e, simultaneamente, pela realização de ajustamentos face a limitações? (São José e Teixeira, 2014, p. 50).

As interpretações diversas incitam a discussão sobre o que contribuiria, de fato, com a qualidade de vida e o bem-estar na velhice, considerando a rede entrelaçada, necessariamente, entre condições socioeconômicas e culturais e de saúde do indivíduo, apoio familiar e políticas públicas, bem como instigam reflexões a respeito do que depende a adoção de “hábitos saudáveis” que contribuam com a prevenção de doenças e a promoção da saúde, garantindo a tão esperada qualidade de vida, principalmente na velhice, de maneira que as pessoas estejam estimuladas à atividade e em condições físicas e mentais para exercê-la. Cabral & Silva (2010), mencionados em Cabral *et al.* (2013, p.15), põem em questão a sustentação do discurso que sintetiza as orientações do Envelhecimento Ativo – “estilos de vida saudáveis” e os “bons hábitos de saúde”, ponderando que a superação de “hábitos saudáveis” dependem, logicamente, de condutas de nossa parte, “mas também, sobretudo, pelo papel preventivo que as políticas públicas e os profissionais de saúde devem desempenhar, neste domínio, junto das pessoas com maiores carências e, em especial, os mais velhos” (Cabral & Silva, 2010. In Cabral *et al.*, 2013, p.15). E, com clara suspeita ante indícios, complementam: “Ora, não é certo – há mesmo alguma evidência em contrário – que esse papel esteja a ser desempenhado eficazmente” (Cabral & Silva, 2010, in Cabral *et al.*, 2013, p.15).

A política de saúde Envelhecimento Ativo tem gerado discussões importantes, como a mencionada por Cabral *et al.* (2013, p.16), que, embora reconhecendo a preponderância do trabalho como instituição integradora da pessoa na sociedade, aventam a possibilidade de controvérsias a respeito do real interesse em que se assenta a referência Envelhecimento Ativo:

[...] os princípios do envelhecimento activo têm sido usados para justificar o adiamento da idade da reforma, ditado sobretudo pela necessidade de assegurar a sustentabilidade financeira da segurança social, o que obriga, no actual quadro da política de transferência intergeracional e de baixa taxa de fecundidade, ao prolongamento das carreiras contributivas. [...] O discurso do envelhecimento activo tem assim um carácter, simultaneamente, pragmático e ideológico,

onde recomendações indiscutivelmente vantajosas para os indivíduos, independentemente da sua condição social, se misturam com recomendações ditadas por considerações e interesses económicos alheios aos da maioria dos idosos (Cabral *et al.*, 2013, p. 16).

Essa linha de pensamento fica evidente nas metas estabelecidas no âmbito da Estratégia Europeia para o Emprego. O intuito é aumentar o tempo para a “saída do mercado de trabalho na União Europeia ou de elevar para 50 por cento a taxa média de emprego de homens e mulheres entre 55 e os 64 anos” (Cabral *et al.*, 2013, p.17). De acordo com Cabral, subjaz nessas medidas a supressão dos “incentivos à reforma antecipada e, através de formação adequada”, o prolongamento das “carreiras profissionais e contributivas” (Cabral *et al.*, 2013, p.17). Diferentemente de outras definições atribuídas ao Envelhecimento Ativo, nessa ótica é interpretado como “o conjunto de orientações e acções de natureza política que visa assegurar uma maior participação económica dos grupos etários mais velhos ainda em idade activa” (Pestana, 2003, p.13. In Cabral *et al.*, 2013, p.17).

Pautada na economia, considerando que é decorrente de “preocupações em torno da sustentabilidade do sistema de segurança social”, conforme explicam Cabral et al. (2003, p. 17), a pretensa solução privilegia o ponto de vista económico,

“na medida em que se limita a considerar a necessidade de repor certos equilíbrios no mercado de trabalho e de conter a despesa com a segurança social, ignorando, ou pelo menos secundarizando, outras dimensões relevantes, que devem ser levadas em conta quando se pretende adequar as condições de trabalho ao aumento da longevidade da população” (Cabral *et al.*, 2013, p.17).

Naegele (1999) e Walker (2002), mencionados por Cabral *et al.* (2013, p.17), reconhecem que “o envelhecimento Activo não pode reduzir-se a uma única vertente, seja a financeira, a escassez de mão-de-obra ou as (des)vantagens competitivas”. De acordo com os teóricos, “deve também ter em consideração o curso de vida dos indivíduos e a condição social de cada idoso”.

Ora, o conceito de envelhecimento ativo sugere uma expectativa advinda, principalmente, de contexto externo ao idoso, ou seja, de condições que lhes sejam oportunizadas, mas também imputadas, com o intuito expresso de incluí-lo na vida social, em todos os seus segmentos, em condições de saúde.

Parte significativa da população idosa carece de qualidade de vida, negada, não raro, em razão dos baixos valores de aposentadoria, que lhes impõe, muitas vezes, a reinserção informal, ou até formal, implicando, de qualquer forma, uma sobrecarga de trabalho danosa e incompatível com suas condições físicas, mentais e emocionais.

Partindo do pressuposto de que todas as pessoas devem trabalhar e/ou ter uma atividade, considerando que a vida é movimento, e, ainda, de que a subsistência depende de dinheiro e de que todos os indivíduos são passíveis de perda das "condições orgânicas", como processo natural, urge

criar mecanismos dignos de reinserção de pessoas idosas no trabalho, de forma a garantir sua subsistência, assim como, no caso dos não aposentados, favorecer-lhes condições para a sua permanência no trabalho durante o tempo a cumprir, requerido para se aposentar (Xavier, 1971).

A discussão a respeito de diferenciais trabalhistas, tendo em vista que o mesmo espaço de trabalho tende a comportar gerações diferentes, antes em processo de substituição sistemática da geração idosa, é inadiável, para que o restabelecimento do idoso no mundo do trabalho aconteça, de fato, de forma inclusiva, em funções e com carga horária compatíveis com suas "condições orgânicas", sem perda salarial, de maneira que consiga responder com dignidade ao cumprimento de suas funções e dispor, integralmente, de sua capacidade de trabalho, colocando à disposição da sociedade, dignamente, a sua experiência de pessoa vivida.

A capacidade de trabalho do idoso pode estar comprometida se o número de horas de trabalho for incompatível com seu estado físico. Além da observância a determinados postos de trabalho que requerem "esforço físico" (Cabral *et al.*, 2013, p.43), é necessário aparato legal para que a carga horária seja diferenciada, com diminuição gradativa de horas de trabalho, sem perdas salariais e independentemente se homem ou mulher, sob pena de se praticar a exclusão em nome da inclusão.

Encontramos apoio em Cabral *et al.* (2013, p. 20), quando tecem a seguinte conjectura: "O trabalho não pode causar danos à saúde; tem de ser capaz de adaptar-se aos condicionalismos da idade e ser uma fonte de auto-satisfação".

E nesse contexto do prolongamento da vida ativa, alerta

Para que não se produza a marginalização dos idosos é necessário criar condições que permitam às pessoas sentirem-se motivadas para prolongar a vida activa, desde que tenham condições de saúde para o fazer e que as condições de trabalho o possibilitem (Cabral *et al.*, 2013, p. 19).

A situação do idoso tornar-se-á mais grave se não houver uma conscientização generalizada sobre o assunto envelhecimento, incluindo autoridades que legislam, sobretudo os “teóricos do envelhecimento activo”, a população em geral e, principalmente, os “actuais activos [...] porque é destas categorias que as propostas do envelhecimento activo estarão mais dependentes no futuro” (Cabral *et al.*, 2013, p. 56), e deveras preocupante se não for observada a conformação necessária do "mercado de trabalho ao envelhecimento da população activa", confiando-se que não haja sobreposição apenas de medidas orçamentárias. A esse respeito, Cabral *et al.* (2013, p.43) pontuam, usando como referencial a pesquisa realizada em Portugal já mencionada, algumas lacunas existentes e a premência de ajustamentos fundamentais para uma efetiva "adequação do trabalho ao envelhecimento":

[...] pode pressupor-se que, sem uma adequação do trabalho ao envelhecimento, o

prolongamento da vida activa dificilmente será benéfico [...] Na perspectiva da produtividade, o aumento da idade da reforma é susceptível de trazer problemas adicionais ao envelhecimento da população activa, não só em termos de condições de saúde, em especial, embora não exclusivamente, das profissões e actividades mais expostas ao esforço físico, mas também em termos de formação, em virtude do seu acelerado desajustamento às exigências tecnológicas, tornando a segunda parte da carreira mais exposta a riscos e mais difícil de gerir. Também as expectativas sociais relativas à reforma, que até há bem pouco tempo alimentavam uma idade de reforma mais precoce, se confrontam hoje com uma reconversão forçada que não ajuda a desenvolver o clima motivacional que os teóricos do envelhecimento activo consideram necessário para um prolongamento voluntário e produtivo da vida profissional.

Silva (2006, p.34) ratifica esses riscos, advertindo sobre a reciprocidade de efeitos indesejáveis que podem ocorrer entre “actividade, profissão e estado de saúde”:

[...] cada um dos termos pode ser causa ou efeito, na medida em que uma má saúde dificulta a aquisição de uma qualificação ou de estudos prolongados, da mesma forma que a falta de qualificação pode provocar o desemprego que, por sua vez, pode induzir perturbações no estado de saúde. Um estudo efectuado por Mizrahi e Mizrahi (1997) sobre a morbilidade individual, em França, mostra que a ausência de qualificação e a situação de desemprego aparecem como os riscos sociais mais importantes que contribuem para o envelhecimento prematuro (Silva, 2006, p.34).

É notório que, à medida que o tempo passa, toda questão de ordem cultural avança em novo padrão de entendimento e comportamento. A visão sobre o envelhecimento é de ordem cultural, não apenas do ponto de vista de medidas advindas de novas políticas sociais, mas também do ponto de vista das pessoas, as quais, conforme alertam Cabral *et al.* (2013, p. 19) precisam “desde já problematizar a aceitação dessas mudanças”, pois, conforme explica, “sem a sua aceitação, a preparação para o seu próprio envelhecimento poderá ficar comprometida”. Antes, porém, contextua que, embora as reformas que dizem respeito ao “prolongamento da idade activa estejam fortemente impulsionadas pelas pressões financeiras sobre o sistema de segurança social”, também visam “adaptar os indivíduos e a sociedade a um cenário em que as pessoas vivem mais e se mantêm saudáveis por mais tempo”.

A cultura retrógrada ainda insistente é claramente observada na invisibilidade do idoso, presente em pequenas situações corriqueiras à espera de iniciativas que minimizem, em lugares públicos – como a própria arquitetura das cidades – e no atendimento de serviços públicos, o seu desgaste físico e emocional e contribuam para o seu bem-estar e para a sua participação efetiva na sociedade.

Instalada nova mentalidade, os equívocos tendem a ser desfeitos e, seja essa ou aquela motivação surgida ante o impacto de dados que mostram o aumento da população idosa, a tendência esperada no decorrer do tempo é que políticas e programas sejam reconsiderados e revistos, em favor de todos os segmentos promotores de efetiva qualidade de vida, condição essencial para a atividade



de pessoas idosas.

De acordo com Cabral *et al.* (2013, pp. 18-19),

[...] compete às políticas públicas assumirem essa conexão [conexão social entre a forma de viver e a forma de envelhecer e morrer, concomitante às ameaças da fragilidade da saúde física e mental, do estigma e da quebra dos laços sociais, bem como às múltiplas formas de dependência que pesam sobre os velhos] e corrigi-la em tempo útil ou compensá-la se já não forem a tempo de a corrigir. É na conjugação entre as determinações que resultam das trajetórias anteriores e as respostas da política pública, no que respeita à oferta de serviços e de apoios, que a actual condição “idosa” deve ser entendida (*A inclusão de outro trecho dos autores, colocado entre colchetes, foi nossa iniciativa, para maior clareza*).

Não é de se estranhar, de fato, que o aspecto econômico tenha sido a primeira saída vislumbrada mediante o impacto populacional. Porém, a realidade mostra que só essa vertente ampliada não sustenta o equilíbrio social. Há de se ter em conta a relação e interação de vários pilares presentes no estudo do envelhecimento, “como a vida familiar, o emprego, a educação, a integração sociocultural, a saúde e a qualidade de vida, sem esquecer os preconceitos associados à idade (idadismo) que acentuam o seu estatuto marginal” (Cabral *et al.*, 2013, p.17).

Cabral *et al.* (2013, p.17) fazem a seguinte consideração sobre o conceito do Envelhecimento Ativo:

O paradigma do envelhecimento activo surge, assim, como um programa de intervenção na sociedade voltado para a mudança da condição do idoso, procurando ao mesmo tempo responder aos problemas do aumento da longevidade. Não é meramente uma justificação para o aumento das carreiras activas e contributivas em virtude do desequilíbrio entre activos e inactivos, assim como da pressão social e económica que esse desequilíbrio coloca ao sistema de segurança social. Com efeito, o envelhecimento activo convida a reformular a articulação entre a atividade e a reforma, entre o trabalho e a saúde, entre a participação e a exclusão, enfim, convida a que se caminhe para uma sociedade sem discriminações em torno da idade.

O impasse sobre as várias concepções pode ser dirimido quando se pensa em examinar o envelhecimento sob duas perspectivas distintas, conforme observam Cabral *et al.* (2013, p.18): “a do curso de vida e a da transição da actividade para a inactividade”.

A *perspectiva do curso de vida* (Cabral *et al.*, 2013, p.18) está relacionada ao processo individual do envelhecimento de cada pessoa; portanto, distinto em cada indivíduo. Cada caso apresenta-se como um caso. Assim sendo, não há delimitação para a velhice, ou seja, não há “uma transição fixa para a velhice” (Cabral *et al.*, 2013, p.18), um ponto fixo, a partir do qual esta se inicia. Nesse aspecto, trata-se de um processo em que “as mudanças em curso tendem a introduzir transições graduais” (Cabral *et al.*, 2013, p.18), que contrariam a existência de uma idade comum que seja um marco de “entrada na velhice” (Cabral *et al.*, 2013, p.18). Isso, conseqüentemente, é um obstáculo para se considerar o envelhecimento como “uma fase de vida homogénea”, ou considerá-lo como referência de um “grupo etário com atributos ou interesses comuns [...]” (Cabral *et al.*, 2013, p.18).

Pelo contrário, nessa perspectiva “o envelhecimento surge como um processo contínuo sem transições que estabeleçam fronteiras nítidas entre um antes e um depois para mudanças que ocorrem, não raras vezes, imperceptivelmente, ao longo do curso de vida” (Cabral *et al.*, 2013, p.25).

Já a *perspectiva da transição da actividade para a inactividade* (Cabral *et al.*, 2013, p.19) está relacionada à “passagem à inactividade” de “um grupo etário específico, cuja constituição resultaria da transição para a reforma e do consequente abandono da vida activa”. Essa transição abrupta, descontínua “marcaria a entrada noutra idade social: a da velhice” (Cabral *et al.*, 2013, p.18).

Segmentar fases, nominalmente demarcadas, e enquadrar nessas fases, de forma homogênea, grupos, tendo como critério o número de anos de vida, é fruto de uma convenção social criada para atender a determinados objetivos e fins. Trata-se de uma classificação convencional.

Esses dois parâmetros podem suscitar orientações seguras que consolidem o Envelhecimento Ativo, convergindo os vários segmentos das políticas públicas para a projeção e a implementação de ações realistas, justas e eficazes na tarefa de abrandar destinos traçados pela fatalidade em cadeia *curso de vida comprometido/velhice comprometida*, na medida em que possibilitam abordagens distintas que levam em conta todas implicações do passar dos anos na vida de uma pessoa, sem ignorar a heterogeneidade que caracteriza o processo de envelhecimento.

Não é de se estranhar, nesse sentido, que a Organização Mundial de Saúde (OMS) tenha estabelecido a política Envelhecimento Saudável como meta para o período 2015-2030, enfatizando a adjetivação “saudável”, com foco na busca do bem-estar, prioridade em torno da qual “o processo de desenvolvimento” e “a capacidade funcional” (OMS, 2018) estariam a serviço. Inferimos que a OMS reconhece, ainda, após esse período de maturação do Envelhecimento Ativo, na condição de conjunto de diretrizes políticas desenvolvidas em 2002, que a “diversidade” e a “desigualdade” são fatos concretos, quando se trata do processo de envelhecimento. As políticas sociais precisam atender a todo tipo de velhices, sejam estas quais sejam. Em outras palavras, é o que consta em texto publicado em 26 de maio de 2018, no *site* da World Health Organization (WHO, 2018). De acordo com essa publicação, “aproximadamente 75% da diversidade de capacidade e circunstância observada na velhice é o resultado do impacto cumulativo de vantagens e desvantagens na vida das pessoas”, ou seja, há aquiescência da parte da Organização Mundial de Saúde no que tange à forte influência do ambiente em que se vive e/ou em que se viveu no processo de envelhecimento. É o assentimento da heterogeneidade nessa nova orientação da OMS.

### 1.3 – Considerações Sobre Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento Ativo e Saudável

*A velhice é um processo natural e quem não passar por esse processo é porque morreu (D.V.).*

O conceito de saúde tem passado por consequente revisão, considerando as implicações das novas perspectivas nos terrenos sociais, tecnológicos e científicos. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2016), trata-se de “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afeções e enfermidades”. Imprime-se o raciocínio de que na medida em que “não existem doenças estritamente locais, não há também saúde local”.

Nesse entendimento, inexistência de doença, por si só, não conceitua saúde. Conforme advoga Moraes (citado em Moraes, 2012, p. 10), o conceito de saúde está atrelado à “capacidade de realização de aspirações e da satisfação das necessidades e não simplesmente como a ausência de doenças”. Argumenta que

A maioria dos idosos é portadora de doenças ou disfunções orgânicas que, na maioria das vezes, não estão associadas à limitação das atividades ou à restrição da participação social. Assim, mesmo com doenças, o idoso pode continuar desempenhando os papéis sociais. O foco da saúde está estritamente relacionado à funcionalidade global do indivíduo, definida como a capacidade de gerir a própria vida ou cuidar de si mesmo. A pessoa é considerada saudável quando é capaz de realizar suas atividades sozinha, de forma independente e autônoma, mesmo que tenha doenças (Moraes, 2009. In Moraes, 2012, p. 10).

Em outro momento, o autor reforça o conceito de saúde em relação ao idoso:

A própria portaria que institui a Política Nacional de Saúde da Pessoa Idosa considera que “o conceito de saúde para o indivíduo idoso se traduz mais pela sua condição de autonomia e independência que pela presença ou ausência de doença orgânica” (BRASIL, 2006. In Moraes, 2012, p. 10).

Reportando-nos ao entendimento de bem-estar relacionado ao conceito de saúde, nota-se estreita vinculação entre o conceito de saúde e o de Envelhecimento Ativo, cuja definição também está intimamente ancorada à expectativa do “bem-estar físico, social e mental ao longo do curso da vida” (OMS, 2002, p.13).

Segundo Moraes (2012, p. 10),

Bem-estar e funcionalidade são equivalentes. Representam a presença de autonomia (capacidade individual de decisão e comando sobre as ações, estabelecendo e seguindo as próprias regras) e independência (capacidade de realizar algo com os próprios meios), permitindo que o indivíduo cuide de si e de sua vida.

Observa-se que há uma relação intrínseca entre o conceito de saúde, o de bem-estar e o de envelhecimento ativo.

Ainda de acordo com Moraes (2012, p. 24), há “diversas alterações estruturais e funcionais”, as quais, conquanto representem certa privação ao indivíduo, configuram o “envelhecimento normal”.

Esse declínio normalmente não traz nenhuma restrição da participação social do indivíduo, apesar de caracterizarem uma deficiência. Admite-se que, no envelhecimento normal, o indivíduo apresente, no máximo, uma lentificação global no desempenho das tarefas do cotidiano (limitação das atividades).

Descarta-se, portanto, nessa lógica, o sentido de doença para perdas que qualificam um ciclo natural, diferentemente da concepção de velhice, adotada “durante os séculos XIX e XX”, que era vista pela “ciência médica” “como o atrofiamento dos órgãos e dos tecidos celulares, fixando-se na medicalização como resposta à disfuncionalidade desse processo” (Lellouch, 1992. In Silva, 2006, p. 149).

Ratificando o entendimento de que a velhice é “um fenómeno natural não patológico” (Lehr, 1988. In Silva, 2006, p. 149), de acordo com o Ministério da Saúde (2006, p.8), “A Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS) define envelhecimento como *um processo sequencial, individual, acumulativo, irreversível, universal, não patológico, de deterioração de um organismo maduro, próprio a todos os membros de uma espécie, de maneira que o tempo o torne menos capaz de fazer frente ao estresse do meio-ambiente e, portanto, aumente sua possibilidade de morte*”. Essa definição legitima o comentário de Silva (2006, p. 149) – “Emerge a noção de heterogeneidade da velhice relacionada com a variedade das trajetórias individuais” –, ao mesmo tempo que sinaliza a irreversibilidade das alterações fisiológicas.

De acordo com Evangelista (2010), “o conceito de envelhecimento é multifatorial”, atributo que ratifica a heterogeneidade do processo de envelhecimento. Na sequência, o autor adverte que “na literatura, podemos encontrar diversas definições do que é envelhecimento”, como a proposta por Burger (1957), que define “envelhecimento” como “a alteração irreversível da substância viva em função do tempo” (In Evangelista, 2010), corroborando, assim, a inexorabilidade das alterações fisiológicas.

Iminentes no chamado “envelhecimento normal” (Moraes, 2012, p. 24), as principais alterações em órgãos, tecidos e sistemas no organismo humano ocorrem na *Pele, Audição, Paladar, Olfato, Visão, Composição Orgânica, Sistema Cardiovascular, Sistema Respiratório, Sistema Renal, Trato Urinário Inferior, Trato Gastrointestinal, Sistema Hepatobiliar, Sistema Nervoso Central, Sistema Imune, Sistema Hematológico e no Sistema Osteomioarticular* (Motta, 2013).

## CAPÍTULO 2 – LEGISLAÇÃO BRASILEIRA DE PROTEÇÃO AO IDOSO<sup>2</sup>

Este capítulo objetiva apresentar o enquadramento sociolegal que resulta do «despertar» para a problemática do Envelhecimento populacional, entendido enquanto processo social que representa uma mudança estrutural e que, como se argumentou, começa a atingir a sociedade brasileira. A existência deste enquadramento ratifica, justamente, a validade social do presente estudo, considerando o fato de haver legislação pertinente e recente a demonstrar a importância de compreender os processos individuais e coletivos de envelhecimento.

Nessa perspectiva, em atendimento à nova realidade demográfica, o Brasil passou a contar, a partir de 4 de janeiro de 1994, com a Lei nº 8.842, que “Dispõe sobre a política nacional do idoso, cria o Conselho Nacional do Idoso e dá outras providências”, e, sistematizando ações, promulgou a Lei 10.741, em 1º de outubro de 2003, a qual “Dispõe sobre o Estatuto do Idoso e dá outras providências”.

### 2.1 – Lei Nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994

O artigo 1º da Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, expressa todos os preceitos a respeito do idoso, divulgados pela OMS: “Art. 1º (...) assegurar os direitos sociais do idoso, criando condições para promover sua autonomia, integração e participação efetiva na sociedade”.

O artigo 2º também, de acordo com a OMS, endossa sessenta anos como marco inicial do *status* de idoso.

Três segmentos, de acordo com o inciso I do artigo 3º, que trata dos princípios que regem a política nacional do idoso, são os responsáveis por proteger o idoso, assegurando-lhe todos os direitos da cidadania e garantindo sua participação na comunidade, defendendo sua dignidade, bem-estar e o direito à vida – a família, a sociedade e o estado.

O inciso II do artigo 3º alerta que o processo de envelhecimento diz respeito à sociedade em geral. Portanto, o acesso à informação precisa contemplar todos. Em seguida, no inciso III, chama a atenção para a não discriminação, de qualquer natureza, ao idoso, e, no inciso IV, determina que o idoso seja o principal agente e o destinatário das transformações advindas da política nacional do idoso. Finalizando, o artigo 3º, em seu inciso V, traz o alerta de que a aplicação desta lei (Lei 8.842) não discrimina diferenças econômicas, sociais, regionais e o meio rural e o urbano.

Como uma das diretrizes da política nacional do idoso, mencionadas pelo Artigo 4º, está sua

---

<sup>2</sup> Neste capítulo foram incluídos estudos referentes à legislação brasileira de proteção ao idoso, realizados em grupo, do qual participamos como membro, sob a regência da *Unidade Curricular Legislação Social* deste mestrado, ministrada pela Professora Doutora Luísa Delgado. Melo, A. P. de; Santos, D. L. de; Fredenhagem, S. V.; Medeiros, T. A. A. (2016). IDOSO. Trabalho apresentado na Unidade Curricular Legislação Social. Instituto Politécnico de Santarém. Portugal.

participação, quer no tocante ao convívio e integração às demais gerações, quer no tocante à sua representação no que se refere às políticas, planos, programas e projetos.

Outra diretriz da Lei está relacionada a uma questão muito importante sobre o amparo ao idoso, que é priorizar seu atendimento pela própria família, colocando em segundo plano o atendimento asilar, salvo em casos de necessidade premente. Essa determinação legal confirma uma mudança cultural em relação à valorização do idoso. Chama a família à responsabilidade para com o idoso, e, no inciso VIII, contempla os idosos desabrigados e sem família, destacando a priorização de seu atendimento em órgãos públicos e privados prestadores de serviços.

O inciso V do Artigo 4º mostra a valorização dos profissionais da área, que até há algum tempo eram em número muito escasso, como é o caso dos geriatras, e até pouco ou nada conhecidos, como é o caso dos gerontólogos, profissionais que incorporam em seu atendimento a nova visão que se tem sobre o envelhecimento. Esse inciso valoriza a capacitação e a reciclagem dos recursos humanos, assim como o inciso IX apoia “estudos e pesquisas sobre as questões relativas ao envelhecimento”, inserindo esta nova área de estudo, a Gerontologia, que, em seus preceitos, condiz com as atuais abordagens divulgadas pela OMS do processo de envelhecimento. De acordo com a Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia, trata-se do estudo do envelhecimento nos aspectos biológicos, psicológicos, sociais e outros.

Os profissionais da Gerontologia têm formação diversificada, interagem entre si e com os geriatras. Campo científico e profissional dedicado às questões multidimensionais do envelhecimento e da velhice, tendo por objetivo a descrição e a explicação do processo de envelhecimento nos seus mais variados aspectos. É, por esta natureza, multi e interdisciplinar. Na área profissional, visa a prevenção e a intervenção para garantir a melhor qualidade de vida possível dos idosos até o momento final da sua vida (Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia).

As garantias para implementação de medidas são tratadas no Artigo 5º, que versa sobre a proposta orçamentária no âmbito da promoção e assistência social e sua submissão ao Conselho Nacional do Idoso. Em seu parágrafo único, atribui responsabilidades aos ministérios das áreas de saúde, educação, trabalho, previdência social, cultura, esporte e lazer, convocando-os a “elaborar proposta orçamentária, no âmbito de suas competências, visando ao financiamento de programas nacionais compatíveis com a política nacional do idoso”. O Artigo 19 determina a consignação, nos respectivos orçamentos, dos recursos financeiros necessários à implantação das ações, cuja implementação esteja sob a responsabilidade dos governos federal, estaduais, do Distrito Federal e municipais.

Há um rol de medidas intersetoriais e de órgãos acionados para implementação de ações governamentais em favor dessa causa, que tem proporções ascendentes, conforme nos mostram as

pesquisas em relação ao número de idosos.

O Artigo 10, parte do Capítulo IV, que trata Das Ações Governamentais, elenca as competências dos órgãos e entidades públicos, no tocante à implementação da política nacional do idoso. Para essa responsabilidade, convoca, em seus incisos, as seguintes áreas: I- promoção e assistência social; II- saúde; III- educação; IV- trabalho e previdência social; V- habitação e urbanismo; VI- justiça; VII- cultura, esporte e lazer.

Além da visão sempre voltada às necessidades básicas do idoso, incluindo o amparo à saúde e sua profilaxia, o amparo aos direitos do idoso e relativos à habitação, destacam-se, dentre as competências descritas no Artigo 10, a criação de centros de convivência, centros de cuidados diurnos, casas-lares, oficinas abrigadas de trabalho, atendimentos domiciliares; a implementação de estudos, levantamentos, pesquisas e publicações sobre a situação social do idoso, além da promoção de formação de recursos para atendimento ao idoso. E nesse sentido, incluem-se o desenvolvimento de formas de cooperação entre as Secretarias de Saúde dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios e entre os Centros de Referência em Geriatria e Gerontologia para treinamento de equipes interprofissionais, bem como a Geriatria como especialidade clínica, para efeito de concursos públicos federais, estaduais, do Distrito Federal e municipais. No que concerne aos estudos valorizados na atualidade, preveem-se ainda nessas competências a adequação de currículos, metodologias e material didático aos programas educacionais destinados ao idoso, além da inserção nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, conteúdos voltados para o processo de envelhecimento e, ainda, a inclusão da Gerontologia e da Geriatria como disciplinas curriculares nos cursos superiores, o desenvolvimento de programas educativos a respeito do assunto para a população, o desenvolvimento de programas por meio do ensino a distância e a criação de universidade aberta para a terceira idade. No que diz respeito ao trabalho, o inciso IV trata da garantia de mecanismos que contribuam para a sua participação no mercado de trabalho, no setor público e privado, e contempla ainda a questão de atendimento do idoso nos benefícios previdenciários e de programas de preparação para aposentadoria. Um outro ponto interessante abordado pela lei, em seu Artigo 10, inciso VII, que muitas vezes vai na contramão do que se pensa tradicionalmente sobre o idoso, diz respeito a sua participação e acesso à cultura, esporte e lazer.

## **2.2 – Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003**

A Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, composta por 118 (cento e dezoito) artigos, desenvolvidos sob 7 (sete) títulos, institui o Estatuto do Idoso, “destinado a regular os direitos assegurados às pessoas com idade igual ou superior a 60 (sessenta) anos”, conforme reza o seu Art. 1º.

O Art. 2º menciona a garantia ao idoso da “preservação de sua saúde física e mental e seu aperfeiçoamento moral, intelectual, espiritual e social, em condições de liberdade e dignidade”.

Na sequência, o Art. 3º trata dos segmentos responsáveis por “assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, ao trabalho, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária”. O artigo atribui a responsabilidade à família, comunidade, sociedade e Poder Público.

Em seguida, o Art. 4º legaliza a proteção que deve ser dispensada ao idoso, sob pena de punição do transgressor ao seu não cumprimento: “Nenhum idoso será objeto de qualquer tipo de negligência, discriminação, violência, crueldade ou opressão, e todo atentado aos seus direitos, por ação ou omissão, será punido na forma da lei”.

Em suma, os quatro primeiros artigos mostram, de certa forma panoramicamente, os grandes temas que darão origem ao desenvolvimento dos demais artigos, que os detalharão.

O estatuto aborda temas previstos no exercício da cidadania, oficializando, dessa forma, direitos do idoso até então não legislados e dependentes de boa vontade. Nos seus sete títulos inclui várias discussões temáticas – algumas delas sujeitas a atualização/alteração pela própria dinâmica dos tempos –, desenvolvidas nos respectivos capítulos, os quais detalham cada caso e o papel de órgãos envolvidos e a aplicação de leis subsidiárias, de maneira a atender as possíveis lacunas na proteção ao idoso. A saber: Previdência Social; Assistência Social; Habitação; Transporte; Medidas de Proteção; Medidas Específicas de Proteção; Política de Atendimento ao Idoso; Entidades de Atendimento ao Idoso; Fiscalização das Entidades de Atendimento; Infrações Administrativas; Apuração Administrativa de Infração às Normas de Proteção ao Idoso; Apuração Judicial de Irregularidades em Entidade de Atendimento; Acesso à Justiça; Ministério Público; Proteção Judicial dos Interesses Difusos, Coletivos e Individuais Indisponíveis ou Homogêneos; Crimes e Crimes em Espécie.



### 2.3 – Considerações sobre a legislação

Com a promulgação da Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, instalam-se, no Brasil, o início de nova mentalidade e as balizas para novo comportamento ante o idoso. Após quase uma década, promulga-se a Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, a qual concorre para a garantia da legitimidade do respeito ao idoso, determinando ações concretas em favor de nova postura da sociedade brasileira. Como já mencionado, institui o Estatuto do Idoso.

A partir de então, desencadearam-se várias medidas como desdobramento das leis. Todos os segmentos da sociedade voltaram suas vistas ao processo de envelhecimento, inclusive o meio acadêmico, que, despertado para essa área de atuação, passou a preparar-se para atender essa nova realidade, reconhecendo campos de estudos.

Embora o processo de envelhecimento populacional venha ocorrendo há tempos, o reconhecimento acadêmico da Gerontologia como área de conhecimento é ainda recente. Diferentes autores têm feito referência à juventude da nova ciência, localizando, entretanto, seu nascimento no fim da década de 1940. Desde então esse campo interdisciplinar vem se consolidando e a criação de cursos – como o Programa de Estudos de Pós-Graduados em Gerontologia/Mestrado da PUC-SP – tem contribuído para sistematização científica do conhecimento construído sobre esse tema (PUC-SP, 2016).

Como Ações Governamentais, de acordo com o Artigo 10 da Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994, todas as competências atribuídas a cada área não só ensejam uma mudança cultural da população ante o idoso, como também uma mudança de comportamento do próprio idoso frente a si mesmo. Com certeza, o reflexo voltado a transformar a visão de si próprio, que desperta sua percepção sobre as possibilidades dessa fase da vida, é o primeiro passo a uma nova mentalidade e conduta. Conforme reza o Artigo 10, inciso III, alínea b, a inserção de conteúdos voltados para o processo de envelhecimento, nos currículos mínimos, nos diversos níveis do ensino formal, visam eliminar preconceitos e produzir conhecimentos sobre o assunto. Não há dúvida de que o conhecimento é um antídoto do preconceito, que é uma enorme porta fechada para qualquer mudança. Outro aspecto que evidencia respeito ao idoso é na questão do urbanismo. Este denuncia a presença desse respeito ou ausência. Em sua alínea d, inciso V, o Artigo 10 determina a diminuição de barreiras arquitetônicas e urbanas, em favor da acessibilidade ao idoso. Isso é um indicativo de avanço de mentalidade.

Todas essas medidas são reiteradas pela Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003, que consagra o Estatuto do Idoso. Ao contrário de uma compreensão da velhice como fase decadente de vida, em todas as suas acepções, o estatuto institui uma visão não ilusória, porém mais otimista dessa fase da vida. Certamente a legislação é um primeiro passo de consolidação de nova mentalidade diante da velhice, que “passou a ser uma preocupação das políticas sociais quando a sua visibilidade se tornou

expressão pública por razões demográficas. Até ao século XVIII, a velhice era publicamente 'invisível' [...]” (Silva, 2006, p.64). Como justificativa dessa invisibilidade, a autora encontra complemento nas palavras de Fernandes (1997: 23):

A solidariedade para com os idosos [era] praticamente uma solidariedade familiar, privada, remetida para o interior do espaço doméstico. Na ausência desta, a velhice desprotegida era atirada para o espaço público, identificada com a mendicidade e recebia então algum consolo das instituições de caridade.

Não obstante a abrangência de direitos e proteção à pessoa idosa garantidos nas duas leis, na prática muito se há por fazer e implementar, considerando, inclusive, a complexidade que representa a dimensão geográfica do Brasil.

### CAPÍTULO 3 – METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

A considerar a própria natureza desta investigação, tendo em vista seus objetivos, optamos pela pesquisa qualitativa, escolhendo como instrumento de coleta de informações a entrevista semidiretiva.

Prevaleceu – do planejamento das questões à análise das entrevistas – a “perspectiva do curso de vida” (Cabral *et al.*, 2013: p.18). Conforme exposto em 1.2, diz respeito ao processo individual do envelhecimento de cada pessoa, estabelecendo, assim, maior coerência com a proposta desta pesquisa, que elegeu os relatos de vida, orientados para o resgate do percurso de vida, narrativamente reconstruído pelo sujeito através de entrevista semidiretiva, como perspectiva de análise e de compreensão das representações e de toda a subjetividade envolta no contexto da vida de cada participante. Nesse sentido, o tratamento dado às entrevistas e a observação impressa durante o diálogo com os idosos foram realizados sob a ótica da heterogeneidade do processo de envelhecimento.

Serviu-nos de parâmetro a “postura analítica e de reconstrução do sentido”, uma das três posturas preconizadas por Demazière e Dubar (1997), na qual se considera “que o sujeito é uma 'síntese activa' do todo social e pretende se realizar uma análise de conteúdo que tente interpretar a relação entre o sentido subjectivo da acção, o acto objectivo (práticas sociais) e o contexto social em que decorrem as práticas em análise” (In Guerra, 2006, p.31).

De acordo com Guerra (2006, pp.28-32), fazendo referência à postura mencionada – a “postura analítica e de reconstrução do sentido” –, em caso de entrevistas qualitativas, o papel do investigador é fundamental, no sentido de não se limitar “a contar o que lhe contaram”, porém interpretar “essa narração, produzindo as categorias e proposições (hipóteses explicativas) indispensáveis no entendimento dos fenómenos através de um processo indutivo com origem na própria narração – e não da sua relação com as categorias oficiais”.

Ainda na defesa da “postura analítica e de reconstrução do sentido”, Bertaux (1991), citado por Guerra (2006, pp.32-33), considera como uma das “potencialidades das metodologias indutivas”, no tocante às histórias de vida, o favorecimento de “organizar a dimensão temporal, quer do ciclo de vida do indivíduo ou da família, quer deste e da conjuntura exterior num processo dinâmico e de relações recíprocas”.

Abordando o tratamento do material para a análise de conteúdo, Guerra (2006, p. 62) sustenta que esta “tem uma *dimensão descritiva* que visa dar conta do que nos foi narrado e uma *dimensão interpretativa* que decorre das interrogações da analista face a um objecto de estudo, com recurso a um sistema de conceitos teórico-analíticos cuja articulação permite formular as regras de inferência”.

Guerra (2006, p. 65) menciona que Demazière e Dubar, sob a contribuição de Glaser e Strauss, “defendem que os dados empíricos são o ponto de partida e a matéria-prima de qualquer teoria”. Orientam que “um conjunto de questionamentos abertos” são estruturados, “mas centrados nas problemáticas que investigam recolhendo informações”. Sobre a teoria, asseveram que esta “é construída interrogando indutivamente os dados empíricos”.

O modelo de análise de conteúdo que nos serviu de guia e referencial baseia-se nas propostas de Poirier e Valladon (1983. In Guerra, 2006: p.68). Apoiamo-nos nas referências contidas no livro Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo, de Isabel Guerra (2006), segundo a qual “estamos situados nos paradigmas da análise compreensiva e indutiva”, em que “há lugar para uma grande capacidade de interpretação, ou inferência por parte do investigador” (Guerra, 2006: p.61).

Guerra (2006, p. 61) fundamenta, ao referir-se à análise de conteúdos, que nos paradigmas “da análise compreensiva e indutiva”, “as propostas convencionais de análise de conteúdo de carácter hipotético-dedutivo” são recusadas. Pontua que “nos paradigmas indutivos há lugar para uma grande capacidade de interpretação, ou inferência, por parte do investigador [...]”.

Fugimos, portanto, de desestruturar o discurso do entrevistado, em favor de contemplar categorias pré-determinadas ou de confrontar hipóteses ou, ainda, de negar o rigor da análise pautada na subjetividade. A propósito, Esteves (1998, p. 43), em seu artigo “Metodologias Qualitativas – Análise Etnográfica e Histórias de Vida”, dá notícias do reconhecimento conferido à “subjetividade das metodologias qualitativas”. De acordo com Esteves (1998, p. 43), Lalive d’Épinay “sustenta que a pergunta mais interessante em ciências humanas não é: 'que podemos fazer da história de vida apesar da sua subjectividade?', mas 'qual o contributo da história de vida graças à sua subjectividade?'”.

Conforme explica Guerra (2006),

toda a análise temática e, mais globalmente, as análises taxinómicas são portadoras da mesma lógica 'positivista' do questionário. Nestas concepções, a concepção da palavra subjacente ao uso ilustrativo da entrevista pode resumir-se nos traços seguintes: a palavra não tem consistência própria, é puramente informativa ou constitui um conjunto de postulados a inserir na lógica comprovativa das hipóteses teóricas do investigador. Enfim, considera-se que, enquanto expressão, a linguagem é subjectiva e elemento de “ilusão”, fornecendo, no entanto, material de comprovação (...) das hipóteses do investigador (Guerra, 2006, p.30).

E não foi esse o peso que atribuímos às palavras dos entrevistados, as quais, aliás, vêm confrontadas, apoiadas e complementadas pelo concurso do olhar, dos gestos, do gesticular... dos silêncios... dos intervalos, das entrelinhas. Captar esse conjunto e o que não é observável tampouco medido, sim, foi o nosso intento, atribuindo-lhes o devido valor na interpretação dos dados. A esse respeito encontramos apoio nas orientações de Silva (2006, p.156), quando define a “técnica de

entrevista” como “uma ferramenta de observação sociológica que utiliza o discurso (onde se incluem as manifestações que o acompanham tais como o riso ou o choro, o silêncio, a mímica, etc.) como material de observação”.

### 3.1 – Público-alvo

O público-alvo desta pesquisa foram idosos institucionalizados e não institucionalizados, residentes em Brasília, Distrito Federal (DF), capital do Brasil, localizada na região Centro-Oeste do país. Brasília é uma cidade planejada, fundada em 1960, no governo de Juscelino Kubitschek – Presidente do Brasil no período de 1956 a 1961. A título de referência, o Distrito Federal, cujo território foi desmembrado do Estado de Goiás (IBGE, 1970), conta com uma população, estimada até 2017, de 3.039.444 habitantes, de acordo com o IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2017), distribuída em 31 Regiões Administrativas. Brasília é a “primeira Região Administrativa do DF”. Sua “principal atividade econômica [...] é o funcionalismo público. A segunda atividade econômica é o comércio” (Anuário do DF, 2018). Pelo pouco tempo de existência, Brasília foi formada por pessoas oriundas dos vários estados brasileiros. A diversidade cultural é uma de suas características. A pesquisa desenvolveu-se na própria cidade de Brasília/DF. As pessoas entrevistadas procedem efetivamente de cinco estados brasileiros: duas nasceram no Rio de Janeiro; uma na Bahia; uma no Maranhão; duas em Goiás; e duas em Minas Gerais.

No total, foram entrevistados oito idosos, sendo quatro não institucionalizados e quatro institucionalizados, residentes em instituição particular – paga, portanto.

Na perspectiva do estudo de casos, foi realizada uma observação direta, na residência ou na instituição em que moram, e, por meio da entrevista e da conversa informal, sob as orientações metodológicas da observação naturalista, foram colhidos os dados para posterior análise qualitativa. A nossa atenção esteve voltada à busca da compreensão da influência dos percursos de vida sobre os sentidos atribuídos pelos idosos ao processo de envelhecimento. Somente, então, a partir dessas respostas, foi possível constatar se suas expectativas e desejos para si mantêm acordo com o que preceitua a política de saúde conhecida como Envelhecimento Ativo.

Entrevistamos cinco mulheres e três homens, todos na faixa etária compreendida entre 77 e 98 anos, segmento que, segundo informação coletada em Cabral *et al.* (2013, p.60), é referido como “quarta idade” ou “a Grande Idade”, correspondendo a 75 anos ou mais (Cabral *et al.*, 2013, p.288).

Devido à longevidade e às condições de vida e de saúde dos indivíduos, o período do pós-trabalho tende a ser dividido em dois subperíodos, referidos em certas terminologias por terceira e quarta idades (ou a Grande Idade). A primeira, que se inicia a partir do momento em que o indivíduo se reforma, caracteriza-se pelo facto de os indivíduos, libertos dos constrangimentos do tempo de trabalho, terem autonomia, disponibilidade e condições para ocuparem o tempo da forma como mais desejarem. Consequentemente, o início do pós-

trabalho é um tempo de autodeterminação que permite a realização de projectos e actividades antes vedados, qualquer que fosse a razão, e mesmo de reconfiguração e redescoberta da identidade. Por estas razões, os níveis de satisfação aparecem mais associados a este período do que ao segundo, normalmente identificado com a diminuição da autonomia e virtude da perda das capacidades funcionais e cognitivas (2013, p.60).

Embora tivéssemos em mente um intervalo menor, delimitando, em média, a idade mínima de 78 e a máxima de 88, o critério de escolha foi definido também pelos dirigentes da instituição, que levaram em conta o estado de lucidez da pessoa que ali residia – condição da qual realmente não podíamos abrir mão e que limitava o número de idosos disponíveis. Dessa forma, havemos por bem não considerar a idade máxima. No caso das pessoas não institucionalizadas, foi mais fácil atender à nossa intenção primeira, em relação ao limite de idade, pois a decisão de escolha das pessoas a serem entrevistadas ficou totalmente ao nosso encargo. De qualquer forma, o intervalo de duas décadas não indicou, conforme resultado das entrevistas, significativa diferença cultural entre gerações, fato que nos tranquilizou, por não ser o nosso objetivo especular e comparar grupos distintos, fosse no tocante a faixa etária, ou a gênero, a região ou a variáveis de ordem social e econômica e outras, tampouco explorar a compreensão que os indivíduos que não estejam vivenciando essa fase da existência humana têm sobre o processo de envelhecimento ou sobre a velhice.

A única variável existente nesta pesquisa, se assim podemos considerar, é que no grupo de entrevistados, como já se mencionou, há idosos institucionalizados e idosos não institucionalizados, particularidades cuja comparação, embora não fizesse parte dos objetivos da pesquisa, foi levada em conta na análise dos dados, considerando a evidência e relevância de alguns pontos significativos observados, no tocante ao fato de que morar hoje em uma instituição é um dado importante para a pesquisa como desdobramento da história de vida dessas pessoas que lá residem. De qualquer forma, consideramo-los como grupos homogêneos em relação à vivência do processo de envelhecimento, uma vez que o percurso de vida de cada um foi trilhado, na “grande” maior parte do tempo (diríamos, “em quase sua totalidade”), fora da instituição.

### **3.2 – História de vida: método de referência**

Pela natureza da pesquisa, tendo em vista os seus objetivos, havemos por bem adotar os relatos de vida, construídos por meio da entrevista semidiretiva. A escolha dos relatos foi inspirada no método “História de Vida”, considerando a proximidade de propósitos encontrados em informações sobre esse método qualitativo.

De acordo com Meneghel (2007, p. 118), Histórias de Vida são relatos orais, autobiografias, entrevistas em profundidade e outros documentos orais ou testemunhos escritos.

Silva *et al.* (2007, p.25) sustentam que “O método de História de Vida objetiva apreender as

articulações entre a história individual e a história coletiva, uma ponte entre a trajetória individual e a trajetória social”. Em seu relato, exemplificam contando que o antropólogo Oscar Lewis (1914-1970), no livro de sua autoria intitulado *The Children of Sanchez*, “faz uso da recolha da história de vida de uma família mexicana visando apreender os diversos aspectos da vida dessa família de uma forma mais abrangente” (Silva *et al.*, 2007, p.p 30-31).

Callejo (2006, p. 226), comentando a obra de Daniel Bertaux, sociólogo que “introduziu na França, nos anos 70, os trabalhos da Escola de Chicago<sup>3</sup> e tem uma vasta publicação do método até os dias de hoje”, diz que é dada especial ênfase ao registro de recorrências como base para a passagem do particular para o geral. Essas informações nos valeram sobremaneira na observação dos percursos de vida, considerando os aspectos culturais e de costumes das gerações a que tivemos de estar atentos (costumes e conceitos de época), visando dilatar a nossa compreensão na interpretação a respeito do que se passava individualmente. Daí termos o método História de Vida como referência.

---

3 “Por Escola de Chicago costuma-se designar um conjunto de trabalhos de pesquisa sociológica realizado, entre 1915 e 1940, por professores e estudantes da Universidade de Chicago”, criada em 1890 (In Silva *et al.*, 2007, p. 30). Silva *et al.* (2007, p. 30) complementam que “as contribuições mais significativas quanto a constituição da história de vida como método surgem com a chamada Escola de Chicago”.

### 3.3 – Entrevista

*O vivido é irrecuperável em sua total vivacidade.  
(Queiroz, 1983, p. 85. In Manzini, 2008)*

Escolhemos a entrevista como método por excelência, não como braço de qualquer outro método caracterizado como veículo comprobatório. A escolha foi feita na convicção de que a entrevista poderia nos trazer respostas fidedignas e elucidativas da realidade subjetiva (entendendo que estas palavras – realidade subjetiva – não se contrapõem, mas, pelo contrário, se completam) dos entrevistados, sem necessitar de qualquer método de caráter quantitativo, tradicionalmente detentor da palavra final.

Sobre essa questão, Guerra (2006, p. 28), reportando-se a Lazarsfeld e Merton, menciona que

a entrevista era definida como a obtenção de informação mediante uma conversa de natureza profissional e, porque subjugada ao onnipotente questionário, ele sim representativo, nunca foi pensada com rigor e regras sistemáticas de aplicação e aferição. Aliás, infelizmente, o uso selectivo da palavra das pessoas parecia frequentemente servir (e ainda hoje serve) para apoiar as demonstrações do investigador, não se garantindo uma análise de conteúdo rigorosa.

Valemo-nos da entrevista semidiretiva, considerando, por um lado, a necessidade de liberdade relativa dos respondentes e, por outro, a necessidade, sempre que conveniente, de o entrevistador reorientar o assunto em favor da condução dos objetivos desta dissertação, caso o entrevistado estivesse desviando-se muito do foco pretendido. Além disso, uma mudança de rumo por parte do entrevistador foi naturalmente prevista, tendo em vista reações e respostas oportunas dos entrevistados. Muitas vezes inesperadas, essas reações, não raro, corrigem o guião, adequando-o para cada caso específico. Previmos que momentos ocorreriam em que pontuar a conversa seria de grande valia para preencher lacunas que porventura ocorressem no processo de entendimento dos percursos de vida e, principalmente, das representações que o entrevistado traz sobre a velhice.

Valadas e Gonçalves (2010, p. 2), em seu artigo “Aspectos metodológicos do inquérito por entrevista”, a esse respeito fundamentam:

A nossa opção por uma entrevista semiestruturada ou semidiretiva justifica-se se considerarmos as potencialidades desta estratégia. Por um lado, permite reorientar o guião da entrevista em função das verbalizações e reações dos entrevistados (Bardin, 2004); por outro, nem todas as intervenções do entrevistador são previamente determinadas (Bisquerra, 1989; De Ketele & Roegiers, 1993, 1999; Fox, 1981). Acresce o facto de possibilitar a expressão dos entrevistados, uma vez que as informações recolhidas refletem o melhor das suas representações sobre a temática em análise.

Tratando ainda da pertinência dessa estratégia, Valadas e Gonçalves (2010, p. 2) acrescentam, apoiando-se em Bogdan e Biklen (1994) e Ghiglione e Matalon (1997), que para estes autores,

esta estratégia de recolha de dados é especialmente adequada quando o investigador tem por



objetivos: a) analisar o sentido que os atores atribuem às suas práticas e aos acontecimentos com os quais são confrontados (sistema de valores, referências normativas, interpretações em situações conflituosas, leituras que fazem das suas próprias experiências); b) analisar um problema específico (dados, pontos de vista, sistemas de relações, funcionamento de uma organização, etc.); e ainda c) reconstituir um processo de ação, experiências ou acontecimentos do passado.

Nesta pesquisa, na qual se busca verificar o sentido que os idosos atribuem à velhice, por meio de seus relatos de vida, destacaríamos a concordância, principalmente, com as alíneas a) e c) da citação mencionada acima. Fazendo menção à alínea a), o confronto se dá ao se verificar se essa representação que traz apresenta congruência com os pressupostos do Envelhecimento Ativo e Saudável. No tocante à alínea c), a reconstituição se dá quando o entrevistado é chamado a falar sobre o seu percurso de vida. Automaticamente há um processo de autoanálise, de autojulgamento, dentro do qual, mesmo que em plano hipotético, o idoso reconstitui os fatos de sua vida. É preciso levar em conta que nem sempre há conformidade entre a visão construída no passado sobre a velhice, representação que advém das influências socioculturais, dentre outras influências, e a velhice que se vive em tempo real.

Silva (2006, p.155) destaca a importância desse confronto:

A pesquisa faz apelo às práticas e comportamentos da vivência actual em confronto com a vivência do passado – a memória construída que se tem do que se esperava, de como se imaginava que tal vivência viria a ser. Em que medida elas são reveladoras da percepção do envelhecimento e velhice e de si próprio enquanto 'pessoa de idade', baseada na relação com a inserção sócio-profissional do passado (vida activa) e com a inserção social actual ('pessoa de idade').

Espera-se que os percursos de vida expliquem a correspondência ou o desencontro entre a representação projetada no passado sobre a velhice e como o idoso a sente agora.

### 3.3.1 – Guião das entrevistas para coleta de dados

Com o intuito de estabelecer um contato mais amigável com cada entrevistado, em busca de conhecimento e compreensão de seus percursos de vida, foi construído um guião, inspirado em Joana Caldeira, Ester Vaz e Teresa Costa Pinto (in Isabel Guerra, 2006, p.55), que compreendeu temas que uniram – glosando Machado de Assis em Dom Casmurro – “*as duas pontas da vida*”<sup>4</sup>: infância e velhice.

Os temas foram escolhidos na perspectiva de que fossem abordados os vários aspectos da vida: Infância e Relações familiares; Escola; Namoro, Lazeres, Amigos; Casamento e Relações familiares; Trabalho, Aposentadoria; Rotina diária/atividades; Representações da velhice; Considerações finais. Em concordância com Guerra (2006, p. 53), que faz alusão à “clarificação dos objectivos e dimensões de análise que a entrevista comporta” como “a questão mais importante na construção do guião da entrevista”, deixamos expresso na grelha um objetivo próprio para cada tema, sempre relacionado ao objetivo geral e relacionado com pelo menos um objetivo específico. Dessa forma, o guião foi construído “em função dos objectivos que decorrem da problematização”.

Esses temas originaram questões para a entrevista, formuladas como um primeiro passo do contato. Como já o dissemos, as questões poderiam desencadear outras perguntas, não formuladas mas oportunas mediante as respostas dos entrevistados (Ver Anexo A).

### 3.3.2 – Condução das entrevistas

Conforme mencionamos no guião das entrevistas, este foi baseado na proposta de Joana Caldeira, Ester Vaz e Teresa Costa Pinto (in Isabel Guerra, 2006, p.55). Assim também em relação às Orientações Gerais, adaptadas para a nossa realidade, de acordo com o Guião das Entrevistas (Anexo A).

Assim o fizemos, cabendo-nos registrar que cedemos a gravação para dois entrevistados, a pedido deles próprios e dos filhos, sempre de comum acordo com os respondentes. Ficou clara nessas solicitações a importância que o registro tinha como recordação, tanto para os entrevistados quanto para os filhos. No caso dos idosos não institucionalizados, entramos em contato com eles, porém, primeiramente com um membro da família, que favoreceu o contato e concordância prévia. Fomos recebidos nas suas residências, com exceção de um dos casos, que foi em espaço externo da instituição que frequenta.

---

<sup>4</sup> E apenas a título de localização da consagrada expressão que nos ocorreu, eis a fala do romancista: “O meu fim evidente era atar as duas pontas da vida, e restaurar na velhice a adolescência. Pois, senhor, não consegui recompor o que foi nem o que fui. Em tudo, se o rosto é igual, a fisionomia é diferente. Se só me faltassem os outros, vá; um homem consola-se mais ou menos das pessoas que perde; mas falta eu mesmo, e esta lacuna é tudo. O que aqui está é, mal comparando, semelhante à pintura que se põe na barba e nos cabelos, e que apenas conserva o hábito externo, como se diz nas autópsias; o interno não aguenta tinta” (Assis, p.94).

Nos casos em que a entrevista ocorreu na residência, durante ou após, os respondentes fizeram questão de oferecer café, guloseimas e até sopa, em um dos casos, que teve uma duração maior. Entrevia-se na receptividade de todos que aquele momento tinha importância para eles, principalmente por terem alguém com quem falar. A preparação para esse momento e certa expectativa ficaram evidentes na postura de cada um, incluindo os institucionalizados.

Os momentos pós-entrevista foram muito ricos. Oportunidade de estreitarmos a amizade, de mostrarem, espontaneamente, álbuns com acompanhamento de narração das histórias que marcaram cada foto, de mostrarem seus feitos, inclusive livros publicados, de mostrarem bordados, pinturas, até de confeccionarem na nossa presença enfeites de guardanapo de cozinha para nos ensinar e nos presentear. Isso evidencia o gosto por resgatar fatos e lembranças amortecidas. Com certeza essa atitude era um pedido de atenção e um sinal de tantos outros significados, obscuros até por quem convive com eles.

Encontramos similaridade na atitude de entrevistados perante o entrevistador, em outras experiências narradas, como a de Silva (2006) e de Meneghel (2007):

Cada entrevista teve a duração aproximada de duas horas e meia, havendo casos em que a conversa continuava depois da entrevista terminar. Esses momentos eram de maior familiaridade com a entrevistadora levando os entrevistados a mostrar objectos pessoais, desde fotografias suas e de familiares a obras de melhorias que tinham feito nas casas e, por vezes, a querer continuar a conversar de forma “mais solta” dado que o gravador estava desligado (Silva, 2006, pp. 163-164).

Em minhas pesquisas, as pessoas me acolheram em suas casas, ofereceram cafezinhos, chimarrão, comidas típicas, bebidas; mostraram objetos, fotos, notícias recortadas de jornais, pertences de familiares (Meneghel, 2007, p. 121).

Todos os entrevistados, com exceção de dois, do gênero masculino, pediram que os visitássemos com frequência.

No caso específico dos entrevistados institucionalizados, entramos em contato prévio com a instituição, expondo-lhes os nossos propósitos, oportunidade que tivemos de solicitar-lhes que avisassem a família sobre a entrevista e de destacar a importância da gravação e a necessidade de autorização para que pudéssemos gravar. A partir de então, os dirigentes selecionaram as pessoas que se dispunham a participar da pesquisa, cujas condições físicas e psíquicas permitissem. Dessa forma, a primeira entrevista nesse local foi agendada. O agendamento aconteceu gradativamente: no dia de cada entrevista ocorria o agendamento da próxima. Houve certo ruído, pois o local escolhido para que acontecessem, embora reservado, ficava em um espaço onde recebiam visitas. Proximamente, era um vai e vem de pessoas e funcionários. Mas nada disso impediu que realizássemos o trabalho satisfatoriamente. O nosso esforço foi para ouvir a gravação na hora de transcrever. Os pedidos de retorno da parte dos entrevistados institucionalizados eram mais contundentes. Era quase um clamor.

Provavelmente pela carência de familiares e pessoas com quem conversassem.

A duração das entrevistas variou, aproximadamente, entre uma hora e duas horas e meia.

Cada entrevista teve um desenvolvimento próprio, considerando as características do entrevistado, o curso de sua história e os fatos narrados a que ele deu ênfase. Por essa razão, a sequência das perguntas não foi rígida, em relação ao guião, tampouco sua formulação foi igual para todos os entrevistados, ou seja, um mesmo assunto foi introduzido por questão formulada de maneira diferente, em alguns casos. Conforme explica Manzini (2008),

A linguagem é um instrumento humano que permite expressar a mesma idéia em diferentes formas. De repente, no momento da entrevista, o entrevistador faz uma pergunta de uma forma diferente daquela que estava no roteiro, mas que parece ser melhor do que aquela pergunta que fora planejada e que constava do roteiro. A transcrição vai deixar transparecer essa informação. Também é comum a necessidade de refazer a pergunta no momento da entrevista, pois o entrevistador tem a sensibilidade de perceber a situação concreta e refaz a pergunta de outra forma. Essas informações serão importantes para inclusive reformular, melhorar e adequar o roteiro original.

O desenrolar das perguntas atendeu ao encadeamento da conversa, tendo em vista a decisão de não interromper o entrevistado em sua resposta, de onde surgiam, muitas vezes, outros temas e esclarecimentos significativos, sem, contudo, deixar de contemplar os temas propostos no guião, que fora elaborado para esse fim. Em suma, os temas previamente planejados foram preservados, porém as perguntas elaboradas para cumprir os temas, em alguns casos, sofreram alteração, tanto em seu teor, quanto em sua formulação. Ficou claro, durante as entrevistas, o imperativo de a sequência das perguntas não ser, rigidamente, linear. As entrevistas, realizadas pela própria pesquisadora, mostraram a necessidade da não linearidade em sua execução, em relação à ordem planejada no guião, conforme bem observa Guerra (2006, p. 53), sublinhando que “A questão mais importante é a clarificação dos objectivos e dimensões de análise que a entrevista comporta” (Guerra, 2006, p. 53):

A maior parte das vezes, os investigadores que conceberam a pesquisa também são quem realiza as entrevistas, pelo que, quando acabam de conceber o guião, já o conhecem perfeitamente e têm-no memorizado. Essa memorização permite seguir o discurso do entrevistado na sua lógica própria sem preocupação com a ordem do questionamento, introduzindo as perguntas de “lembança” quando oportuno, assemelhando-se a entrevista a uma conversa informal e fluida. De facto, nem o modo de perguntar nem a ordem das perguntas é importante [...]

Em favor da complementação e esclarecimento de ideias, o próprio discurso do entrevistado requer a quebra sequencial das perguntas, antes planejadas. Além disso, de forma acentuada, houve a ocorrência de uma resposta conter a antecipação de outras perguntas. Alguns entrevistados desenvolveram discursos que continham informações muito além do perguntado, discursos que

exigiram de nós certa diplomacia e delicadeza para reorientar o assunto, de forma a não ferir suscetibilidades e nem coibir a espontaneidade da pessoa, mesmo porque, em seus discursos havia uma riqueza de informações e essa era uma característica da pessoa, de sua personalidade. Era também uma questão de respeito que estava em jogo. Além disso, eram dados que compunham o quadro de análise.

Nessas situações, quando o entrevistado elaborava um discurso mais rico de informações para chegar ao cerne da pergunta, predominavam as questões, visando a uma coerência sequencial, surgidas a partir do discurso do entrevistado, desviando-se das questões elaboradas no guião, até porque, com frequência, já estavam respondidas no meio do discurso.

Com pouca incidência, houve entrevistados, pelo contrário, com tendência a respostas lacônicas. Estes necessitavam de um monitoramento mais amigável e de perguntas esclarecedoras, para que a conversa se deslanchasse e a entrevista não se tornasse um interrogatório. Nesses casos, nossas perguntas, que exerciam papel norteador, tanto eram construídas no momento da entrevista para esclarecimento das curtas respostas dadas, como também eram mais fiéis ao guião, pois, dificilmente havia respostas antecipadas. Ou seja, quanto menos discursiva era a resposta do entrevistado, aqueles que se limitavam a responder apenas o que tinha sido perguntado, mais sentíamos necessidade de nos orientar, à risca, pelas perguntas elaboradas no guião. As perguntas oportunas tinham caráter apenas esclarecedor, para complementar a resposta.

De qualquer forma, observamos que a entrevistada (E.5) ia se soltando aos poucos, e a sua história, delineando-se.

**Ela se separou quando a senhora era pequenininha?**

Não, já grandinha já.

**A senhora tinha contato com o pai?**

Não, mamãe era separada!

**Na sua época de juventude, quais os passeios que fazia? Que tipo de divertimentos tinha?**

Era baile...

**E os bailes da época, eram aqueles das grandes orquestras ou eram mais regionais?**

Mais caseiro.

Encontramos em Meneghel (2007, p.122) observações afins sobre sua conduta, na condição de entrevistadora: “[...] e os informantes variam desde os conversadores e desinibidos, que precisam de poucas perguntas para dar o rumo à conversa, até os calados, para os quais é útil a formulação de perguntas complementares”.

Os temas previstos constituem-se um primeiro traçado do mapa dos relatos de vida, como proposta visando obter respostas para o cumprimento dos objetivos da pesquisa; porém, permitiu-se, ainda, na condução da entrevista, uma margem de liberdade de resposta, tendo em vista a necessidade

de alinhar os fatos, preenchendo lacunas na composição de cada percurso, façanha que foi possível, principalmente, por meio do discurso “ao sabor das águas” do entrevistado.

### **3.4 – Procedimentos Analíticos: coleta de dados, análise das entrevistas e diálogos com a teoria**

Em um primeiro momento, conforme cronograma planejado, intencionávamos transcrever as entrevistas logo após a sua realização. Assim iniciamos. Muito rapidamente percebemos que essa ação planejada era precoce, pois precisávamos tomar posse do discurso dos entrevistados para que o trabalho de transcrição não só fluísse melhor como, e, principalmente, acontecesse em momento em que estivéssemos preparados para analisar as informações e perceber sua ligação com os estudos teóricos. Sentimos necessidade de voltar às leituras, simultaneamente às entrevistas, e ouvir exaustivamente as gravações para “quase decorar” as falas, em cuja sequência e entoações rememoradas encontraríamos respostas para formar o “quebra-cabeça” dos percursos de vida que intentávamos montar, ou melhor, desvelar. Nesse processo de escuta repetitiva, fomos recortando trechos que se destacaram como ilustrações de leituras e que já se nos mostravam como exemplos sustentados teoricamente. A simultaneidade das leituras e entrevistas favoreceu-nos reconhecer a teoria na prática: durante uma entrevista reconhecíamos teorias lidas, e durante as leituras reconhecíamos fatos narrados. Assim o fizemos. Seguimos um caminho intuitivamente traçado por se tratar de interpretações de subjetividades: entrevistávamos, ouvíamos várias vezes a mesma gravação, recortávamos trechos das entrevistas, assim como das leituras, fundamentando teoricamente a prática. Foi um ir e vir entre teoria e prática: aproxima, recua; estabelece contato, revê teorias e referenciais interpretativos. A partir, então, um esboço das primeiras interpretações surgiam e uma pré-análise dos dados ia sendo esquematizada. Para esse caminho, que se nos apresentou e quase espontaneamente em campo, encontramos fundamento em Lionel-Henri Groulx, mencionado por Guerra (2006, p. 38):

enquanto que a abordagem hipotético-dedutiva considera primordial a definição do objeto de pesquisa e acciona uma aparelhagem técnica para o estudar, a pesquisa qualitativa apresenta um carácter iterativo e retroactivo: aí se encontra a simultaneidade da colheita de dados, da análise (descodificação e categorização, conceptualização) e da elaboração da questão da pesquisa que alguns apelidam de modelo de adaptação contínua [...]. O investigador continua a ler em função do movimento do seu objecto e explorará esta ou aquela avenida quer para delimitar as categorias provisórias de análise, quer para obter pistas de interpretação (1997, pp. 106 e 107).

Esse processo entre teoria e prática continuou acontecendo, agora quando da transcrição propriamente dita, concluídas todas as entrevistas. À medida que íamos transcrevendo, alguns depoimentos nos levavam automaticamente ao lido. Assim, localizávamos e recortávamos o trecho da fala para novas análises. Novamente foi um ir e vir entre as referências bibliográficas e as

enunciações dos entrevistados. Além disso, o momento da transcrição foi oportuno para a revisão de inferências e pareceres prévios anotados durante as entrevistas, confirmando-os ou desconsiderando-os.

De acordo com Manzini (2008):

O momento da transcrição representa mais uma experiência para o pesquisador e se constitui em uma pré-análise do material. [...] Apesar de o objetivo da transcrição ser transpor as informações orais em informações escritas, nesse processo, ocorre um segundo momento de escuta, no qual podem permear impressões e hipóteses que afloram intuitivamente durante o ato de escutar e transcrever. [...] Esses apontamentos, na maioria das vezes, são muito válidos para a interpretação dos dados. Essas impressões podem ser impressões que se corroboram, ou poderão, no futuro, ser descartadas.

Concluídas, entrevistas e transcrições, ou seja, depois de mergulhar na prática, experimentando-a, sentimos necessidade de retomar algumas leituras, cujas informações, agora, tiveram muito mais sentido e clareza para nós. No tocante ao preparo para a análise dos dados, baseamo-nos nas orientações intituladas “Tratamento do Material”, de acordo com Guerra (2006, p. 61). Buscamos preservar, na transcrição, o discurso do entrevistado, por meio de instrumentos preparados para esse fim (Ver Anexo B).

Guerra (2006, p. 28), fazendo referência a Demazière e Dubar (1997), em abordagem à “forma como as relações de causalidade eram demonstradas nos manuais de Sociologia”, esclarece em seu relato que “a lógica taxinômica da análise de conteúdo tradicional” caracterizava-se por fragmentar “o discurso em função de categorias estruturadas a partir da lógica do entrevistador”, que “identificava, isolava e comparava os temas de uma entrevista com as categorias definidas a priori”. E mais, nessa perspectiva, segundo a autora, “Ignora-se a coerência das entrevistas e não se está muito atento aos novos conteúdos introduzidos pelos interlocutores” (Guerra, 2006, p.29).

Nessa concepção, em que as categorias sociais estão no centro da análise, conforme descreve a autora, desmontam-se os discursos “reunindo-se os fragmentos em categorias sociológicas” (Guerra, 2006, p.66). Não foi esse o nosso propósito.

### **3.4.1 – Transcrição integral das entrevistas por respondente**

Contrariamente à visão exposta no último parágrafo de 3.4, nesta pesquisa interessou-nos que os sujeitos estivessem no centro da análise, prevalecendo, textualmente, sua fala e expressão, objetivando obter a sequência de respostas de uma única pessoa para facilitar a leitura de seu percurso de vida e, conseqüentemente a análise de dados. Garantimos, dessa forma, a transcrição integral da entrevista por respondente, preservando a sequência da conversa e a estrutura do discurso do entrevistado, texto integral do qual saíram as sinopses das entrevistas.

### **3.4.2 – Sinopses das entrevistas**

Com o mesmo propósito, o de subsidiar a análise dos dados, elaborou-se outra grelha (Anexo B) em que se comparam as respostas fornecidas pelos entrevistados sobre um mesmo tema, com o intuito de melhor visualizarmos os aspectos comuns das várias biografias, por meio da incidência de fatos e visões, ou ainda, pelo contrário, obter em destaque a diversidade existente no grupo, emanada das narrações.

Trata-se da transcrição de excertos da fala de cada entrevistado, agrupados por temas (categorias) e dispostos para análise comparativa, com o objetivo de visualizar semelhanças das respostas e “diversidade interna” (Guerra, 2006, p.39) contida na homogeneidade do grupo pesquisado, além de observar dados da história de vida que se repetem.

Conforme menciona Guerra (2006, p. 41) sobre “a definição do universo de análise”, citando Pires (1997), “pode considerar-se [...] a existência de [...] uma 'diversificação interna', quando, optando por um determinado grupo/situação homogênea, se explora a diversidade interna desse grupo”. Essa orientação foi bastante pertinente e oportuna para a análise dos dados desta pesquisa, tendo em vista o fato de os entrevistados comporem um grupo em situação de vivência comum: velhice/processo de envelhecimento.

Portanto, no tocante à estruturação do Anexo B, seguimos as orientações fornecidas por Guerra (2006, p.73), quando trata da “Construção das Sinopses das Entrevistas”. Define-as como “sínteses dos discursos que contêm a mensagem essencial da entrevista”, alertando para a necessária fidelidade da linguagem, em relação à fala dos entrevistados.



### 3.4.3 – Verificação ou descoberta: a emergência de novos conteúdos

*“A empregada mandava em mim. Eu pensava: Poxa vida, eu sempre fui ativa” (N.A).*

O discurso dos entrevistados permitiu-nos inferir algumas temáticas, por meio de informações expressivas, dignas de atenção e crédito, não só para a composição dos percursos de vida, mas também para as interpretações. Na condição de indicadores de conteúdos significativos, advindos dos depoimentos dos respondentes, surgem, ainda, como referenciais das orientações teóricas sobre o envelhecimento. Compreendemos esses outros assuntos como os “novos conteúdos” mencionados por Guerra (2006, p.29), ou ainda, glosando um trecho da citação abaixo, como aquilo *que não se espera encontrar*, contrariamente às “hipóteses de pesquisa, no sentido tradicional do conceito”, as quais a análise compreensiva não comporta. Conforme explica Guerra,

Assim, não se trata de verificar hipóteses, mas sim de ajudar à construção de um corpo de hipóteses que mais não é do que esse modelo explicativo potencial. [...] Assim, não parece haver lugar para a elaboração de hipóteses de pesquisa, no sentido tradicional do conceito, as quais se baseiam na relação linear entre variáveis, concebendo-se regularidades *que se espera encontrar* (Guerra, 2006, p.39) *(itálico nosso)*.

Não preestabelecemos, portanto, categorias prévias à espera de “comprovações de hipóteses do investigador” – nosso papel. Os outros assuntos conforme nossa compreensão de “novos conteúdos” (Guerra, 2006, p.29), extraídos do discurso dos interlocutores, surgiram também da apreensão de sentimentos, visões de mundo, valores, percepções ... toda emotividade contida nas palavras dos entrevistados, expressa ou veladamente. Assim sendo, não há respostas determinadas, rigidamente, a toda subjetividade emitida no discurso dos entrevistados, apreendida neste trabalho. A presença de impasses e nuances a que a análise da subjetividade está sujeita pressupõe sua própria natureza. A subjetividade, por si só, é imprecisa e impregnada de conotação.

Guerra (2006, p. 69) acentua que “A análise de conteúdo pretende descrever as situações, mas também interpretar o sentido do que foi dito”. Nessa perspectiva, o exercício de interpretação dos dados colhidos nas entrevistas levou-nos a abrir o espaço para outros assuntos – aqueles não previstos no rol de questões formuladas no guião. Esse instrumento possibilitou-nos perceber, na prática, a observação de Guerra (2006, p. 32), no tocante ao “papel fundamental” do “investigador”, de acordo com as Metodologias Indutivas. A autora sustenta que o investigador

tem um papel fundamental, não se limitando a contar o que lhe contaram, mas “interpretando” essa narração, produzindo as categorias e proposições (hipóteses explicativas) indispensáveis ao entendimento dos fenômenos através de um processo indutivo com origem na própria narração – e não da sua relação com as categorias oficiais.

Reiteramos que “os novos conteúdos” a que se refere Guerra (2006, p.29) são aqueles “introduzidos pelos interlocutores”, por meio de seus depoimentos, e interpretados pela pesquisadora – “hipóteses explicativas” (Bertaux, 1997. In Guerra, 2006, p.84).

Moraes (1999, p.7-32), em seu artigo “Análise de conteúdo”, publicado na Revista Educação, explica que

A matéria-prima da análise de conteúdo pode constituir-se de qualquer material oriundo de comunicação verbal ou não-verbal, como [...], entrevistas, [...]. Contudo os dados advindos dessas [...] fontes chegam ao investigador em estado bruto, necessitando, então, ser processados para, dessa maneira, facilitar o trabalho de compreensão, interpretação e inferência a que aspira a análise de conteúdo.

O autor lembra que “Não é possível uma leitura neutra” e que “Toda leitura se constitui numa interpretação”. Especifica que “na pesquisa numa abordagem qualitativa [...] Para cada uma das categorias será produzido um texto síntese em que se expresse o conjunto de significados presentes nas diversas unidades de análise [...]”, destacando a recomendação do uso de “citações diretas”.

Os *outros assuntos* ou “novos conteúdos” (Guerra, 2006, p.29), surgidos durante as entrevistas, não previstos “no quadro de referências do investigador” (Guerra, 2006, p.62), foram diluídos na discussão e análise, na forma de um *continuum* em relação aos previstos no guião, compreendendo, não sistematicamente, interpretação, relatos, inferências, comparações e citações diretas.

## **CAPÍTULO 4 – ESTÓRIAS DE VIDA: ENVELHECIMENTO (S), ENTRE EXPECTATIVA E REALIDADE...**

*Eu achava que eu ia ser uma velhinha paparicada ... (N.A)*

O Capítulo 4, intitulado “Estórias de vida: envelhecimento (s) entre expectativa e realidade”, apresenta interpretações e inferências tecidas a partir da transcrição integral de cada entrevista, material que garantiu acesso ao discurso completo do entrevistado, sem interrupções, e a partir da seleção dos excertos dos discursos, na condição de falas representativas de cada tema subsidiário da construção das trajetórias de vida, oportunidade que se tem de comparar as respostas pontuais dos entrevistados, com o intuito de observar a “diversidade interna” (Guerra, 2006, p. 39) contida na homogeneidade do grupo pesquisado (homogeneidade caracterizada pelo processo de envelhecimento que está sendo vivenciado pelo grupo pesquisado), e de observar dados comuns nos percursos de vida dessas pessoas.

Consideramos importante reiterar a explicação contida em 3.4.3 de que nos reportamos aos dados extraídos das entrevistas, relativos às categorias e subcategorias e a outros assuntos, em alguns casos interligados às categorias e subcategorias, na forma de um *continuum*, porém abordados por iniciativa dos entrevistados; não previstos no guião, portanto. Trata-se de informações significativas advindas dos respondentes, que se destacaram como indicadores de “Novos Conteúdos” (Guerra, 2006, p.29).

Esse conjunto de informações permitiu-nos inferir respostas às perguntas centrais dos objetivos a cumprir nesta pesquisa, especialmente em relação à influência do percurso de vida nas representações que portam sobre a velhice; à presença de pontos convergentes ou divergentes com os preceitos teóricos da proposta político-ideológica Envelhecimento Ativo; e ao nível de assentimento a essa política.

Nessa perspectiva, deliberamos traçar esta apresentação em três blocos de discussão e análise, organizados em seções. O primeiro trata de particularidades evidentes da institucionalização de idosos principalmente, e não exclusivamente, pois há menção a condições que também afetam – ou podem afetar – o idoso não institucionalizado (4.1). O segundo bloco trata da recorrência de informações que evidenciam a forte influência dos fatos vividos no percurso de vida sobre as representações que trazem sobre a velhice (4.2). O terceiro bloco reúne dados alusivos ao Envelhecimento Ativo e Saudável, tema-chave em torno do qual outros temas ganham sentido, favorecendo a obtenção de informações que fundamentam inferências para o cumprimento dos objetivos da pesquisa (4.3).

É grande a importância de se destacar que todas as informações contidas nos blocos de

discussão não se apresentaram rigorosamente separadas em “idosos institucionalizados” e “idosos não institucionalizados”. Apenas houve incidência maior em a ou b. O esforço maior esteve voltado a focalizar subsídios que consolidassem a proposta da pesquisa.

Esclarecemos que as entrevistas, quando referenciadas aqui, não aparecem em uma sequência linear (E.1, E.2, E.3...). São mencionadas como elo correspondente da informação, que é prioritária.

#### **4.1 – Institucionalização na velhice: transições e particularidades**

Esta primeira seção trata de particularidades evidentes da institucionalização de idosos principalmente, mas não exclusivamente, pois há menção a condições que também afetam – ou podem afetar – o idoso não institucionalizado.

Especificamente com referência aos idosos institucionalizados, quando questionados sobre o motivo de morarem na instituição, predominou a dependência a que o idoso está sujeito, considerando seu estado de saúde, associada à impossibilidade de cuidados por parte de familiar, em função de trabalho e saúde do próprio familiar.

**E.5** – Ilusão do povo, né. [...] Dos filhos... principalmente. [...] porque eu tava doente. Tava doente também, né. Eu tava com hemorragia. Não deixa de ficar aquela fraqueza, né, no corpo da gente. [...] Pra cá... fez um ano.

**E.6** – Pra cá, eu vim... foi através...[...] (*Pausa*) Por conveniência. E também, você não tem responsabilidade... não tem responsabilidade. Também não esquento a cabeça.[...] Se eu sair daqui, eu vou morar... [...] Ou sozinho, né...

**E.7** – Aí, um dia, eu escorreguei. Foi assim: ela me levou no médico... tinha uma pedra, eu não olhei... caí. Minha filha cismou que ela tinha que me levar no médico, que eu tava com Alzheimer. Aí me levou. A médica que me atendeu. Aí, passou os remédios. [...] “R. você sabe que sua filha... ela trabalha, ela estuda...” Porque agora ela tá fazendo doutorado, né. “Ela trabalha, R., ela estuda, R., deixa sua filha em paz. Você aqui fica bem.[...]”

**E.8** – Se eu pudesse caminhar, não era tão difícil. Mas eu não posso. [...] Olha, agora eu estou aqui. A minha filha que me põe aqui. [...]. Mas ficou doente...

As entrevistas indicaram-nos que os idosos acostumados em sua trajetória a tomar decisões apresentam, hoje, muita dificuldade de adaptação em morar com pessoas que exerçam o papel de cuidadores, sejam estes parentes ou contratados para esse fim, por se sentirem comandados. As pessoas que levaram uma vida independente, que tomaram iniciativas, mesmo em situação de sofrimento, mostraram mais dificuldade de adaptação nessa situação. A dificuldade ainda é maior quando moram em instituições. Demoram um pouco para tomar consciência de que ninguém, estando nas mesmas circunstâncias, vive sozinho, por mais óbvia que essa verdade possa parecer. A perda da autonomia e até da “autoridade” os abate sobremaneira. As falas abaixo referem-se à E.5.

A minha rotina aqui? Deus me livre... é isso que você tá vendo aqui... não faz nada. (...) Fico assim... sem saber o que eu faço....

Ele (*o idoso*) perde a autonomia dele... até a autoridade.

Eu fico pensando assim... Por que que... é um porquê... porque isso acontece com todo mundo... é um porquê... que a gente, depois que fica sozinha assim, pega uma pessoa para ficar com a gente, mesmo empregada, não dá certo... Põe aquela pessoa como íntima pessoa sua, né... não tem jeito.

Eu não gosto de morar junto. [...] Mas tem que separar: metade pra mim, metade pra ela. Partindo, eu faço da minha parte o que eu quero, ela faz o que ela quer.

Você sabe, a gente pode ser boa o tanto que for, você pode ser bom o tanto que for, junto de casa não dá certo... não dá certo.

As expectativas sobre o próprio destino ficaram evidentes, em meio a dúvidas e/ou lamentos, nos quatro casos de idosos institucionalizados. Anseiam por morar com familiares, mesmo as pessoas que se declararam felizes na infância e no casamento (E.7 e E.8). Estas apresentam certo grau de aceitação e confiança. A respondente referenciada como E.7, ao ser interrogada se gosta de ficar na instituição, respondeu que gosta muito, e se se sente sozinha, disse que não. A senhora sob a referência E.8, após relatar as dificuldades de permanecer na casa da filha, que tem problemas de saúde, e, por outro lado, a dificuldade financeira de manter-se na instituição, embora a preocupação sobre o próprio destino, mostrou-se confiante, dizendo, com um sorriso nos lábios: “Então, umas alegrias e umas tristezas [...] E... mas eu... eu tenho o meu Papai Amado”.

**E.5** – Pretendo ficar lá. Com fé e se Deus quiser...choro... não vejo nada de bom aqui. [...]

**E.6** – Se eu sair daqui, eu vou morar... [...] Ou sozinho, né.

**E.7** – Ah! A filha não me chama mais, não...

**E.8** – Minha filha é doente... e eu não tenho reservas. Aqui é caro... e ela é doente.

É digna de nota a observação de que a ansiedade pelo próprio destino não foi percebida e/ou declarada em nenhum dos casos dos idosos não institucionalizados.

Não foi difícil perceber que algumas normas institucionais podem contribuir para a inatividade do idoso, não por intenção deliberada, mas por um proteccionismo equivocado, culturalmente impregnado.

Uma das entrevistadas institucionalizadas (E.5) declarou já ter feito muitos bordados em tempos passados, em que vivia fora da instituição. Ainda espera exercer as atividades para as quais se sente capaz e é bastante crítica com a inatividade dos que moram na instituição.

#### **A senhora, hoje, ainda se sente útil?**

Útil, pra qualquer coisa, assim, que eu já fiz. [...] Aqui a gente não pode fazer nada, nada, nada. Entrou aqui, entrou num buraco. Acho que desde que ela dê conta, tem que deixar fazer

a atividade dela, né. Isso é errado... Igual essa mulherada que tá aqui... nenhuma tem nenhum trabalho que faça. Nada, não. É pior pra gente, né... Podia viver disso.

Essa cultura cristalizada em relação ao idoso também é confirmada por Silva (2006, p. 110), que traz informações veiculadas a “um estudo realizado em 2002, na zona norte de Portugal, no âmbito do Projecto “Viver” [...], segundo o qual “as instituições se fecham em si mesmas” e “na organização institucional *dão vida a quem tem vida e dão silêncio a quem tem silêncio*”.

Concretamente, na mesma instituição, as orientações divergem por um plano de acção pedagógica que estimula os sentidos das crianças à plena integração social no curso de vida, enquanto que para as 'pessoas de idade' o plano de acção pedagógica está genericamente ausente, e o comportamento vai no sentido de lhes facilitar uma vida de descanso embora sabendo que, quando acumulado, retrai a manutenção e desenvolvimento dos sentidos e a exercitação mental. [...] O olhar para o conhecimento da velhice entende-o como desactualizado e não produtivo (VIVER, 2002. In Silva, 2006, p. 110).

Silva (2006, p.110) comenta que as “lógicas tutelares” “[...] não realçam as potencialidades e capacidades das pessoas de idade. Elas mortificam-nas com a falta de flexibilidade das normas instituídas e dos padrões homogeneizantes”.

Durante uma das entrevistas realizadas por nós na instituição de idosos, uma funcionária pediu licença para entregar o lanche para a entrevistada, alegando o cumprimento do horário que atendia. “Mas eu não tô com fome... “. Ante a insistência da funcionária, a idosa argumentou: “Comer sem graça não dá”. Vou deixar bem cobertinho...aí não esfria, não”. A funcionária adiantou-se em cobrir da forma que achava melhor. A senhora insistiu: “Me dê (*o guardanapo*), eu vou cobrir”. A funcionária ainda interferiu tentando ajudar a cobrir, da forma que achava melhor, contra a vontade da entrevistada, que já tinha começado a fazê-lo. Acabou ficando uma ponta descoberta. Depois que a funcionária se retirou, a entrevistada acabou de cobrir como queria. Antes, porém, lamentou: “Ela desmanchou...”.

A idosa queria simplesmente cobrir seu lanche, dobrar o guardanapo do seu modo e comê-lo quando tivesse vontade. Parece tão simples, mas há interferência nas pequenas coisas. Ou por paternalismo das pessoas para com o idoso, ou descrença de que este ainda seja capaz... Seja o motivo que for, o idoso se sente desrespeitado. Salvaguardando as orientações médicas, quanto à questão do horário, o idoso institucionalizado ainda sofre o freio de não fazer o que quer, na hora que tem vontade.

**E.5** – Acho que você ter sua casa... [...] você quer comer, come; você quer dormir, à hora você dorme; você quer rezar, você reza, entendeu? Essas coisas da vida, né, se não tiver pessoas pra atrapalhar.

**E.7** – Ela tava assim... olha, porque tem uma porção de empregado que cuida das plantas, mas ela não se satisfaz; quando chega, às vezes, ela ainda pega e vai molhar as plantas. Ela fala: “Eu sempre gostei disso”. Eu disse: ‘Eu também vou gostar. Eu também quero molhar’. Aí ela falou: “Não, R., você não vai molhar, não. Você é minha mãe, é vergonhoso pôr minha mãe assim...” (*risos*).

A perda da autonomia e da autoridade é, realmente, uma queixa que se destaca, principalmente nos idosos institucionalizados. Trata-se do impedimento de fazer o que se sentem capazes de fazer, ou de ir e vir, seja pelas regras das instituições onde vivem e/ou por serem tratados de forma “paternalista”, implicando, inclusive, a perda de sua “autoridade”, vocábulo que, quando mencionado, carregava o peso do sentimento de indignidade, de perda da altivez – não do orgulho –, mas, sim, do amor-próprio. Essa postura assumida por parentes ou pessoas próximas perante o idoso acelera seu declínio. Não se percebeu, em nenhuma das entrevistas, postura de irreverência de querer ir além de suas possibilidades. Ficou muito claro que desejam tão somente exercer sua autonomia e o direito de ir e vir e fazer o que sentem que são capazes de fazer, desejando estar amparados para isso com companhia de sua confiança. São “múltiplas formas de dependência que pesam sobre os mais velhos” (Cabral *et al.*, 2013, p. 18). Mostraram-se conscientes dessa dependência, e não creem que esta deva estar condicionada a delegar sua vontade.

Depoimentos vinculados a uma reportagem realizada pela Folha de SP reiteram a preocupação que os idosos têm de perder a autonomia e, conseqüentemente, a liberdade:

Tem tanta coisa que ainda a gente pode fazer. A gente come o que gosta, ele pinta, desenha. Eu gosto de tricô.

Ela diz que foi opção sua viver sozinha e não com o filho, de 65 anos, no Rio de Janeiro. “Gosto de fazer o que me der na telha. Como o que quero e quando quero.

Para Cida, a pior parte do envelhecimento é perder a autonomia. “Na minha cabeça ainda sou jovem. Queria ter mais liberdade” (Folha Uol, 2017).

Fica claro que necessitam de seu espaço, porém reconhecem sua limitação e a imposição de um acompanhante. A grande dificuldade encontrada é a falta de acompanhante que supra suas necessidades e minimize a dependência que têm e, ainda, lhes garanta certa autonomia. Trata-se, portanto, de uma autonomia assistida.

Na prática de um envelhecimento ativo, o respeito ao exercício da vontade do idoso é imprescindível. O exercício da autonomia está condicionado ao exercício da vontade, e não há como ter um envelhecimento ativo sem autonomia, ainda que haja dependência física. Não é uma troca: 'eu o protejo, mas você faz o que eu quero, assim como eu decido o que é capaz de fazer'.

A discussão sobre autoridade exige acuidade. Em meio a tantas reflexões, diríamos que, somando-se a um universo complexo que envolve o paradigma do envelhecimento ativo, adjetivação quase paradoxal, estamos vivendo há duas décadas, aproximadamente, um fenômeno ímpar na relação intergeracional. Não temos registros, na História, de que o adolescente e a criança tenham ensinado tanto o adulto, no sentido mais formal do conhecimento e deliberadamente, como nos últimos tempos, ou, simplesmente, que detivessem mais informações. Quem já não recorreu aos filhos ante alguma dificuldade frente ao computador? Quem já não presenciou um idoso (às vezes, irritado

e nervoso) recorrendo a um funcionário (jovem) diante de um caixa eletrônico? Historicamente, o mais velho sempre ensinou o mais novo. O adulto – supunha-se – sempre sabia mais do que o mais novo. Ou, o mais velho sempre tinha mais para ensinar ao mais novo do que o contrário. Cultural e reconhecidamente, saber mais era uma prerrogativa do mais velho. E quando a relação de ensino se estabelece entre duas ou mais pessoas, de forma muito natural a autoridade se faz presente, construindo-se ou determinando um novo convívio, ou seja, simplesmente quem ensina está se fazendo ouvir. Nesse sentido, a tecnologia tornou-se uma ponte para o surgimento de nova relação entre as gerações, o que não significa superioridade ou inferioridade dessa ou daquela geração. Gerações passadas desenvolveram destrezas mecânicas, característica de aprendizagem que explica, senão integralmente pelo menos em grande parte, as dificuldades diante de tecnologias mais refinadas, descompasso que pode gerar conflitos entre gerações, caso não haja compreensão sobre essa condição, e constrangimento ao idoso, implicando sua exclusão ou desmotivação, inclusive e acentuadamente para o trabalho formal.

Infelizmente, os efeitos dos “desfasamentos geracionais”, no dizer de Cabral *et al.* (2013, p. 292), têm mostrado, não raro, uma realidade que dificulta a autonomia das pessoas idosas:

A experiência e sabedoria com que os velhos são gratificados pela ideologia do envelhecimento activo terão sido outrora, como mostrou Simone de Beauvoir, atributos efectivamente usados a seu favor pelos membros mais velhos das elites tradicionais. Porém, hoje em dia, por efeito do desfasamento intergeracional no plano socioeconómico e, mais ainda, dos desfasamentos geracionais a nível educacional e informacional, evidenciados pelo baixo uso das tecnologias, como o computador, entre os seniores portugueses a partir dos 65 anos, devido a tudo isso e à ideologia pós-modernista de apologia da juventude, aquilo que caracteriza a velhice em Portugal não é, seguramente, o respeito outrora devido aos velhos, segundo uma lenda benévola, mas sim a desposseção dos atributos que conferem poder na nossa sociedade, o que os transforma, tipicamente, em objectos de discriminação mais paternalista do que agressiva.

O uso da tecnologia é, claramente, um ponto de dissonância entre as gerações. De todos os entrevistados, apenas uma pessoa, de 81 anos, neste caso não institucionalizada, mencionou que usa o computador para digitar textos próprios.

**E.2** – De manhã eu escrevo um pouco, leio. À tarde a mesma coisa. Eu escrevo a mão. Uma hora eu tô escrevendo, outra hora eu tô no computador pra digitar o que escrevi.

**Então, em relação a essa fase da vida, o senhor não tem atividade fora, mas continua trabalhando?**

Quando eu escrevo, eu estou escrevendo pra escola também. Não tem palavrões, não tem registro de sangue, a não ser um conto que eu ganhei um prêmio aí...né...

Entendemos que esse quadro tende a modificar-se nas próximas pesquisas a respeito, no sentido de aumentar o número de idosos preparados para o uso do computador como aliado em



compromissos, tarefas e lazer, e que a tecnologia será uma das pontes de transição principais para as gerações futuras de idosos, no tocante às práticas do Envelhecimento Ativo – política que também passa, naturalmente, por ajustes no decorrer do tempo. Se na atualidade os conflitos geracionais acontecem também pela dificuldade que o idoso tem de se adaptar ao mundo tecnológico, este não mais será um entrave para as gerações futuras de idosos, hoje jovens detentores desse conhecimento. Além dessa questão, se uma das dificuldades de participação no mundo social e do trabalho é a locomoção do idoso, em tempos futuros o então idoso, jovem da atualidade, poderá se comunicar socialmente e exercer atividades profissionais por meio da tecnologia, sem sair de sua casa.

Na sequência das perdas impostas ao idoso, principalmente quando mora em instituições, está o desapego involuntário de seus pertences.

As concessões a que estão sujeitos vão se dando em cadeia, como o direito de ter todos os seus pertences consigo.

**E.5** – Eu não gosto daqui, não. Não tem nenhum sentido pra mim. Acostumei mexer com as coisas, né...

**E.7** – Só que eu tenho televisão, mas não pode botar aí dentro.

**E.8** – Eu guardava no cofre. Era tão bonito esse jornal. Tinha um livrinho da Constituição. Não tenho mais nada. Acabou essas coisas.

Estes mesmos desejos – manter-se na própria casa, em contato com os próprios pertences, familiares e amigos próximos – foram descritos por Maria Ester Vaz da Silva (2006, p. 200) em sua Tese de Doutorado em Sociologia intitulado “Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice – um estudo no Norte de Portugal”, tese já mencionada:

[...] era melhor ficar com familiares, não estava com estranhos”, “preferia ficar com os sobrinhos, na própria casa ou na deles”, “então uma pessoa quando é nova, trata de ter uma casinha, ter conforto e depois de velha vai para o Lar?”, “em nossa casa a gente mexe em tudo, naquilo que é nosso. Ali não” (Silva, 2006, p. 200).

Estar com familiares e amigos próximos supera qualquer outro convívio. É questionável afirmar que a convivência com outros idosos é melhor para eles, no tocante à solidão, de modo especial quando se trata de idosos institucionalizados, ou seja, quando essa convivência implica dormir e acordar com pessoas que não sejam da família, em lugar comum a estranhos.

**E.5** – Eu não aguento mais ficar sozinha assim.

**E.7** – Eu não tenho colega de quarto, não. Eu tenho pessoas que dormem no mesmo quarto que eu. Ninguém é colega minha lá... e nem eu quero.

#### **4.2 – Passado no presente: influência das vivências passadas sobre as representações da velhice**

Esta segunda seção trata da recorrência de informações que evidenciam a forte influência dos fatos vividos no percurso de vida sobre as representações que trazem sobre a velhice. Priorizamos as informações que se destacaram significativamente como instrumentos que nos levaram a lograr acesso ao percurso de vida de cada respondente, na expectativa de obter elementos que nos respondessem em que nível as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na velhice decorrem dos seus percursos de vida.

Notou-se que há um forte indício de os fatos da infância e as relações familiares – sejam as da infância ou as construídas após o casamento – apresentarem-se como base de influência nas representações que essas pessoas portam sobre a vida.

Os entrevistados apresentaram acentuada tendência de retornarem, durante a entrevista, a ocorrências que os marcaram. Observou-se que os fatos narrados eram selecionados e escolhidos conforme essas marcas.

Quando algo os incomodou muito em sua vida, ou, ao contrário, representou felicidade, ou tenha causado alguma lacuna ou tenha sido motivo de frustração, eles o repetem algumas vezes durante o relato. Retornam a conversa para esses pontos, positivos ou negativos, mesmo quando o tema da pergunta é outro. Não raro, cortam o assunto abruptamente, convergindo sua fala para essas marcas.

Referindo-nos à E.8, há dois pontos de lembranças felizes que marcaram a vida dessa senhora: a sua infância na fazenda do avô e a felicidade vivida no casamento. Trata-se de assuntos que permearam toda a entrevista.

Na fase desde o dia que eu nasci, a fase de criança, eu vivo essa fase. Tem dia que eu falo 'Mas, meu Deus, eu só vivo nessa fase, de quando eu era criança!'

Casei-me com um príncipe que Deus mandou do céu para mim.

Eu me casei. Ele foi muito bom pra mim.

Ele era um verdadeiro esposo. Em tudo. Em todos os sentidos.

Eu vivia tão feliz. Eu e meu marido, nós fomos muito felizes. Nós nunca brigamos [...].

Fui amada na infância desde o dia que eu nasci.

Nas férias a gente ia pra casa do meu avô. Qualquer... já contei pra senhora... qualquer brechinha a gente tava correndo pra lá.

Quando chegava tempo das férias, era dois, três meses lá na fazenda. Muita fruta, muita laranjeira, jaca, cafezais, bananal. A água ... era água mineral, era duma rocha. Tinha uma rocha lá perto, um riacho.

Nós, chegava de manhã, eu e meus primos, a minha tia morava na fazenda do meu avô, [...]

Os pés de abacates cresceram. Os mais baixos meu avô mandava tirar e trazer pra casa.

Ele (*o avô*) era muito doce...

Então, a minha vida... tendo o meu avô até aqui tem me ajudado sempre...

Já no caso da respondente da E.7, o retorno foi sempre em relação aos estudos, na época de infância e juventude. Gostaria de ter estudado, mas justifica que o pai não tinha condições para isso, embora os irmãos tenham estudado. Nota-se que, ao mesmo tempo que lamenta, justifica como impedimento do pai, mas simultaneamente parece fazer questão de apoiar as razões paternas.

#### **A senhora estudou, então, até que ano?**

Não, eu não fui em um ano, não. As professoras eram da igreja, as professoras, mas eram muito boas, né. *Pelo menos eu aprendi a ler essas coisas tudo, né. Eu me interessava muito também.*

#### **Mas não estudou em escola formal?**

Não, não. Que pena. *Não pude. Porque papai achava que não precisava, né, estudo.* Só o estudo da igreja chegava.

#### **Por que elas estudaram e a senhora não? Ou a senhora não queria?**

Não, eu queria, *mas não deu. Papai não tinha situação.*

#### **Caderno de caligrafia?**

Isso... caligrafia. Aí ela pediu, mamãe comprou... e eu ficava fazendo, fazendo. Aí foi passando, passando e eu acabei aprendendo, aprendendo a ler, né. *Mas meu sonho mesmo era estudar mais, mas não deu, porque papai continuou com o comércio dele.*

#### **E a relação com seus pais e irmãos era boa? Vocês se davam bem?**

Era, era. Muito bem. *E nesse colégio, eu aprendi muito a ler, né.*

#### **E ela se casou com esse médico?**

Casou nada. Até hoje é solteira. Ela mora com a minha irmã V. Ela teve um problema muito sério. Ela teve um problema que... é... já tava uma moça, né... ela foi atropelada, na rua, por uma moto. Aí, acabou com ela. Ficou um problema na perna, né. Mas depois foi tratando, foi tratando, foi tratando, e melhorou. Depois o tempo foi passando, *eu queria estudar, mas papai não podia, sabe ...não podia...*

Neste outro, E.6, era a frustração de ter se sentido preterido e ter sido prejudicado pelos pais, os quais, na sua visão, protegiam e favoreciam o irmão mais velho, que “era o queridinho”, expressão que repetiu algumas vezes.

Meu irmão era o queridinho dele. Eu, por enquanto não era de nada (*risos*). Era de nada. Eu trabalhando como um danado, meu irmão não fazendo nada. Ele era o queridinho... [...] Mamãe era todo dele... [...] Mamãe achava que não... ele era o queridinho dela.

Retornou a esse assunto e ao fato de não ter ido estudar no ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e feito Engenharia, até no final da entrevista.

**Quando o senhor diz que não está na sua carreira, está se referindo à Engenharia?**

Eu queria ser engenheiro... nunca fui... não pude.

**O que mais motiva o senhor?**

Eu queria seguir Engenharia... quando as pessoas desgringolaram, desgringolaram... Não adianta.

**E por que o senhor veio para esta instituição (*de idosos*)?**

Pra cá, eu vim... foi através... Eu tinha um colega, N., superinteligente. Ficava impressionado com o cara, inteligente que era uma coisa. Você vê, o cara fez o ITA, passou. Passou bem mesmo. Aí, largou. Eu falei: 'Não faça isso'. E eu queria primeiro ir pro ITA, né... Não consegui... não consegui passar, entendeu? E, depois, como? Papai com a loja lá... aquele trambolho lá dando prejuízo violento... não tinha jeito, não... nem sei como é que me salvei... nesse trambolho todo, nem sei como é que me salvei (risos). [...] Aí a vida foi-se levando assim, sabe.

**Qual é o significado para o senhor dessa fase de idade? O que representa essa fase da vida para o senhor?**

(*Risos*)... Rapaz, idade... horrível... horrível... pra mim é horrível, horrível. Não tô na minha carreira, então... Estudei pra chuchu e não fiquei na carreira.

Este outro entrevistado, E.3, logo no início de nosso contato, mencionou, sem ter sido questionado a respeito, a continuação dos estudos que gostaria de ter feito, curso superior. Percebia-se que isso lhe trazia certa insatisfação, embora conformado com a justificativa que encontrava para essa lacuna em sua vida. Sempre retornava a esse assunto.

**Viviam bem ou tinham dificuldades?**

Vivia... como se diz, vida de pobre, a vida era muito boa. A gente não estudou, porque naquela época poucos estudaram, mas naquela época era muito difícil, lá na cidade não existia escola com curso superior, e quem quisesse estudar lá tinha que fazer fora, né, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro.

**Gostaria de acrescentar algo à entrevista que não tenha sido perguntado? Fazer alguma observação, algum comentário, esclarecimento ou mesmo relatar algum fato?**

Ah... eu acho que dentro do que eu vivi, né. [...] Pra mim tudo, desde a minha infância, tudo veio dentro do padrão que poderia acontecer, né. Hoje eu tenho... eu queria ter estudado mais, mas na época, não reclamo por causa disso, [...] Graças a Deus, tanto pra mim como pra os meus treze irmãos, né, tudo foi uma educação igual. Pra época não foi ruim. Eu queria ter estudado mais, ter tido outras oportunidades, mas na época não tinha condição, né. [...].

De forma geral, nas declarações espontâneas, espaço aberto no final da entrevista, ou seja,

declarações que não são respostas de uma pergunta fixa, todos os entrevistados, quando requisitados a apresentar relatos, observações ou solicitação de esclarecimento, mantiveram o mesmo padrão observado durante a entrevista, ratificando suas preocupações, ou os focos de interesses, ou a imagem que têm de si mesmos, retornando, alguns, inclusive, às ocorrências que os marcaram, de acordo com o que já expusemos. Enfim, os depoimentos refletem o percurso de vida de cada um.

No caso da E.1, a pessoa abordou um assunto, baseando-se nos princípios religiosos que abraça, assim como fez durante toda a entrevista.

**E.1** – Tinha que tê, ou sê crente, ou o católico, ou o espírita, tinha que dá doutrina pra esses jovens, explicá pra esses jovens pra buscá mais o poder de Deus libertá, porque quanto pai de família que tá chorando...

Em E.2, a referência são os projetos de vida que mantém na atualidade, desenvolvidos dentro de sua própria casa. Sua fala, durante toda a entrevista, é didática, não se desprendendo do caráter educativo, foco de seu interesse.

**E.2** – E eu não falei do projeto... O projeto é o seguinte: é despertar uma ecologia de reconstrução... da flora destruída no Planalto Central... [...] agora tão destruindo as últimas matas ciliares... arrancando preciosidades.

Em E.3, reitera-se a lacuna que a falta de oportunidade de seguir os estudos deixou em sua vida, conquanto não se declare infeliz por essa razão. De certa forma, tece, o tempo todo, uma análise sobre o contexto impeditivo dessa realização não efetivada.

**E.3** – Ah... eu acho que dentro do que eu vivi, né. Pra mim tudo, desde a minha infância, tudo veio dentro do padrão que poderia acontecer, né. Hoje eu tenho... eu queria ter estudado mais, mas na época, não reclamo por causa disso, acho que hoje eu vivo uma vida dentro do possível, tá dentro do padrão que eu teria que ter. [...] Eu queria ter estudado mais, ter tido outras oportunidades, mas na época não tinha condição, né. Era... era, como se diz, era o padrão da época, né. [...] A pessoa que não tem estudo não pode exigir palavras bonitas, nem essas coisas, né. É o padrão da gente mesmo, né.

Com referência à E.4, quando a protagonista declara “mas eu mesma sou feliz com o que eu fiz na vida”, refere-se ao fato de ter aberto mão de se casar cedo, de acordo com o padrão da época, por priorizar a ajuda que prestou à família, notadamente no tocante à educação dos irmãos menores, tendo sido cobrada, com constância, por tal concessão, pelo fato de correr o risco de ficar solteira.

**E.4** – Ah, eu nem sei se a minha história é interessante, mas eu mesma sou feliz com o que eu fiz na vida. Só isso. Até hoje eu tô feliz. Até hoje mesmo eu sou feliz. [...] Eu falava assim: ‘Como que eu posso e depois casar e pedir a meu marido pra tratar dos meus pais, tratar dos meus irmãos, e muito irmão... eu não posso. Eu tenho salário, eu tô ajudando e vou pôr eles pra frente primeiro’. [...] Trinta e um anos. Casavam com 18 anos. Chegava todo mundo, brigava comigo: “Você tá dando chute na sorte”. Eu falava: ‘Não, não tem importância, não. Eu tô sentindo bem’.

Em E.5, é a reflexão constante que faz sobre as dificuldades do relacionamento humano, considerando que anseia por sair da instituição o mais rápido possível *versus* não poder morar sozinha,

pelas condições de saúde, e ter de se adaptar a alguém.

**E.5** – Você sabe, a gente pode ser boa o tanto que for, você pode ser bom o tanto que for, junto de casa não dá certo... não dá certo. Ninguém é igual a ninguém. Ninguém tem os pensamentos, respostas, pra você me dá e eu te dá, igual, né. Quando eu acho que a minha é boa, eu não tô, tô te ofendendo. O ser humano é sensível.

Em E.6, o respondente reforça a baixa autoestima, subestimando sua capacidade de comunicação, autodepreciação que destacou o tempo todo durante a entrevista.

**E.6** – Eu não sou muito bom na conversa, entendeu... (*risos*). Eu fui franco, falei com sinceridade... é isso o que aconteceu comigo... é... eu vou continuar nessa luta.

Em E.7, a entrevistada retoma o assunto de seu ingresso na instituição, local de que gosta muito, conforme declaração, retornando aos motivos de lá se sentir bem: a amizade que fez com uma funcionária, que a trata de mãe, e a quem trata de filha, provavelmente compensando a ausência da verdadeira filha.

**E.7** – Começou assim a amizade dela comigo, a me chamar de mãe... Ela é um amor. Eu amo aquela garota como uma filha mesmo.

E no caso referente à E.8, a entrevistada reitera a felicidade que teve na infância e na vida de casada, retomando lembranças da fazenda do avô, em detalhes, evidenciando uma memória fantástica nos seus 98 anos. Leitora assídua, falava como se estivesse narrando e descrevendo para um capítulo de livro.

**E.8** – A vida da infância... minha vida foi muito boa...e de casada não pode se comparar. [...] A gente via... embaixo na areia ela fervia assim. Era fervendo. Nós pisava assim em cima das borbolhinhas. Era a água que nós banhava e bebia, e o gado e tudo. [...] Laranja, mexerica, cacau. Era leite, leite, leite... [...] Tinha o tempo do plantio, pra marcar a roça. Tinha o tempo de cortar as madeiras e cercar a roça. Tinha o tempo de cortar o mato e roçar pra esperar a chuva. Tinha as sementes, tudo guardada pro plantio. E assim ia a vida. [...] de manhã nós descia por dentro do córrego, de pés descalços, caçando os abacates que caíam de noite. [...]. Não faltava nada. [...] Tinha engenho. Fazia açúcar, fazia rapadura.

A propósito, notou-se, em institucionalizados e não institucionalizados, mais amorosidade com as pessoas em derredor, maior flexibilidade de adaptação e uma postura mais leve, com mais aceitação, otimismo e bom humor nas pessoas que declararam ter sido muito amadas pelos pais e/ou pelo cônjuge. Algumas dessas pessoas, mulheres hoje viúvas, externaram uma saudade imensa dos companheiros, emocionando-se durante o relato, porém sem mostras de amargura, de desilusão ou de frustração. No caso específico de duas mulheres institucionalizadas (E.7 e E.8), estas parecem ser mais conformadas e reconhecer com mais facilidade que, no momento, os familiares não têm condições de ficar com elas e, conseqüentemente, cuidar delas, em função da jornada de trabalho, saúde e outros problemas. Conquanto também preferissem estar com a família, reconhecem a necessidade de estarem morando na instituição e aceitam, apresentando certa tranquilidade. Sentem-se muito amadas pela filha (ambas tiveram apenas uma filha) e netos e repetem quanto foram amadas

pelos pais e maridos. De qualquer forma, conforme já foi mencionado, as pessoas institucionalizadas anseiam por que o cenário mude para que possam ficar com os familiares.

**E.8** – [...] agora eu gosto de todo lugar... É os outros que têm que gostar de mim. Se não gostar, eu vou chorar (*risos*).

**E.1** – Mais prá mim tá tudo bão, Graças a Deus. [...] a gente, por si mesma, a gente tem que reconhecê que a idade já chegou, né.

**E.7** – Gosto. Muito. (*da instituição*).

**E.7** – “Eu me mudei pra aqui, filho” (*risos*). (*Dirigindo-se, em voz alta, a um funcionário da instituição*). Posso contar uma piada?

Um outro aspecto a ser lembrado, ratificando a influência de fatos vividos sobre as representações da velhice, é que, marcadamente, os depoimentos refletem a cultura e valores de cada um, além de costumes da época em que viveram, do local, dentre outros contextos. As falas deixam transparecer, por exemplo, a cultura de época relativa à liberdade masculina e à preservação feminina e evidenciam o diferencial compatível com os próprios interesses a que cada pessoa estava voltada, em função de sua educação, de seu histórico de vida, no tocante à infância e ocorrências familiares, dentre outras influências culturais e as que marcaram época.

A exemplo, a protagonista da E.1 foi criada na roça, não teve oportunidade de estudar e teve pouco contato com a cidade e nenhuma oportunidade de informação a respeito do sexo, conforme depoimento:

[...] nós morava na roça. Até que nesse ponto, depois de veia é que eu vim sabê muitas coisa, né... porque quando cê mora na roça, daquele tempo nosso, ocê vê que as moça não era igual hoje, né... era deferente... a gente tinha acanho, né...

Os depoimentos abaixo são pertencentes a uma pessoa com uma trajetória marcada pela influência da educação religiosa e pelo interesse aos estudos e cultura, bem como pelo apoio familiar. Mesmo quando trata, espontaneamente, de sua sexualidade e do problema de saúde que o acometeu, o faz sob princípios religiosos e valores que porta:

**E.2** - Eu era muito arredio, porque nós fomos criados muito sem dinheiro. Então a gente não se aproximava de uma moça fácil, porque não tinha como... Se não fosse parente ... por isso que casava muito parente. Se não fosse parente você não se relacionava fácil, mas aí aquela coisa já não tava podendo mais, parente, né... e eu era muito arredio; entrei nesses grupos lá da cidade pra estudar, não namorei ninguém...todo mundo era amigo. Pai não deixava ir com o namorado no baile, mas deixava ir comigo, porque tinha confiança. Porque eu não tinha comportamento nenhum negativo, né... não falava palavrão.

[...] E aí, o que acontece: se você tem fé, você faz uma mortificação, oferece na religião que você tá praticando, seja ela qual for, e leva a vida já agora na prática... praticar a religião... e acreditar nas coisas, na vida... e tocar pra frente. Como Cristo ensinou que depois da morte é a salvação, vamos cuidar da salvação, né... E a parceira, sendo religiosa, também, sendo compreensiva, tendo amor suficiente para diálogo, há uma compreensão, vê a impossibilidade... não tem mais mesmo... e também não desespera com isso. Tem muita gente

que desespera, pratica coisas que não deve. [...] Acho que é muito educativa essa coisa que eu falei agora... muito educativa. Eu passo isso pra todo mundo. Tenho até um plano, de fundar uma escola de família, que nós chamamos.

O depoimento sobre lazer, referente a E.6, foi emitido por quem se sentia, com referência à atenção dos pais, em segundo plano, e preterido, em relação ao irmão mais velho:

Não, não, não... eu era... não tinha dinheiro. Fui trabalhar pro meu irmão... Não, não tinha dinheiro. [...] Mal tinha tempo pra ir ao cinema. Não tinha divertimento, não. É... às vezes enchia a cara aí, em fim de semana, entendeu... (*risos*) e ia vivendo. Divertimento nada. Não tinha dinheiro. Quando trabalhava, era toda a glória do velho, era tudo pro meu irmão e pra ele. Não ganhava nada.

Os dois depoimentos abaixo, respectivamente E.3 e E.5, elucidam a diferença cultural entre o homem e a mulher, no tocante ao namoro e à liberdade de ir e vir:

[...] namorada mesmo eu não tive muitas, não, mas a gente... a gente tinha liberdade de sair... ir aonde quisesse. Namoradas até que eu não tive muitas, não, mas tive algumas, viu (*risos*).

Tive dois só... Tive três só... Tive namorado demais, né... meu pai não deixava. Depois ele morreu também, né... Eu já tava mais velha.

Embora o intervalo de duas décadas (diferença aproximada entre o mais novo e o mais velho dos participantes da pesquisa) não tenha indicado significativa diferença cultural entre gerações, conforme argumentamos em 3.1, já se percebe certo diferencial nos costumes em relação a namoro. O primeiro depoimento é da mais nova do grupo (E.7), e o segundo, da mais idosa (E.8):

[...] tava o quê... com uns quatorze anos mais ou menos. Mamãe saía, eu ia pro muro, ele aparecia, ali começou o namoro: beijo na boca (*risos*). Mamãe nunca descobriu, não. Safadeza, né. Mas não tinha maldade, não. [...] Pelo menos beijo na boca, né? (*risos*). [...] Esse não foi o único, não. [...] Os namorados, assim, era escondido. [...] aí quando eu ia embora do comércio eu ficava namorando. Só beijando, só beijando, não tinha assunto, não (*risos*).

Só o meu marido. [...] De primeiro a gente não se beijava; não tinha essas coisas, não. [...] eu nunca tive namorado. Aí, quando ele conseguiu me convencer (*a namorar*), aí, nunca teve essa história de abraço, de beijo, não. Ele me beijou depois que nós nos casamos. Tinha aquele respeito. Não andava assim de braço dado; aquela coisa, aquele aconchego demais não tinha, não. Tinha de conversar, de receber direito. Punha a cadeira pra conversar, minha mãe sentava do lado, servia qualquer coisa.

Na soma do individual, do micro, é possível fazer uma leitura do geral, do macro, à semelhança do que comentamos em 3.2. E no geral, identificamos o individual. Dessa forma é possível compreender os comportamentos de uma geração e inferir o contexto social.

É notória a influência do contexto em que as pessoas viveram e de seu percurso de vida no sentido que dão à própria vida e, em especial, na representação que trazem da velhice. É como se uma visão mais otimista ou mais pessimista da velhice fosse uma das colheitas da trajetória de vida e das experiências vividas, conforme elucidaram com clareza as afirmações de Cabral *et al.* (2013, p. 268):



As representações que cada indivíduo tem do processo de envelhecimento – do seu e do dos outros – é resultado não só das suas vivências como das atitudes globais formadas na sociedade. Essa percepção contribui para o seu bem-estar quotidiano bem como para aquele que projectam quanto ao seu futuro, gerando perspectivas mais optimistas ou mais pessimistas quanto àquilo que significa envelhecer.

A exemplo, duas das pessoas que participaram da pesquisa (E.5 e E.6) apresentam algumas semelhanças em relação a fatos que os marcaram negativamente, mas também apresentam diferenças relacionadas à forma de reação diante dos fatos opressores.

O percurso de vida de ambos é marcado pela decepção e sofrimento. Apresentam semblante amargo e ar de preocupação. Lamentam fatos que lhes ocorreram, insinuando que sua vida poderia ter sido diferente:

**E.5** – É. Igual as outras irmãs minhas, umas ficaram viúva, outras morreram... Resolveram lá o problema... do viúvo, da viúva... resolveram, né. É diferente (*de ter-se separado*).

**E.6** – Eu queria seguir Engenharia...as pessoas desgringolaram. Não adianta. Não deu certo...não deu certo. [...] Porque você tem um sonho, né... e foi tudo cortado, entendeu? A família cortou tudo... não deu chance a mim... eu não tive chance. Teve o meu irmão, mas não queria nada.

Em meio às características comuns observadas nestas duas entrevistas – as de lamento sobre fatos que os marcaram, as de amargura no semblante que apresentam hoje e as de desencanto, nesta atual fase, revelado em seus depoimentos – há diferença na postura de enfrentamento.

A protagonista da E.5 enfrentou as adversidades. Apresenta, ainda, resquícios de assertividade. É uma pessoa ensimesmada, realista e introspectiva. Sua fala é marcada por pausas reflexivas. Não se declara infeliz, mas solitária pela sua condição atual, demonstrando ansiedade para reverter a situação de institucionalizada. Vê a velhice com pessimismo, pela vida dependente, solitária e inativa que leva.

O significado que a velhice tem para ela, interpretamos como fruto do realismo com que vê os fatos e circunstâncias, traço de sua personalidade e da decepção que a acompanha.

O envelhecimento, pra adoecer e pra morrer é inesperado. A pessoa, como não dá pra fazer as coisas, você tem vontade de fazer, quer fazer e não pode... o envelhecimento não deixa. A força... não tem força. Uma pessoa como a gente não vai. (*Pausa*) É um problema.

A pessoa aqui referendada como E.6, ao contrário, deixou que as pessoas decidissem por ela. Não reagia diante das adversidades. Conformava-se, sentindo-se vítima. Sempre dependeu de terceiros para sair das situações de desconforto e tomar decisões. Essa dependência atingiu, inclusive, suas convicções religiosas. Além da amargura, apresenta baixa autoestima e um grau de frustração e de desilusão muito alto.

Não fui, porque... não deixou... não deixou. Mas foi esse drama todo que houve comigo, então...

Ah... é... fiquei espírita porque a turma toda era espírita e eu andava com eles, né. Aí eu fiquei espírita.

Eu... não era de nada” (*comparando a atenção dos pais para com o irmão*).

Eu não merecia aquele emprego... Eu só tinha o Científico... (*sentindo que não tinha merecimento, por se tratar de emprego, que um ex-professor lhe arranjava, bem remunerado e ele ter, na ocasião, apenas o Científico – Curso de nível médio*).

[...] eu não tenho tarimba pra isso [...]

Eu não tenho cabeça boa, não. Eu sou burro.

Minha letra é um garrancho, é uma coisa horrível.

Aquela (*filha*) é inteligentíssima. Não puxou o pai, não.

A visão que carrega sobre a velhice segue o mesmo padrão apresentado no drama que o persegue desde a infância e juventude.

Não gosto de mais nada... sombra e água fresca. O sonho acabou, morreu. [...] Acabou tudo... A gente vai batendo, batendo, batendo e sempre percalços acontecendo... aí a gente vai abandonando. Acabou.

Diferentemente dos dois casos acima interpretados, os depoimentos abaixo, respectivamente referentes às Entrevistas 1, 2, 3, 4, 7 e 8, advêm de pessoas que se declararam felizes e/ou realizadas com os seus feitos e/ou bem estruturadas na família e/ou no casamento. Incluem-se nesse grupo aquelas que tiveram grande luta para se estruturarem materialmente.

**(E.1)** – Minha fia, eu, Graças a Deus, eu sinto bem... porque a gente, por si mesma, a gente tem que reconhecê que a idade já chegou, né. A gente nunca que é igual quando é nova, né. O tempo, a idade vai chegando, a gente tem que aceitá, né. “Ah, mais tô veia memo...” Tá veia, mais ainda faz alguma coisa boa... pode ensiná, e pode trabalhá, pode ajeitá, né...

**(E.2)** – Ela perdeu o sentido de empreendimento. Empreendimento se for empresário, se for exercer trabalhos, outros trabalhos, sobreviver pelo trabalho... você não suporta muito isso mais... pra você não. Mas você pensa em ajudar os outros que tão precisando disso aí... Porque criar uma empresa é um ato de fé muito grande. É a mesma coisa do plantio do grão lá na terra.

**(E.3)** – Eu... pra mim, o sentido da minha vida hoje é o mesmo de quando fui novo, né, porque não é porque eu fiquei velho, que eu vou falar que eu não... que eu não tenho aquilo, não posso fazer aquilo. Eu, pra mim não modifica muito, não. [...] Olha, eu... eu posso dizer que é até melhor [...] Graças a Deus, eu não tô me achando tão velho assim, não (*risos*).

**(E.4)** – Ah, eles falam que eu sou velha, mas eu não sinto. Eu não sinto, porque eles querem que eu pare, que eu fico olhando pra lua, mas eu não sinto isso. Eu tenho que fazer alguma coisa. [...] eu acho normal. Eu nunca pensei em ficar velha, assim... é... sem fazer nada, não.

**(E.7)** – Não me preocupo nem um pouco. Nem penso.

**(E.8)** – A gente tem que aceitar. [...] Eu nunca nem pensava nisso. Eu vivia tão feliz. [...] Fui amada na infância desde o dia que eu nasci. [...] Ei, minha filha, mas põe felicidade. [...] O

homem era muito bom... especial. Me amava, me considerava, me estimava, me zelava... o melhor era pra mim (*choro*).

Com referência a esse último grupo, as pessoas demonstraram, destacadamente, determinação, traços ainda visíveis na idade em que se encontram. É digna de nota a observação de que esses participantes não apresentaram sentimentos de fracasso nesse ou naquele quesito, apesar de algumas referências sobre oportunidades que gostariam de ter tido, com destaque a estudos.

O conjunto de constatações mencionadas nesta seção sugere-nos depreender a ratificação de que o histórico de vida é determinante no perfil das velhices.

#### **4.3 – O presente e o futuro: percepções sobre o envelhecimento**

Esta terceira seção reúne dados alusivos ao envelhecimento, tema-chave em torno do qual outros temas ganham sentido, favorecendo a obtenção de informações que fundamentam inferências para o cumprimento dos objetivos da pesquisa.

Assim posto, juntamos a Envelhecimento as categorias Bem-Estar, Trabalho, Aposentadoria e Rotina diária/atividades em função de resultados apresentados de forma interligada, relacionados a *trabalho formal, prolongamento da vida ativa versus dependência*.

É digna de nota a observação de que, nas entrevistas, não se viram afirmações que pudessem relacionar a noção de bem-estar com empreendimentos profissionais, feitos profissionais e de trabalho formal nessa fase da vida. É possível afirmar, sim, mesmo por meio de entrelinhas, que não há bem-estar sem a presença da autoestima. De acordo com os depoimentos, o conceito de *bem-estar* também não está relacionado apenas ao atendimento das necessidades materiais, físicas e biomédicas. Aliás, nenhum dos idosos entrevistados nesta pesquisa mencionou esses aspectos, os quais, sabemos, favorecem o bem-estar físico. A prioridade declarada foi ficar com a família, em seu ambiente doméstico. É notório o desejo de o idoso ter seu espaço e exercer todas as atividades que estejam ao seu alcance, no seu tempo, estando preservados o poder de decisão, a liberdade e a autonomia – alicerces da autoestima –, embora reconheçam seu grau de dependência. Nesse sentido, poderíamos inferir que a expectativa do amparo material, físico e biomédico está implícita no convívio com a família (apenas não foi verbalizada), e que esse amparo viria para suprir suas limitações, no exercício de sua autonomia e liberdade, conforme as entende. Compreende-se, assim, que sua autonomia é relativa, porém fica muito claro que o seu bem-estar fica comprometido à medida que seu poder de decisão sobre si mesmo não é exercido e é tolhido.

Depreendemos que, dadas as circunstâncias da própria idade, o bem-estar é uma condição sempre relativa e subjetiva, não tendo sido mencionadas pelos entrevistados questões sobre cuidados pessoais, alimentação, conforto ou qualquer ideia que normalmente surge quando se fala em bem-estar.

Essa questão é ainda mais evidente nos depoimentos dos idosos institucionalizados, os quais vivenciam e experimentam a ausência diuturna da família. Há os que são visitados pelos familiares diariamente, semanalmente, mas também há os que são apenas esporadicamente.

Pareceu-nos, segundo algumas falas, que a visão de bem-estar pode estar condicionada também às experiências de vida.

**E.5** – Bem-estar... (*pausa*). Nesse mundo que nós estamos vivendo, tá muito difícil a pessoa ter um bem-estar... difícil...porque quando você não tem com o marido, tem com os filhos, quando não tem com os filhos, tem com a empregada, sempre tem uma coisa que atrapalha, e nunca deixam completo o bem-estar da gente. E a gente não vive sozinho nesse mundo mesmo, né ...

O depoimento acima foi emitido por uma pessoa, cuja vida foi marcada por dificuldades, tristezas, dissabores e muita luta solitária. Percebe-se que sua visão reflete a expectativa que vive no momento: a possibilidade de ter de morar em companhia de alguém e o receio de não se darem bem.

Em contrapartida, a visão de bem-estar a ser apresentada abaixo, está mais associada a se sentir amada, à felicidade. De acordo com a entrevista concedida por essa pessoa, sua vida foi coberta de cuidados e carinho, tanto por parte de seus pais e avós, quanto por parte do marido, já falecido:

**E.8** – Na minha fase, o bem-estar da gente é ficar com a família e que as pessoas tratem e sintam assim, bem, e sintam que é amada, que não é despejada, que tem carinho, que tem quem te ama, tem quem cuida de você... vê se você tá gorda, se você tá magra... É carinho. É mais carinho, não é? A gente sente falta. Eu sinto muita falta do meu esposo. Ele era um verdadeiro esposo. Em tudo. Em todos os sentidos.

Nota-se que esse parecer sobre o bem-estar apresenta pontos comuns com “o desejo de felicidade na velhice” apresentado por pessoas entrevistadas por Maria Ester Vaz da Silva em sua tese de doutoramento (2006, p.196):

O desejo de felicidade na velhice inclui expressamente as relações afectivas que passam por – “ter carinho”, “atenção dos familiares”, “ter amigos” – e não se desfazer das “coisas próprias acumuladas” ao longo dos anos. Expectativas que se encaram como dependentes das atitudes dos outros no sentido de – “ter apoio da família quando dela necessitar”, “não ser abandonado pelos filhos”, e “não lhe chamarem de coitadinho”.

Há, ainda, a visão de bem-estar, emitida por nossos entrevistados, associada à capacidade de exercer atividades que pressupõem locomoção, autonomia física, porém longe de ser trabalho formal; ou à autoconfiança, em sua capacidade de resolver problemas de forma racional; ou ainda a visão atrelada à autonomia em espaço próprio:

**E.1** – A gente, pela idade, a gente ainda faz alguma comida, ainda lava um prato, ainda resolve alguma coisa, né... Porque tem muitas pessoa de idade, que vai indo fica trevado:[...]

**E.3** – Eu acho que a pessoa tem que ter confiança nele... e eu... ainda tenho confiança em mim, né [...]

**E.5** – Deus ajude que a gente tenha a casa da gente assim...

A definição sobre bem-estar emitida por Moraes (2012, pp. 23-24) nos dá uma pista do porquê do leque de visões a respeito do termo, as quais se diversificam sob vários pontos de vista e contextos. Sem que haja a aceção certa ou a errada dentre estas, apenas refletem a história de cada um e razões particulares subjacentes:

Bem-estar é um termo geral que engloba o universo total dos domínios da vida humana, incluindo os aspectos biológicos, psíquicos e sociais. A doença pode comprometer diretamente o bem-estar biopsicossocial, dependendo da capacidade de adaptação do indivíduo. Essa capacidade de adaptação está diretamente relacionada ao contexto onde o indivíduo está inserido. Esses fatores contextuais representam o histórico completo da vida e do estilo de vida de cada indivíduo. Eles incluem os fatores ambientais e os fatores pessoais. Os fatores ambientais constituem o ambiente físico, social e de atitudes nas quais as pessoas vivem e conduzem a sua vida. Os fatores pessoais são o histórico particular da vida e do estilo de vida de um indivíduo, como, por exemplo, o sexo, a idade, estilo de vida, hábitos, estilos de enfrentamento, nível de instrução, padrão geral de comportamento e de caráter. São responsáveis pela manutenção do equilíbrio psíquico do indivíduo, protegendo-o de conflitos internos.

Podemos afirmar que os idosos entrevistados, mesmo aqueles que, ao considerarem apenas a própria condição, demonstraram reservas quanto à operacionalização do trabalho na vida do idoso, posicionaram-se a favor das propostas advindas da política Envelhecimento Ativo, ressaltando a condição de se ter saúde para o prolongamento da vida ativa nesse quesito. Não se prenderam à idade cronológica como impedimento, mas, sim, à condição física como contrapartida. Seus depoimentos ratificam as condições mencionadas em Cabral *et al.* (2013, p. 19), "desde que tenham condições de saúde para o fazer e que as condições de trabalho o possibilitem", quando este alerta sobre o risco de "marginalização dos idosos", caso não se criem "condições que permitam às pessoas sentirem-se motivadas para prolongar a vida activa".

**E.1** – [...] a gente tem que reconhecê que a idade já chegou, né. A gente nunca que é igual quando é nova, né. O tempo, a idade vai chegando, a gente tem que aceitá, né. [...] tem dia, que eu trabalho demais mexendo co'as panela, co's prato, essas coisa; quando é de tarde eu tô cansada.

**E.2** – [...] os oitenta tão meio pesado, cheio de crise, mas vai (*risos*). [...] Se a saúde tiver boa, não tem problema.

**E.5** – Não tenho condição física de participar. O que acompanha a gente é a física. E tô perdendo o movimento, vai fazer alguma coisa, aí não tem o movimento. Sem a física não vai.

**E.6** – Agora que eu tô molengo, tô... É, a velhice tá chegando, né... dores nas pernas, dores nas costas... entendeu? É difícil... Não dá vontade, não dá vontade.

**E.8** – Se ele tiver físico... Depende tudo da condição. A condição física leva longe.

Silva (2006, p. 173), apresentando “resultados da análise das entrevistas sobre envelhecimento e velhice” em sua tese de doutoramento, comenta o assunto, elucidando-o com falas dos entrevistados as quais mostram a mesma realidade observada por nós nos depoimentos, quando abordam como

sentem sua condição física:

Ao nível da componente física, o discurso enquadra a velhice numa visão do corpo como máquina que, enquanto nova, “trabalha certinha às mil maravilhas” e, quando já tem uso, se desgasta e “começam as folgas”. É ao desgaste pelo uso que é atribuída a perda gradual da agilidade e da energia que anima o corpo – “vão-se perdendo as forças físicas”, “já não faz as mesmas coisas que se fazia há 20 anos”, etc. [...].

Considerando que esta pesquisa foi feita com pessoas na faixa etária acima de 77 anos, o paradigma Envelhecimento Ativo foi observado em sua concretude, tendo em vista não se tratar de projeção futura. O futuro já chegara.

**E.1** – A gente vai indo, no prazo de tempo, a matéria da gente já vai sentindo. O dia que você trabaia demais, no outro dia cê tá cansada. Quando a gente é nova, cê num sente. Tudo pra gente tá bom, né... Mais quando os janeiro chega, é complicado, né.

Percepciona-se, com certa ênfase, a recorrência de mostras de vidas pautadas em expectativas e dependências: expectativa em relação aos seus destinos, expectativa da solidariedade e disponibilidade dos filhos e/ou parentes que os levem às consultas, principalmente, e lhes façam as compras ou os levem ao supermercado ou para fazer uma visita; expectativa de receber visitas também, principalmente os idosos institucionalizados; dependência de familiares, seja para tratamentos médicos, cujos valores nem sempre são compatíveis com os valores que recebem da aposentadoria e pensão, dentre outras.

**E.7** – Antes ela vinha toda semana. Agora não vem toda semana, não.

**E.5** – Eu quero saber só o que que Deus vai fazer comigo junto com a minha filha quando resolver esse negócio dessa casa... Está demorando demais da conta... não aguento coisa demorada.

**E.8** – Hoje eu sinto muita necessidade. Eu estou aqui pela caridade de Deus. Minha filha é doente... e eu não tenho reservas. Aqui é caro... e ela é doente. E ainda eu sou cardíaca... tenho que comprar esses remédios; sou diabética... tenho que comprar esses remédios custe o que custar.

O que se nota é que por mais que a pessoa tenha um espírito empreendedor e independente e tenha vontade de participar, produzir, os impositivos de saúde e condições materiais os colocam em situação de dependência.

**E.2** – [...] porque depende muito dos favores... tem que ter motorista. Porque a qualidade de vida caiu demais... Nós, professores, com esses desequilíbrios por aí... tô com vinte anos sem nenhum aumento. Aí a qualidade de vida caiu muito, não pode pagar um motorista... não pode pagar uma datilógrafa, né... [...] Não, isso (*supermercado*) eu não posso mais. Dependo mais do motorista... minha filha. Temos filhos dedicados. Meu filho, que já tirou carteira de motorista, que leva a gente no médico... na... na... a gente tem os programas de médico também, porque a idade exige. [...] Agora com a surdez eu tô mais difícil com a diversão e a comunicação. O resto eu tô fazendo tudo normal. E parei de dirigir também uma certa idade por causa... há dois anos porque... parei de dirigir porque a situação da diabete, eu peguei um defeito nas pernas, e tava com medo de amputação, essas coisas toda. Aí eu parei e fiquei medroso mesmo, não tava dando conta de conduzir a condução.

Esta pesquisa nos mostrou com muita clareza que, por mais independente que o idoso seja, em sua forma de ser, essa independência acaba sendo tolhida pelo seu estado de saúde e limitações para se locomover no trânsito: não mais está apto a pegar ônibus sozinho e não mais dirige por limitações da visão, da audição e por comprometimento dos reflexos. Os recursos da aposentadoria não comportam os gastos com médicos, tampouco pessoas contratadas para dirigir. Ficam tolhidos em atividades que poderiam frequentar fora de casa. Dependem de alguém que os leve e os traga. Não se observou em nenhum dos casos condições financeiras totalmente independentes para que pudessem contratar um motorista, por exemplo, ou um táxi diariamente.

**E.2** – O meu grupo intelectual foi escoando e eu não frequento mais as sociedades que promovem aí... Instituto Histórico, Sindicato de Escritores, que eu pertenco ainda, mas só de nome, a Academia Taguatinguense de Letras, eu quase... não tenho participado, porque também fica difícil, né... a pessoa não tem disponibilidade para levar uma pessoa e daqui duas horas ir buscar. E aí, como eu disse pra senhora que caíram os ganhos... desapareceu, se perdeu a qualidade de contratar pessoas e ao mesmo tempo de pagar um táxi, uma coisa, essas coisas... porque tudo desequilibrizou com as inflações, né...que o pessoal desequilibrizou.

Portanto, compromissos de trabalho diário para indivíduos nessas circunstâncias não lhes cabe. Seria uma ilusão. A realização de certas propostas do Envelhecimento Ativo depende de terceiros. Podemos concluir que todos se dispõem a usufruir de um envelhecimento ativo, plural nos seus significados – atividade física, intelectual, relacional, cívica, etc., porém, ficou evidente que a dependência de locomoção é um fato, assim como a queda da resistência a trabalhos que muitos outrora desenvolveram e ao cumprimento de determinado número de horas.

**E.2** – É... O idoso sofre uma coisa, que é a mesma coisa lá na adolescência: é a fadiga. A fadiga do idoso é a mesma do adolescente lá... repete cá. Vai caindo... vai ficando cansado. Essa canseira tem que ser tratada.

Dos oito casos analisados, duas pessoas, não institucionalizadas, locomovem-se sozinhas fora de casa (E.1 e E.3). Uma delas (E.1) vai a pé ao centro espírita que frequenta e ao hospital em que é voluntária para conversar com doentes. Só depende do filho para compras grandes. As pequenas faz sozinha no supermercado perto de sua casa. Apenas sabe escrever o nome. Não assiste aos programas de televisão, exceto filmes cujos temas sejam compatíveis com sua religião. Normalmente o filho compra os filmes de que gosta. A outra pessoa (E.3) ainda viaja sozinha, de ônibus, à cidade onde residia até há menos de dois anos, para participar de uma atividade beneficente que lhe agrada muito, promovida pelo Rotary, já como membro isento de presença, e para visitar parentes. Oportunamente, cabe observar que, mesmo com essa disposição de trabalho, não tem condições de pagar um convênio médico. Depende dos filhos. Os demais dependem de companhia para sair de casa. Normalmente de familiares para levá-los às igrejas de sua religião, ou, na maioria das vezes assistem a palestras, missas pela televisão.

A dependência de companhia também diz respeito aos idosos institucionalizados, com um pormenor: é vedado saírem da instituição sem a companhia de familiares ou responsáveis. Independentemente das regras institucionais, todos os quatro entrevistados necessitam de quem os acompanhe para andar na rua.

Retomando o que havéramos mencionado a respeito da carência da qualidade de vida, comprometida, não raro, em razão dos baixos valores de aposentadoria, o depoimento abaixo ilustra essa condição de parte significativa da população idosa, fato que a obriga, muitas vezes, a uma reinserção danosa e indigna:

**E.3** – Aposentadoria pra mim foi horrível. Eu queria tá trabalhando até hoje. [...] Eu tô meio desativado, mas... às vezes é até mais falta de oportunidade, né. Graças a Deus, tô vivendo, como eu já disse aí, à custa de médico [...].

Nessas situações, à ausência da qualidade de vida pode-se somar outro impacto emocional. Ser aposentado, de certa forma, é reencontrar-se consigo mesmo. Não mais, salvo exceções, é referenciado como o professor da instituição X, o diretor da empresa Y. A sua identidade resume-se ao seu nome e sobrenome. Esse reencontro identitário exige preparo. Invariavelmente é um momento de reflexão sobre si mesmo.

Cabral *et al.* (2013, p. 60) concluem que “o início do pós-trabalho é um tempo de autodeterminação que permite a realização de projectos e actividades antes vedados, qualquer que fosse a razão, e mesmo de reconfiguração e redescoberta da identidade”.

Culturalmente, a condição de aposentado não deveria implicar a negação das realizações do indivíduo, efetivadas durante a sua atuação profissional. Ouvi-lo, chamá-lo a falar sobre seus antigos projetos, propiciando sua interação com outras gerações, pode ser um braço do Envelhecimento Ativo e Saudável.

Chamando a atenção para os benefícios de uma vida ativa, seja no segmento que for possível o idoso exercer, dentro de seus limites, destacamos uma pessoa que apresentou muita perspicácia em suas observações e cultura: a senhora de 98 anos (E.8). Impressionante a sua memória na descrição de detalhes, na elucidação de processos utilizados na fazenda do avô, na lembrança de nomes de plantas, frutos, dentre outras reminiscências. Cadeirante, trazia livros em uma bolsa acoplada na própria cadeira de rodas. Lê duas horas por dia: livros de diversos autores, jornais, revistas. Além dessa atividade, mantém religiosamente sua leitura bíblica. Evangélica, traz em suas reflexões sobre a vida algumas referências da Bíblia, com muita coerência, associando o cotidiano com os preceitos bíblicos. Disse que a primeira coisa que olha, quando abre um livro, é a biografia: “A biografia do autor. [...] Vou acompanhando a beleza da vida da pessoa.” Com os seus noventa e oito anos, registrou sua presença nesta pesquisa com uma frase, que não só reflete sabedoria, mas suscita pensar sobre os efeitos de um envelhecimento ativo. Dizia ela: “Quem não lê parece que já morreu”. Neste



sentido, é preciso reiterar a ideia de que atividade não se resume à atividade física ou que envolva locomoção. Há que se ampliar a noção de envelhecimento ativo, pois há exemplos, como esse acima, que demonstram haver idosos muito ativos, mas com poucas possibilidades de locomoção.

A vontade de terem uma vida mais ativa não lhes falta. Alguns expressaram, diretamente ou nas entrelinhas, o sentimento de não se considerarem velhos:

**E.3** – Graças a Deus, eu não tô me achando tão velho assim, não (*risos*).

**E.4** – Ah, eles falam que eu sou velha, mas eu não sinto.

**E.7** – Tudo velho. Velho não quero, não (*risos*). [...] Não me preocupo nem um pouco. Nem penso (*na velhice*).

**E.5** – [...] Eu dou... dou (*conta de fazer compras*). É só o andador, por causa das pernas, né. Ainda ando um pouquinho aos socos, mas tenho medo. [...] dando o braço com o outro, né...

A implementação de ações que visem a um envelhecimento ativo é viável e oportuna, desde que se leve em consideração todo conhecimento sobre o processo de envelhecimento e se amplie a noção de atividade, dando visibilidade a outras formas de atividade. Há certo descompasso entre o que propõem as políticas decorrentes dessa nova cultura e as expectativas e a realidade dos idosos. O que significa atividade para eles na fase madura da vida?

Dos três homens entrevistados (E.2, E.3 e E.6), dois não mencionaram a religião como ocupação atual, um institucionalizado (E.6) e o outro não (E.3), sendo que o não institucionalizado acompanha a esposa nos cultos e mantém atividade beneficente por meio do Rotary. Todas as mulheres mencionaram a religião, na condição de apoio incondicional, destacando-a como fonte de atividades e compromissos. De acordo com as suas condições, frequentam os encontros ou assistem a estes pela televisão, também pela dependência de quem os leve.

Todos os entrevistados, de certa forma, almejam estar ativos até o fim da vida, porém, essa vida ativa não inclui compromisso de trabalho fora de casa. Observou-se que, além de limitações físicas, como realidade imposta, os interesses mudam com o passar do tempo, também como processo natural. Enquanto as políticas priorizam atividades aquelas praticadas da porta de casa para fora, os idosos mostram que querem atividades da porta para dentro – jardinagem, artesanato, leituras, conversas, preparo para receber seus parentes, incluindo a culinária, e outras de acordo com o interesse particular de cada um. Não é que esperam pela inatividade.

A noção de um envelhecimento ativo está associada à atividade, oposição por excelência da ociosidade e da inércia; a ideia se liga ao trabalho, não necessariamente remunerado, mas, trabalho.

Um entre os entrevistados que participaram da pesquisa (E.2) ofereceu-nos um livro autografado, escrito por ele, e está no aguardo de contato com uma editora para publicar outro, já escrito, escreve para um jornal (em casa) e mostrou-nos um álbum de fotos de seus 80 anos,

oportunidade que presenteou os convidados com mudas de plantas nativas, cujo cultivo faz parte de um de seus projetos de vida, e nos entregou, após a entrevista, uma folha com parte de seu *curriculum vitae* manuscrito, a fim de que tivéssemos um registro mais completo; uma senhora nos ofertou um guardanapo de cozinha que fez na nossa presença, artesanato que faz com frequência; e outra senhora mencionou que fez doze toalhas bordadas para a família, no último Natal. Todos querem falar sobre si e mostrar seus feitos. Um senhor, mostrando-se satisfeito, revelou-nos que era a primeira vez que tinha a oportunidade de fazer os relatos.

As dificuldades que havéramos previsto, mencionadas na introdução desta dissertação, em relação a idosos exporem sua vida a quem não fosse de sua convivência e confiança, durante as entrevistas, foram facilmente superadas nos primeiros momentos do contato, ou nem existiram de fato. Pontualmente tínhamos duas preocupações. A primeira, como mencionamos na introdução, era a de confiarem suas histórias a nós, como estranhos a eles, e a outra era a de essas histórias mexerem muito com suas emoções e causar-lhes mal. Para nossa surpresa, nenhuma das preocupações se efetivaram. Concluímos que não tinham fundamento, tendo em vista todo o preparo feito, embora tenha havido manifestações de choro, por parte de alguns entrevistados, diante de uma foto ou de lembrança do cônjuge. De acordo com depoimentos, recordar lhes fez bem. Destacou-se a gratidão que todos os participantes demonstraram no final da entrevista, simplesmente por terem tido a oportunidade de serem ouvidos. Um deles mencionou um móvel feito por seu pai, manualmente (fez menção de mostrá-lo). Percebia-se com clareza que sentiam prazer em falar de si, dos seus feitos, de seus antepassados, de sua infância, de suas mazelas. Foi realmente um “juntar de pontas – infância/velhice”:

**E.5** – Eu deito, [...] agora eu tenho mais uma coisa pra mim pensar (*referindo-se às memórias trazidas à tona e reflexões feitas durante a entrevista*).

**E.5** – Falar da minha vida foi tão bom... eu não aguento mais ficar sozinha assim.

**E.8** – [...] Então, a minha vida... tendo o meu avô até aqui tem me ajudado sempre. E a sua presença foi juntar as minhas alegrias. Estou muito satisfeita. O que que a senhora acha? (*Perguntou-nos*). Eu achei a senhora tão importante... Chegar e conversar essas coisas tão bonitas... Hoje eu tenho a saudade assim. Eu sinto porque morreu meu povo tudinho.

**E.7** – Eu também tenho muito pra te agradecer, porque eu fiquei muito feliz... porque não vem ninguém assim pra conversar comigo... não vem mesmo.

O que mais se destaca nisso tudo é a vontade de falar da própria vida, de rememorar fatos. Essa predisposição nem sempre acontece num primeiro momento, quando se é convidado para a entrevista. A partir do momento que foi constatado que se tratava de falar sobre si e rememorar fatos do passado, desde a infância, o semblante mudava. Percebia-se a luminosidade no olhar logo após a

primeira pergunta. Alguns foram se soltando e demonstrando estar à vontade só gradativamente, quando se situavam no seu “ambiente”, que era falar sobre si mesmo, contando suas histórias.

Somente em duas pessoas, ambas não institucionalizadas, percebemos grande entusiasmo já num primeiro momento, antes mesmo de qualquer pergunta. A título apenas de referência, trata-se da menos escolarizada (E.1) e da mais escolarizada (E.2). Na consulta sobre se aceitaria ser entrevistada, a menos escolarizada prontificou-se imediatamente e já começou a narrar sobre sua vida, sem mesmo ter havido uma só pergunta diretiva, iniciando com a expressão que a caracterizou durante toda a entrevista, posteriormente: “Naquele tempo...”. Repetiu-a muitas vezes, com certo ar saudosista da *pureza* que via nas pessoas e no mundo *daquele tempo*, que achava melhor, sem, contudo, deixar de lado o senso crítico, uma de suas características mais marcantes, que a fez reconhecer quanto sua vida havia melhorado de lá para cá, em todos os aspectos, sobretudo materialmente. Se, naquele momento do convite, o ambiente fosse propício, ela teria concedido a entrevista ali mesmo. E a segunda pessoa entusiasmada, a mais escolarizada, já tinha concedido entrevista até para a TV, na condição de escritor.

Acreditamos que nesses dois casos a escolarização ou a não escolarização foi o que menos pesou, ou nada pesou no entusiasmo à primeira vista. Após conhecê-los por meio da entrevista, concluímos que esse comportamento se deveu ao fato de ambos terem, cada um com sua peculiaridade, uma vida ativa – enfim, um objeto de trabalho, de estudo, de criação... de vida. A primeira, apesar de escrever apenas o próprio nome, é bem atuante. Tem atividade caritativa fora de casa, em um hospital, como voluntária, e participa de estudos religiosos semanalmente, em que há discussões e muita reflexão, no centro espírita que frequenta. Ali ela ouve e se expressa o tempo todo. O segundo, embora com limitações maiores de saúde, o que o faz dependente para sair de casa, é a pessoa, já mencionada, que mantém a escrita de livros, digita-os, escreve para um jornal e cultiva mudas de plantas nativas. Dentro de casa, ainda mantém estudos bíblicos periodicamente, por meio da televisão, e assiste às missas também transmitidas.

A sociedade pode lucrar muito com a participação mais ou menos regular desse grupo, ouvindo-o sobre suas realizações, na condição de consultores, por exemplo, ou simplesmente na condição de expositores, garantida sua locomoção (se necessária).

A atividade mais prazerosa para esses indivíduos foi serem ouvidos e respeitados no que eles têm a contar e terem a oportunidade de mostrar seus trabalhos realizados no passado – ótima oportunidade de intercâmbio geracional, que só tem a impulsionar uma sociedade. A valorização do idoso é cultura construída e cultuada. É forma de praticar direitos e deveres de um cidadão. A cidadania não se limita a uma certa idade. Sua prática nasce e morre com o indivíduo. Ser ouvido é um exercício que promove a manutenção da dignidade. A velhice paulatinamente distorce o corpo, mas não os feitos de uma pessoa. A História nos mostra o tempo todo que o passado solidifica o futuro.

Mesmo os equívocos e os erros, os quais podem servir de parâmetro para os acertos.

A autoestima desses indivíduos, hoje, encontra sustentação na valorização, também, de seus feitos do passado. A velhice não pode ser tratada como se fosse a negação do passado. Pior ainda, como se o anulasse, renegando-o.

Presume-se que, pelo menos durante duas décadas, muito ainda serão os encontrões/choques entre a geração envolvida nas mudanças orientadas pela cultura do Envelhecimento Ativo e Saudável e as políticas sociais correspondentes: de um lado, pessoas despreparadas, inclusive tecnologicamente, considerando que uma das atividades de socialização e de trabalho do intelecto que o idoso pode ter sem sair de casa é por meio do computador; de outro lado, medidas sociais vigentes ainda deficitárias, qualitativa e quantitativamente. A tendência, cremos, é que a evolução aconteça bilateralmente: por parte da sociedade e por parte das políticas. Caso contrário, o Envelhecimento Ativo e Saudável não passará de um belo discurso, incapaz de interceder assertivamente em alguns percursos de vida.

## **CAPÍTULO 5 – EDUCAÇÃO SOCIAL: PISTAS PARA A INTERVENÇÃO SOCIOEDUCATIVA**

Reportando-nos à introdução desta dissertação, expuséramos o entendimento de que esta pesquisa tem o papel preponderante de constituir-se como um indicativo a mais para os estudos avaliativos não apenas de propostas de políticas de saúde e bem-estar, as quais são de responsabilidade governamental, mas também de ações educativas, dentro da instituição educacional e fora, no âmbito da sociedade em geral.

Os relatos de vida a que tivemos acesso e as condições variadas em que vivem os idosos que colaboraram com esta pesquisa confirmaram não só que há um campo fértil para o trabalho do educador social em favor desse público, tendo em vista necessidades de várias ordens apresentadas, como indicaram também que, para a efetivação das propostas de políticas de saúde e bem-estar dirigidas a esse grupo, destacando o Envelhecimento Ativo e Saudável, é preciso que ações socioeducativas também façam parte de projetos em instituições educacionais e fora, na sociedade, com o envolvimento das gerações de jovens e adultos no trato com o idoso, habilitando-os para a relação intergeracional e preparando-os para o futuro – em que também serão idosos.

Recorde-se que a Educação Social emerge de um quadro mundial complexo, de brusca mudança e anseios por soluções. Uma das mudanças, conforme já mencionamos nesta dissertação, é o aumento significativo do número de pessoas com sessenta anos ou mais, grupo pouco preparado para enfrentar as implicações que os afetam. Nesse cenário, diversificados tipos de problemas de ordem social vêm à tona, e surge a inevitabilidade de se proceder à preparação de profissionais para suprir necessidades, também complexas, decorrentes do envelhecimento populacional, pois estas se evidenciam em grande parcela da sociedade, a exigirem, emergencialmente, tratamento socioeducativo e de inclusão. É nesse contexto que o educador social pode construir um espaço privilegiado de intervenção.

Com efeito, Azevedo e Correia (2013) apontam que, dentre os fatores decisivos “para a emergência da Educação Social”, está a “mudança do conceito de educação”:

a educação deixa de ser um patrimônio exclusivo da escola e passa a ter novas funções, de dimensão mais social. Além da educação formal, considera-se a educação não formal e informal, isto é, a educação tem uma função permanente e engloba diferentes contextos e populações, até as mais marginalizadas.

O Educador Social, cuja formação se faz numa base sociopedagógica, pode constituir-se em um porta-voz de indivíduos e grupos necessitados social e psicologicamente, intermediando políticas públicas, em contextos diversificados.

Nessa tarefa, precisa reunir competências formais e também ser dotado de sentimentos e valores, dentre estes a compaixão, sem, contudo, perder o equilíbrio no mar de sentimentalismos, considerando que o contexto das intervenções, notadamente, é a dor do próximo a requisitar providências.

A exemplo da empatia necessária com o utente, referindo-se a um nível de bem-estar adequado, Galinha (2016, p.7) chama a atenção do profissional em Educação Social para a necessidade de estar atento, “na sua relação com os participantes na ação” aquando do trabalho socioeducativo, às seis dimensões preconizadas pelo modelo de Bem-Estar Psicológico (BEP)<sup>5</sup>. A autora explica que:

Para um nível de Bem-estar adequado é necessário que o indivíduo reconheça manter em nível elevado da sua satisfação com a vida, uma alta frequência de experiências emocionais positivas e uma baixa frequência de experiências emocionais negativas. Este modelo de Bem-estar Psicológico compreende seis dimensões associadas a diferentes desafios que os indivíduos encontram. Segundo o referido modelo, as pessoas tentam sentir-se bem consigo mesmas, ainda que tenham consciência de suas limitações (autoaceitação); procuram desenvolver e manter relações interpessoais calorosas e confiáveis (relações positivas com os outros); visam controlar seu ambiente de modo a conseguir a satisfação de suas necessidades e desejos (domínio do ambiente); procuram desenvolver a autodeterminação e a autoridade pessoal (autonomia); tentam dar um sentido a seus esforços e desafios (propósito de vida) e procuram aproveitar ao máximo os seus talentos e as capacidades (desenvolvimento pessoal).

A razão, e não a frieza, deverá predominar e guiar as ações e decisões desse profissional, cujo papel fundamental é o de articulador entre a parte sobre a qual recai a intervenção e os profissionais parceiros, de acordo com a especificidade da área de atuação, e demais pessoas que possam fazer parte de sua equipe em trabalho multidisciplinar, dentre estas, os voluntários. Em se tratando dos principais valores e papel do educador social na gestão de grupos de voluntariado, convém-nos lembrar que não há como passar pela vida de alguém sem deixar-lhe algo, assim como sem permitir que este nos deixe algo de si. São essas relações que tecem a trama da vida. Nesse sentido, as relações que se consolidam no trabalho voluntário são muito fortes. A presença de quem quer que seja na vida de outrem nunca é neutra. Não há via única. Os ensinamentos e o aprendizado vêm das duas partes, assim como as interferências. Mesmo aquando da intervenção em um grupo, os efeitos são únicos em cada pessoa. A presença do voluntário é pontual na história de cada indivíduo, que levará marcas boas

---

<sup>5</sup> O Bem-Estar Psicológico (BEP) é um construto baseado na teoria psicológica, agregando conhecimentos de áreas como psicologia do desenvolvimento humano, psicologia humanista-existencial e saúde mental, a respeito do funcionamento psicológico positivo ou ótimo (Ryff, 1989). Os pontos de convergência entre essas formulações teóricas constituem as dimensões do BEP: autoaceitação, relações positivas com outros, autonomia, domínio sobre o ambiente, propósito na vida e crescimento pessoal (Ryff, 1989; Ryff & Keyes, 1995; Ryff & Singer, 2008). Diversos estudos têm demonstrado sua convergência em relação a indicadores de bem-estar, qualidade de vida, marcadores biológicos de saúde, processos desenvolvimentais adaptativos e construtos que refletem dimensões positivas da saúde mental (Ryff & Singer, 2008) (Machado e Bandeira, 2012, pp. 587-588).

ou más. Felizmente, o altruísmo e outros sentimentos e valores têm sido reconhecidos como algo que pode ser ensinado, construído. Não há dúvida de que esse reconhecimento tem levado escolas a disseminar o voluntariado, incluindo-o em sua programação. É preciso solidificar essa iniciativa, dando especial atenção, dentre outras ações, ao planejamento de visitas a asilos e fomentar trabalhos voluntários, dentro dessas instituições, em benefício de idosos, ou promover encontros para simplesmente ouvir o que os idosos têm a dizer, favorecendo a convivência entre jovens e idosos.

Acessar seus relatos de vida é um primeiro passo. A perspicácia e a sensibilidade no trato com o idoso podem ser construídas pelo exercício de observação e pela busca da literatura para compreensão do que possa estar se passando com ele. Em determinados casos, por trás de uma pedra bruta, ou de atitudes ranzinzas, há um ser humano que sente, que sofre, que vive processos de transição, que tem limitações e possíveis visões solidificadas. O trabalho intergeracional desenvolvido em escolas, como consequência educativa, chega à sociedade, a qual fruirá desses benefícios. Conforme consta no “Guia de ideias para planejar e implementar Projectos Intergeracionais (2009, p.20)”, a “definição internacional” de Práticas Intergeracionais “habitualmente usada” é: “As Práticas Intergeracionais procuram juntar pessoas com um propósito, através de actividades que as beneficiem mutuamente e que promovem um melhor entendimento e respeito entre gerações”.

Nessa perspectiva, os projetos socioeducativos de carácter intergeracional construídos dentro da instituição educacional visariam, como objetivo geral, discutir uma nova visão para o processo de envelhecimento, preparando as gerações jovens para as perspectivas de um e do Envelhecimento Ativo e Saudável, e oportunizando pessoas da “Terceira Idade e Quarta Idade (ou Grande Idade)” a exercerem atividades que os estimulem ao convívio com jovens, destacando-se que as ações também advindas dos idosos são contributivas no processo educativo, igualmente.

Como linhas gerais de projetos, poderão ser promovidos encontros previamente planejados entre alunos e idosos para que estes contem fatos de sua vida, que incitem a comparação de épocas, podendo haver outros focos de narrativa delineados pela escola. Pontualmente, um dos entrevistados nesta pesquisa cultiva plantas regionais, como já relatado, e se dispõe a ter contato com os alunos, no espaço escolar, a fim de transmitir-lhes sua experiência de “ecologista nato”, como se autodenomina, e ensinar-lhes o cultivo.

O projeto é o seguinte: é despertar uma ecologia de reconstrução... da flora destruída no Planalto Central... [...] Aí... eu comecei a pensar em despertar e comecei a formar muda e distribuir a esmo. Os primeiros que eu plantei eu já tô colhendo semente pra plantar outras, aqui na frente do lote: cedro, pau-brasil, aroeira, baru, jatobá, jatobá do mato e do campo... e muitos outros, nessa mesma linha. E o pau-ferro, daqui do Planalto, que não é da minha cultura. O pau-brasil plantei este ano... cagaita, copaíba, pau-de-alho, tudo semente bonita. Neste ano tem 600, 700

mudas prontas já. Pode plantar agora. [...] Como eu sou filho de um ecologista nato e eu também sou um ecologista nato, tô observando os erros... e colocando a força no lugar.

Concomitantemente, esse contato intergeracional pode propiciar ao aluno a oportunidade do estudo da História de Vida, como método, assim como a Entrevista, preparando-o para futuras pesquisas no curso superior, ou no mestrado e doutorado.

A responsabilidade do Educador Social, no entanto, vai além das competências técnicas. As situações passíveis da intervenção dos Educadores Sociais bem como o seu campo de ação são inúmeros, compreendendo todos os segmentos populacionais – de crianças a idosos, passando pelos jovens, grupo mais vulnerável à toxicodependência. Esse universo justifica a importância de fazer interface com outros profissionais, aquando das intervenções socioeducativas e encaminhamentos.

Longe de ser um “salvador da pátria”, trata-se de um profissional que atua direta e principalmente em situações de risco e abandono. Daí a necessidade de estar preparado para a imprevisibilidade. Em qualquer circunstância, deverá dispor da flexibilidade, “presença de espírito”, imaginação, humanismo, prudência, discrição, ética e integridade. Estará diante de situações e situações. Cada caso é um caso (uma vez que se lida com seres humanos). Para a pessoa necessitada de ajuda, esse profissional abre ou fecha a porta para o tratamento. Seu papel envolve a confiança do outro; portanto, não poderia se furtar dos princípios da “Ética e da Deontologia” (Marques, R.) no cumprimento e exercício da intervenção social.

A Ética transcende o tempo e o espaço, refletindo a orientação de valores. A Deontologia é contextual e se expressa sob a convenção de normas, o que não implica a ausência de uma reflexão ética. A Ética tem uma natureza mais subjetiva, mais sutil. Dirige a decisão. A Deontologia tem uma natureza mais objetiva. Faz parte da execução. Expressa-se por normas explícitas. A Deontologia Profissional, por exemplo, refere-se a um conjunto de normas de comportamento, apresentadas de forma imperativa – iniciam-se, normalmente, por “o profissional deve”, ou “o profissional não deve”, de acordo com a natureza da profissão.

Em se tratando de um indivíduo, a Ética reflete o caráter, solidificado nos valores. A Deontologia (grego déon, déontos, o que é necessário, o que é certo + -logia) (Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, 2008-2013) prende-se a normas estabelecidas num contexto. A exemplo da relevância do contexto na construção de um código deontológico, o Artigo 40º do Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social, aprovado em 2011, reza que o documento “deve ser revisto de cinco em cinco anos” (Ferreira e Azevedo, 2011).



Salgueiro e Costa (2014) depreendem que cuidado e intervenção são palavras-chave dos códigos deontológicos do educador social, como profissão de ajuda. As autoras fazem o seguinte alerta:

Na parte do cuidar, não há uma grande complexidade, tem a ver com o cuidar, o ajudar e o apoiar. Mas na parte da intervenção as coisas mudam um pouco de figura, pois são mais complexas e a intervenção, além de se colocar ao serviço das instituições/organizações, terá sempre que fazer a separação enquanto cidadão. Deve-se partir para a intervenção com uma grande humildade, pois estamos ali para dar o nosso melhor, mas acima de tudo ajudar/encaminhar/orientar o público-alvo de necessidade.

Assim como as demais profissões, o Educador Social, especialista que atua em favor da emancipação, da transformação e da inclusão de indivíduos em situações de risco e de carências, insere-se no grupo de profissionais que apresentam competência técnica associada à sensibilidade para ver além das aparências, com o dever de cumprir – sob a égide da ética – um conjunto de princípios e regras no exercício da profissão, cuja estrutura se edifica em conceitos pedagógicos e de cidadania.

Ratificando o universo de possível atuação do Educador Social e de projetos possíveis, as entrevistas mostraram visível necessidade de outros tipos de propostas, não necessariamente dentro do ambiente escolar, envolvendo o Educador Social e profissionais da área de Psicologia e afins, oportunidade de haver o concurso de profissionais ora aposentados ou não, para prestarem serviço em favor de, principalmente, pessoas categorizadas como da “Quarta Idade” ou “Grande Idade” (Cabral *et al.*, 2013, p.60), correspondendo a 75 anos ou mais (Cabral *et al.*, 2013, p.288), ou simplesmente idosos necessitados de quem os ouça e os ajude a situar-se no seu passado, em trabalho de autoanálise, e a buscar novos sentidos para a vida.

A exemplo, um dos entrevistados (E.6), apresentando indícios de não querer tratar do assunto casamento, emitia resposta objetiva ou desviava a conversa. Em vão buscávamos esclarecimento sobre o seu casamento, retomando o assunto de forma indireta para evitar constrangimentos. No cuidado de não sermos invasivos, demos prosseguimento à entrevista. Para nossa surpresa, as respostas foram sendo dadas pelo entrevistado, espontaneamente, no momento em que respondia a outras perguntas. Foi se abrindo aos poucos, durante suas reflexões.

Primeiramente disse, de forma taxativa, sem qualquer comentário, que não estava separado da esposa, encerrando o assunto.

**Vocês estão casados ou separados?**

*Estou casado. Não me separei, não.*

Depois, mediante a pergunta “O senhor teve um convívio bom com a esposa?”, emitiu uma

resposta breve, característica que não demonstrara em outras ocasiões.

*Mais ou menos. Ela tinha um gênio! Foi-se vivendo... aos poucos. [...]*

Na sequência, em dois momentos, tece comentários espontâneos sobre o seu casamento, como respostas de perguntas que não diziam respeito à sua vida conjugal. Essas afirmações voluntárias vão construindo uma confissão gradativa, a exemplo de pistas para se desvendar algo:

### **O senhor se considera uma pessoa feliz?**

Não sei dizer feliz, não... não sei... feliz... não há esse conceito, porque a vida toda trabalhando, entendeu? *Casei... a esposa, eu esperava uma coisa e não foi.*

### **Mas depressão o senhor tem?**

Não, depressão também não. Depressão não tenho, não. Tô dizendo que a pressão sobe nessa base, porque... agora não, porque agora tô calmo, né... o salário tá bom, entendeu? *A mulher não apurinha, entendeu? Tá... tudo bom, então.*

Finalmente confessa, expressamente, que está separado, sem ter sido questionado, e em resposta a pergunta fora do contexto “casamento”.

### **O senhor gostaria de ter alguma atividade?**

Não vai dar mais, não quero mais trabalhar, entendeu... Aí deixa pra lá. [...] Eu, a esposa, a filha tá bem de vida... então... Ela se contenta com qualquer coisa. Eu dou a metade a ela. *Andei brigando um tempo. Agora tô separado, mas eu dou um ordenado de salário pra ela, então... [...]*

Interpretamos essa confissão gradativa como o crescimento da confiança que nos foi sendo depositada, mas também como demonstração de quão é importante dar a palavra ao idoso, que muito tem a falar, a desabafar. São momentos preciosos de autoanálise. Não era o nosso papel interferir e pontuar sua fala com comentários ou sugestões. Seria, porém, uma ótima oportunidade de assistência psicológica ao idoso, como uma das ações de projetos, com profissionais capacitados para isso, em favor do bem-estar dessas pessoas. A impressão que nos causa é que, quando se trata de lembranças negativas, eles permanecem presos nas frustrações e pensamentos, os quais, na maioria das vezes, dizem respeito aos períodos da infância e da juventude, ou à vida conjugal, que só lhes fazem mal. Acreditamos que uma ajuda externa possa levá-los à compreensão dos fatos para que a sua vida se deslanche mais assertivamente, interferindo no seu bem-estar.

A história desses idosos, com raras exceções, está posta. As marcas se mostram indestrutíveis. Longe da intenção de imprimir um tom pessimista, dificilmente eles têm chance de reverter o caminho, principalmente se não puderem contar com ajuda externa, que se estenda além da ajuda da família. Reiteramos a fala abaixo, incluindo-a também neste contexto:

**E.5 – É.** Igual as outras irmãs minhas, umas ficaram viúva, outras morreram... Resolveram

lá o problema... do viúvo, da viúva... resolveram, né. É diferente (*de ter-se separado*).

As ações diversas dirigidas a essa população, nas esferas social, cultural e da saúde, poderão significar caminhos de mudanças, tendo em vista contribuir para a visualização de novas perspectivas de vida, além de poderem favorecer a esses indivíduos a construção de instrumentos de compreensão de seu passado, possibilitando-lhes minimizar, ou até excluir, o peso e o poder dessas marcas e buscar novos sentidos para a vida.

Meneghel (2007), em relato de experiências de pesquisa, utilizando histórias de vida como método e narrativas autobiográficas, declara-se intrigada com “as mudanças ocorridas com pessoas em situação de vulnerabilidade, que ao contar e recontar suas histórias, subitamente deram um basta! E imprimiram outro rumo às suas vidas, rompendo com situações de assujeitamento, muitas vezes de longa duração” (Meneghel, 2007, p.123).

Se não podem reescrever a sua história, que (pelo menos) consigam compreendê-la e situar-se nela, muitas vezes construída em um cipoal de problemas, agravados por preconceitos da época. Esse entendimento pode levá-los ao perdão de si mesmos, pelos erros que consideram cometidos, e das personagens que fizeram parte de seu caminho, às quais atribuem a responsabilidade de seus fracassos.

Meneghel (2007) relata, ainda, que

Em um grupo de mulheres, ao perguntar a uma delas se ela permitia que exibíssemos o filme do grupo em que apareciam testemunhos de violência, ela declarou: “Claro que sim. Essa mulher aí não sou eu, essa mulher aí já não existe mais, eu sou outra”. Esse depoimento nos faz pensar na definição de memória enunciada por Calvino (2005, p. 24) [...] “a memória é a experiência que é a memória mais a ferida que ela lhe deixou, mais a mudança que produziu em você e que o transformou” (Meneghel, 2007, p. 126).

Ações socioculturais e da saúde, e nesse caso engendradas pelo concurso do poder público, oportunizam o exercício de autoconhecimento do cidadão. As ações culturais, por si, já são ações terapêuticas para a sociedade. E o autoconhecimento amadurece o ser. Muitos envelhecem sem amadurecer. A frustração e a não responsabilização pelos caminhos escolhidos são os primeiros efeitos e sintomas da falta de amadurecimento, agravando-se com o envelhecimento.

Essas observações, frutos de insistente aparição durante as entrevistas, não poderiam passar em branco nesta dissertação, visto que a pesquisa tem caráter socioeducativo. O destaque dado a essas cicatrizes carrega o intuito de chamar a atenção para a necessidade iminente, no contexto Envelhecimento Ativo e Saudável, de ajudar esses idosos a rever situações passadas que os incomodam, impedindo-os de prosseguir. A metodologia escolhida, baseada no método “História de Vida”, é um canal viável para que essas nódoas irrompam e sejam pontuadas por profissionais competentes nas áreas requeridas.

Esteves (1998, p. 43), em seu artigo “Metodologias Qualitativas – Análise Etnográfica e Histórias de Vida”, no qual tece considerações a respeito dos desafios compreendidos na análise etnográfica, corrobora o posicionamento de ver possibilidades de autoconhecimento desencadeadas *a posteriori* pela metodologia história de vida, com a seguinte afirmação, durante apontamentos do texto (T1) de Ricardo Vieira, “Etnografia e Histórias de Vida na compreensão do pensamento do professor”, um dos trabalhos que destaca em seu artigo:

Na medida em que a vida individual e a vida social são uma “construção em auto-reorganização permanente” (T1:53), as histórias de vida tanto organizam e refazem trajectos pessoais e sociais à luz e sob o impulso de projectos de identidade (“saber ser”) como (re)elaboram representações das condições de vida que os sujeitos sociais experimentaram na sua diversidade afectiva e emocional (“saber”).

Dando sequência, Esteves (1998, p.43) menciona Lalive d’Épinay, o qual sustenta que as “histórias de vida” se caracterizam por “dupla subjetividade”. De acordo com Esteves (1998, p.43), para Lalive, trata-se de uma “narração em que o herói da narrativa é o próprio narrador”, ou seja, “trata-se da vida construída de uma pessoa, depois interpretada num determinado momento desta vida, numa situação precisa, por esta mesma pessoa”.

Em se tratando de um processo socioeducativo, o investimento não há de ser dispensado exclusivamente a gerações supostamente aptas para o trabalho formal. É necessário que todas as gerações sejam incluídas nesse investimento. Nesse círculo de aprendizagem e de benefícios, as pessoas, incluindo a chamada “Terceira Idade”, poderão dispor de sua experiência profissional e pessoal, atuando exatamente em favor da “Quarta Idade” ou “Grande Idade”, como já mencionamos. Nessa perspectiva, é importante reiterar que a extensão ao segmento mais velho favorecerá as gerações que antecedem, preparando-as para o chamado Envelhecimento Ativo, cuja efetivação depende de mudanças culturais, como primeiro passo da inovação de qualquer comportamento.

Não necessariamente relacionada ao trabalho como exercício de uma profissão, uma vida ativa, em toda sua extensão de significados – inseridos e não inseridos na política Envelhecimento Ativo – não acontece sem o alicerce da vontade, da aceitação e da autoestima, frutos também do autoexame.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

No contexto deste estudo, o conjunto dos instrumentos estabelecidos mediante os objetivos delineados para a pesquisa – os dados e a metodologia de recolha e de tratamento – possibilitou-nos depreender, com referência aos idosos entrevistados, que:

1. são receptivos às propostas do Envelhecimento Ativo; as expectativas, as rotinas e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo, com a ressalva de que sua adesão é relativa, tendo em vista não incluírem o trabalho formal ou atividade fora de casa, em função de limitações orgânicas, em menor ou maior escala, de consequente dependência de locomoção e por demonstrarem, na atual fase da vida, ter outros interesses, comumente sem ligação com os antigos postos de trabalho;
2. há demonstração em suas atitudes e práticas de não quererem ficar inativos, porém, as atividades que exercem acontecem dentro de casa ou nas instituições que frequentam – religiosas ou filantrópicas –, e as atividades de lazer normalmente são encontros com familiares, ressaltando que dependem de outrem para locomoção;
3. o bem-estar está condicionado, primordialmente, ao amparo e afeto da família, registrado também o sentimento de aceitação da vida que vivem hoje e do próprio processo de envelhecimento, não tendo havido menção a feitos profissionais e/ou sociais como indicadores de bem-estar;
4. as representações da velhice que trazem, ou o sentido que essa fase da vida tem para eles, advêm, acentuadamente, de seu percurso de vida, ou seja, das experiências bem sucedidas ou mal sucedidas vivenciadas.

O Envelhecimento Ativo, do ponto de vista dessas pessoas, há muito fora do mercado de trabalho, é, sobretudo, uma forma nova de pensar e agir a ser cultuada desde a juventude, com vistas ao bem-estar, em todas as suas acepções ou nas do campo de necessidades coletivas e individuais. Faz sentido, pois é improvável que o país possa contar com a força de trabalho de pessoas com a saúde comprometida por um histórico de preparo físico e mental errôneo e de hábitos alimentares equivocados, construídos na contramão da saúde. Do ponto de vista das políticas públicas, o investimento, nesta fase de construção da política Envelhecimento Ativo, requereria, objetivamente, suprir o atendimento médico e tudo o que o envolve: quantidade de acesso a consultas, cirurgias, internações, medicamentos, aparelhos, outros. E paralelamente, repensar a cultura do bem-estar, com todas as suas implicações, por meio da Educação.

Os entrevistados, com exceção de uma pessoa, foram receptivos ao conteúdo do Envelhecimento Ativo, no tocante à participação e à não inatividade, porém, mostraram-se conscientes de sua limitação e críticos para adesões que impliquem sair de casa. As atividades que os idosos entrevistados mantêm – caminhadas (mesmo que dentro da própria instituição em espaço limitado ou dentro do condomínio onde moram), leituras (mesmo da parte de uma idosa cadeirante), escrita, jardinagem, trabalho voluntário, atividades domésticas, conserto de roupas, dentre outras – permitem-nos afirmar que, mesmo com limitações e ajuda de terceiros, *incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo*. Todas as reservas apresentadas se deram pelas circunstâncias de dependência de locomoção que demonstraram ter, em maior ou menor grau, no âmbito da saúde e das condições socioeconômicas. Nenhum deles teria condições plenas de exercê-lo em sua totalidade, notadamente em atividades formais fora de casa. Cabe notificar que a motivação de recusa referente à exceção mencionada (E.6), mais uma vez, refletiu o histórico de vida do respondente.

Diante do exposto acima, é imperioso ter clara a definição do que venha a ser, de fato, um envelhecimento ativo. Resta saber se o que os idosos fazem, atividades sem impacto na economia, representa essa perspectiva.

A diversidade de conceitos a respeito do Envelhecimento Ativo e, conseqüentemente, das ações que o definem, assim como as incertezas do que se espera de fato dos idosos, suscitam a compreensão de que se trata ainda de uma proposta político-ideológica em estruturação, exigindo cautela e carecendo do preparo de gerações mais jovens, que ainda não se encontram nesse contexto, sob pena de, com vistas a atender tão somente a questões de ordem econômica, sacrificar os atuais idosos em medidas aventureiras, fundamentadas no *ideal* da longevidade sadia. Dessa forma, ratificamos o entendimento de Almeida (2016, pp. 402-431), quando de sua referência à “divulgação da noção de Envelhecimento Ativo”, especificamente neste trecho: “Tal ênfase não foi contudo acompanhado por equivalente aprofundamento do conceito e das práticas, assistindo-se à perda de especificidade do termo [...]”.

Com referência à relação envelhecimento ativo *versus* saúde, Cabral *et al.* (2013, p. 278) trazem a seguinte conclusão:

Em suma, tal como muitos estudos sobre o envelhecimento têm demonstrado (Fernández-Ballesteros, et al., 2010), também em Portugal parece existir uma relação virtuosa entre aquilo que a literatura tem designado por envelhecimento activo e um estado de saúde subjectivo mais positivo das pessoas mais velhas. Nessa relação virtuosa não se pode contudo menosprezar o peso que a doença associada ao factor idade, assim como as próprias trajectórias de vida individuais, terão no condicionamento do quadro de vida de cada pessoa nesta fase da vida, o qual possibilita ou inviabiliza muito do que constitui um envelhecimento

activo.

Se o conceito de saúde compreende “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afeções e enfermidades” (OMS), e se as perdas geradas pelo envelhecimento não constituem doença e sim processo normal e individual, conforme exposição em **1.2**, os percursos de vida exercem um peso muito maior no estado de saúde e envelhecimento do que se imagina.

Reconhecidamente, há limitações – assim consideradas hoje, porém imperceptíveis em épocas passadas pela não presença de parâmetros como os existentes na atualidade – apresentadas pelos protagonistas desta pesquisa, que os distanciam das propostas do Envelhecimento Ativo. Essas limitações são naturalmente justificadas pela ausência própria, em outros tempos, de determinadas oportunidades. É marcante a influência do contexto social em que viveram e da estrutura familiar que marcaram épocas.

Como bem observa Guerra (2006, p. 86), “[...] qualquer pesquisa é sempre parcelar e provisória”, e uma das justificativas é o fato de as “dinâmicas sociais” mudarem “no espaço e no tempo”. São características geracionais que refletem nas representações que trazem os indivíduos.

Urge compreender, entretanto, que os impedimentos encontrados nas gerações atuais de idosos, em relação ao Envelhecimento Ativo na totalidade de sua proposição, não invalidam propostas que levem em conta e respeitem a heterogeneidade do processo de envelhecimento e rompam com a cultura do isolamento, dando voz a atividades e ações que contribuam com a saúde e a autoestima das pessoas maduras e com sua inclusão social, e que não impliquem, absolutamente, a continuidade de trabalho formal. Consideramos a importância de reiterar nesta conclusão a necessidade que sentem de liberdade para exercerem atividades (afazeres) para as quais se julgam em condições, como forma de se perceberem úteis e valorizados, em ambientes em que se sintam à vontade.

Apostaríamos em novos formatos das instituições que os acolhe, no sentido de abrirem espaços de trabalho, dentro da própria instituição, para os que assim o desejarem e se sentirem capazes, a exemplo de atividades em biblioteca; confecção de artesanatos e de alimentos específicos, artesanais; costura; bordados; outros (prevendo-se, inclusive, a possibilidade de remuneração); além de cursos rápidos de interesse dos idosos institucionalizados.

Reiterando o exposto sintetizado no item 3 supracitado, as entrevistas indicaram que o conceito de bem-estar para essas pessoas não está atrelado às suas realizações, sejam estas profissionais ou sociais (exceto família e amigos próximos), mas à sua relação com os familiares, ao conforto afetivo e

à autoconfiança, inferindo-se que a autoconfiança também está condicionada ao apoio da família. Além disso, foi evidente a visão de bem-estar relacionar-se com sentimento de aceitação da condição em que se encontram. Percebeu-se, também, que o conceito de bem-estar reflete a trajetória de vida de cada um.

As diferentes respostas emanadas dos participantes condizem com os estudos feitos a respeito do bem-estar. Os referenciais teóricos sobre bem-estar reafirmam o resultado desta pesquisa, como se observa na referência mencionada por Galinha (2016, p. 7), em seu artigo *Bem-Estar e Envelhecimento Ativo: para uma intervenção socioeducativa em idade avançada*, sobre as “seis dimensões associadas a diferentes desafios que os indivíduos encontram”, de acordo com o modelo de Bem-estar Psicológico (BEP). Conforme já registramos no Capítulo 5, as seis dimensões correspondem a: *autoaceitação, relações positivas com os outros, domínio do ambiente, autonomia, propósito de vida e desenvolvimento pessoal*.

Esclarece a mesma autora (2016, pp. 6-7), que, no final da década de 80, Carol Ryff, partindo do “conceito aristotélico de eudemonismo<sup>6</sup>”, impulsiona os estudos sobre bem-estar, propondo “o uso do termo Bem-Estar Psicológico (BEP) para fazer referência ao ajustamento psicológico na tentativa de obter a autorrealização pessoal, por meio da procura do desenvolvimento do ser”.

As declarações emitidas pelos entrevistados sobre o conceito de bem-estar, associadas a outras informações também emitidas por eles, indicam que fatores que os levam à sensação de bem-estar, assim como o parecer que formulam a respeito, são subjetivos; refletem a visão e representações construídas ao longo da vida, dependente, portanto, do seu histórico de vida. Além disso, são condizentes com a fase que estão vivendo, com suas expectativas e necessidades do momento.

Oportunamente, de acordo com o que presenciamos neste trabalho, destaca-se a aposentadoria como necessidade premente, não apenas por questão de segurança, mas também pela dignidade dos idosos, principalmente aqueles que se acham mais vulneráveis, para que não tenham como obrigação exporem suas capacidades, as quais podem estar comprometidas pelo estado físico e mental. É forma de preservar a integridade da pessoa e não a expor a constrangimentos e frustração. Isso não implica a desvalorização do seu passado e feitos. Aliás, demonstraram que a atividade que lhes proporciona muito prazer é conversar e contar sobre fatos de seu passado e feitos. Resumiríamos em “ser ouvidos”. Por outro lado, a pesquisa nos mostra que os interesses das pessoas mudam e se diversificam com o passar dos anos. As mudanças não ocorrem, portanto, apenas no âmbito das alterações físicas e

---

<sup>6</sup> “Utiliza-se a versão grega do termo eudemonismo, que no pensamento aristotélico, remete para a ideia de realização do verdadeiro potencial de cada um, onde o Modelo de Carol Ryff – Bem-estar Psicológico – Eudemonismo Aristotélico – assenta os seus pressupostos num trabalho promotor do lazer no sentido da auto-realização e do florescimento humano. Por outro lado, o hedemonismo, de Platão, procura fundamentar-se numa conceção mais ampla de prazer entendida como felicidade para o maior número de pessoas.” (Galinha, 2016, p. 1)



psíquicas naturais; ocorrem, significativamente, nos interesses. Não se trata de desejo da inatividade, mas, sim, de atender a novas aspirações, nem sempre relacionadas às atividades profissionais até então exercidas.

Confia-se que as gerações de idosos que hão de vir possam contar com a Educação como veículo de mudanças culturais. Como já mencionamos, de todos os entrevistados, apenas uma pessoa, de 81 anos, usa o computador. De acordo com o seu relato, usa-o com a finalidade de digitar textos próprios. Coincidência ou não, é o único participante que exerce trabalho exposto para o mundo, porém a partir de sua casa, tendo em vista sua dependência física. Escreve para um jornal e livros – romance e poesias. Trata-se, assim entendemos, de atividade relacionada ao Envelhecimento Ativo, quadro que se ampliará com as gerações futuras de idosos, considerando a tecnologia fazer parte, naturalmente, hoje, da vida deles.

Em qualquer pesquisa futura que diga respeito à adesão de idosos da “Quarta Idade” ou “Grande Idade” (75 anos ou mais) à proposta político-ideológica Envelhecimento Ativo, há de se levar em conta, também, a “perspectiva do curso de vida” (Cabral *et al.*, 2013: p.18), ótica coerente com a diversidade de trajetórias pessoais, tendo em vista esta realidade ser, por si só, heterogênea. Como sintetiza Galinha (2016, p.16), “O envelhecimento é diferencial, o sujeito envelhece de forma diferente do outro, porque vive também de forma diferente, pautado pela sua personalidade, influência e contextos que consubstanciam a sua trajetória de vida e ação”.

Considerando a natureza do estudo, espera-se que outras pesquisas venham contribuir em futuro próximo, mostrando a evolução da discussão aqui tratada. Por um lado, ansiamos pela adequação da política Envelhecimento Ativo à realidade dos idosos; por outro, esperamos que os jovens de hoje, futuros idosos, imprimam nova mentalidade perante a velhice e, sobretudo, estejam mais preparados para receber as iminentes mudanças que hão de vir, em função da previsão de substancial aumento do número de pessoas com mais de 60 anos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, M. S., & Gros, M. C. (2012). “Viver até morrer: Que modelos organizativos inventar?”. *VII Congresso Português de Sociologia*. Área Temática: Populações, Gerações e Ciclos de Vida. Porto: Faculdade de Letras, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Almeida, M.F. (2016). “Iniciativas de participação cidadã de idosos em Portugal: um estudo exploratório”, in *Análise Social*, 219, li (2º). Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. [Em linha] [http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_219\\_art06.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_219_art06.pdf). [Consultado em 21/01/2018].
- Anuário do DF (2018). *Regiões Administrativas*. [Em linha] <http://www.anuariododf.com.br/regioes-administrativas/>. [Consultado em 20/02/2018].
- APTSES – Associação dos profissionais técnicos superiores de Educação Social (2011). *Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social*. [Em linha] <http://www.aptses.pt/sites/default/files/pe/CODIGODEONTOLOGICO.pdf>. [Consultado em 14-05-2018].
- Assis, M. de (1889). *Dom Casmurro*. São Paulo: Saraiva, s.d. Coleção Jabuti.
- Azevedo, S., & Correia, F. (2013). *A Educação Social em Portugal: evolução da identidade profissional*. [Em linha] <http://www.eduso.net/res/?b=21&c=227&n=737> [Consultado em 18/05/2018].
- Bilibio, M. A. (2015). *O Envelhecer: Entrando na idade da sabedoria*. Palestra. Sociedade Teosófica do Brasil. [Em linha] <https://www.youtube.com/watch?v=m6vIgZBPbAc>. [Consultado em 22/01/2018].
- Brasil: Estatuto do Idoso – *Lei 10.741, de 1º de outubro de 2003*. [Em linha] [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/2003/L10.741.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.741.htm). [Consultado em 16/07/2016].
- Brasil: Política Nacional do Idoso – *Lei nº 8.842, de 4 de janeiro de 1994*. [Em linha] [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/L8842.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8842.htm). [Consultado em 16/07/2016].
- Cabral, M.V. et al. (2013). *Processos de Envelhecimento em Portugal*. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos.
- Caldeira, J. (s/d). *Guiões das Entrevistas*. [Em linha]. [http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2977/1/ulfp037512\\_tm\\_anexos.pdf](http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/2977/1/ulfp037512_tm_anexos.pdf). [Consultado em 12/12/2016].
- Callejo, J. (2005). “Los relatos de vida. Perspectiva etnosociológica”, in *Revista de Metodologia de Ciências Sociales*, Nº 11, 2006, pp. 225-242. Resenha do livro de Daniel Berteaux *Life Story and Life History*, Newbury Parte: Sage, 1982. Barcelona: Ediciones Bellaterra.
- CEMI – Câmara dos Especialistas em Medicina Integrativa (2016). *Conceito de Saúde segundo OMS / WHO*. [Em linha] <http://cemi.com.pt/2016/03/04/conceito-de-saude-segundo-oms-who/>. [Consultado em 05/01/2018].
- Collucci, C. (2017). “De apartamento a vila de idosos, quatro paulistanos contam como vivem na terceira idade” in *Folha de S.Paulo*, São Paulo. [Em linha].

<http://www1.folha.uol.com.br/saopaulo/2017/05/1885382-de-apartamento-a-vila-de-idosos-quatro-paulistanos-contam-como-vivem-na-terceira-idade.shtml>. [Consultado em 27/05/2017].

Dias, P. C. (2017). “Vídeos”. *Seminário de Apoio à Elaboração do Estágio Profissional/Projeto de Intervenção ou Tese de Investigação*. Santarém: IPS. [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=479>

Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [Em linha] 2008-2013, <http://www.priberam.pt/dlpo/deontologia>. [Consultado em 28-07-2016].

Duarte, P.C.S. (2013). *Bem-estar subjetivo, locus de controlo e autoestima em adultos*. (Tese) Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias de Lisboa. Lisboa: Escola de Psicologia e Ciências da Vida.

Esteves, A. J. (1998). “Metodologias Qualitativas – Análise Etnográfica e Histórias de Vida – pp. 41-48” in *Metodologias qualitativas para as Ciências Sociais*. Ed. António Esteves, José Azevedo. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Instituto de Sociologia, 1998. [Em linha] <http://ler.letras.up.pt/site/default.aspx?qry=id022id1143&sum=sim> [Consultado em 25/09/2017].

Evangelista, A. (2010). *Fisiologia do Envelhecimento – Parte I*. [Em linha] <http://www.alexandrevalgelista.com.br/2010/07/12/fisiologia-do-envelhecimento-parte-i> [Consultado em 21/01/2018].

Ferreira, B., & Azevedo, S. (2011). *Pertinência Profissional e Código Deontológico do Técnico Superior de Educação Social*. [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=482>. [Consultado em 14/05/2018].

Freitas, Eduardo De. "O número de idosos deverá aumentar no Brasil ". *Brasil Escola*. [Em linha]. <<http://brasilecola.uol.com.br/brasil/o-numero-idosos-devera-aumentar-no-brasil.htm>. [Consultado em 14/07/2016].

Galinha, S. A. (2016). *Bem-Estar e Envelhecimento Ativo: para uma intervenção socioeducativa em idade avançada*. Escola Superior de Educação de Santarém. [Em linha]. [http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintitres/index\\_html\\_files/BemEstar.pdf](http://quadernsanimacio.net/ANTERIORES/veintitres/index_html_files/BemEstar.pdf). [Consultado em 01/05/2018].

Gomes, S. (Coord.) (2010). *Pinga-Fogo com Chico Xavier*. Catanduva: Editora InterVidas, pp. 88-90.

Guerra, I.C. (2006). *Pesquisa Qualitativa e Análise de Conteúdo: sentidos e formas de uso*. Parede: Editora Principia.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (1970). *Sinopse Preliminar do Censo Demográfico*. [Em linha]. [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd\\_1970\\_sinopse\\_preliminar\\_df.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/311/cd_1970_sinopse_preliminar_df.pdf). [Consultado em 26/02/2018].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2016). *Projeção da População do Brasil e das Unidades da Federação*. [Em linha]. <http://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/>. [Consultado em 25/01/2016].

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2017). *População* [Em linha]. <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/df/brasil/panorama>. [Consultado em 26/02/2018].

- Lalanda, P. (1998). “Sobre a metodologia qualitativa na pesquisa sociológica” in *Análise Social*, vol. XXXIII (148), (4ª), 871-883. [Em linha] [http://nc-moodle.fgv.br/cursos/centro\\_rec/docs/sobre\\_metodologia\\_qualitativa\\_pesquisa.pdf](http://nc-moodle.fgv.br/cursos/centro_rec/docs/sobre_metodologia_qualitativa_pesquisa.pdf). [Consultado em 23/10/2017].
- Lenoir, R. (1998). “Objecto Sociológico e Problema Social” in Champagner, P. et al. *Iniciação à Prática Sociológica*. Petrópolis: Editora Vozes, pp. 62-65. Tradução de Guilherme João de Freitas Teixeira.
- Ludke, M., & André, M. (1986) *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. EPU. São Paulo.
- Machado, W. L., & Bandeira, D. R. (2012). *Bem-estar psicológico: definição, avaliação e principais correlatos*. [Em linha] <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v29n4/v29n4a13.pdf>. [Consultado em 01/05/2018].
- Manzini, E.J. (2008). *Considerações sobre a transcrição de entrevistas*. [Em linha] [http://www.oneesp.ufscar.br/texto\\_orientacao\\_transcricao\\_entrevista](http://www.oneesp.ufscar.br/texto_orientacao_transcricao_entrevista). [Consultado em 22/01/2018].
- Marques, Ramiro (2017). “Vídeos”. *Ética e Deontologia da Intervenção Social*. Santarém: IPS. [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=482>
- Melo, A. P. de, Santos, D. L. de, Fredenhagen, S. V., & Medeiros, T. A. A. (2016). *Idoso. Trabalho apresentado na Unidade Curricular Legislação Social*. [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=601>. Portugal: IPS.
- Meneghel, S.N. (2007). “Histórias De Vida – notas e reflexões de pesquisa” in *Athenea Digital* – núm. 12: 115-129 (otonô 2007) Artículos. Universidade do Vale do Rio dos Sinos. [Em linha] <http://www.raco.cat/index.php/Athenea/article/viewFile/250974/335855>. [Consultado em 21/01/2018].
- Ministério da Saúde (2006). Envelhecimento e Saúde da Pessoa Idosa in *Cadernos de Atenção Básica*, nº 19 – Série A – Normas e Manuais Técnicos. Secretaria de Atenção à Saúde. Brasília – DF. [Em linha] <https://www.nescon.medicina.ufmg.br/biblioteca/imagem/2078.pdf>. [Consultado em 21/01/2018].
- Moraes, E. N. (2012). *Atenção à saúde do idoso: Aspectos Conceituais*. Organização Pan-Americana da Saúde – Representação Brasil – OPAS/OMS Brasil. [Em linha] <http://apsredes.org/pdf/Saude-do-Idoso-WEB1.pdf>. [Consultado em 21/01/2018].
- Moraes, R. (1999). “Análise de Conteúdo” in *Revista Educação*, n. 37, v. 22, p. 7-32. [Em linha] [http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise\\_de\\_conteudo\\_moraes.html](http://cliente.argo.com.br/~mgos/analise_de_conteudo_moraes.html). [Consultado em 16/09/2017].
- Motta, L. B. (2013). *Saúde da Pessoa Idosa. Especialização*. UNA-SUS (Universidade Aberta do SUS). UFMA – Universidade Federal do Maranhão – São Luís. [Em linha] <https://www.google.com.br/search?q=FISIOLOGIA+DO+ENVELHECIMENTO&oq=FISIOLOGIA+DO+ENVELHECIMENTO&aqs=chrome..69i57j0l5.12889j0j8&sourceid=chrome&ie=UTF-8> [Consultado em 21/01/2018].
- Oliveira, M. K. de (2010). *Marta Kohl fala sobre Vygotsky*. Entrevista em vídeo [Em linha]. <https://vimeo.com/11908628>. [Consultado em 28/11/2016].

- ONUBR – Nações Unidas no Brasil (2014). *MUNDO terá 2 bilhões de idosos em 2050; OMS diz que 'envelhecer bem deve ser prioridade global'* [Em linha]. <https://nacoesunidas.org/mundo-tera-2-bilhoes-de-idosos-em-2050-oms-diz-que-envelhecer-bem-deve-ser-prioridade-global/>. [Consultado em 14/06/2016].
- Pappamikail, L. (Coord.) (2016). “Textos e Vídeos”. *Seminário Interdisciplinar em Educação Social I*. Santarém: IPS. [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=483>.
- Pinto, A. T., Hatton-Yeo, A., Marreel, I., Waser, M., Limacher, A., Duaigües, M., LaFond, M., Clarke, G., Di Pietro, D. & Schmolling (2009). *Guia de Ideias para Planear e Implementar Projectos Intergeracionais Juntos: ontem, hoje e amanhã*. Tradução de Ana Prokopyshyn e Fernanda Santos. Portugal: Teresa Almeida Pinto – Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo, Associação VIDA.
- PUC-SP – Pós-Graduação Mestrado e Doutorado. *Gerontologia*. [Em linha]. <http://www.pucsp.br/pos-graduacao/mestrado-e-doutorado/gerontologia>. [Consultado em 16/07/2016].
- Ribeiro, M. (1995). “As histórias de vida enquanto procedimento de pesquisa sociológica: Reflexões a partir de um processo de pesquisa de terreno” in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 44, dezembro 1995. Departamento de Economia e Sociologia da Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. [Em linha] <http://www.ces.uc.pt/rccs/includes/download.php?id=584>. [Consultado em 22/02/2018].
- Salgueiro, M. J. & Costa, M. (2014). “Valores éticos na Intervenção Social”. *Plataforma da Unidade Curricular de Ética e Deontologia da Intervenção Social*. Mestrado de Educação Social e Intervenção Comunitária (IPS). [Em linha] <https://eraizes.ipsantarem.pt/moodle/course/view.php?id=482>. [Consultado em 18/05/2018].
- Santos, I. M. M., & Santos, R.S. (2008). “A etapa de análise no método história de vida – Uma experiência de pesquisadores de enfermagem” in *Texto Contexto Enferm*, Florianópolis, 2008 Out-Dez; 17 (4): 714-9. [Em linha] <http://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/12.pdf>. [Consultado em 22/02/2018].
- São José, J. de, & Teixeira, A. R. (2014). “Envelhecimento Ativo: contributo para uma discussão crítica” in *Revista Análise Social do Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa*, nº 210, XLIX, pp. 29-54. [Em linha] [http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS\\_210\\_a02.pdf](http://analisesocial.ics.ul.pt/documentos/AS_210_a02.pdf). [Consultado em 14/06/2016].
- SBBG – Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia. *O que é Geriatria e Gerontologia?* [Em linha]. <http://sbbg.org.br/espaco-cuidador/o-que-e-geriatria-e-gerontologia/>. [Consultado em 15/07/2016].
- Silva, A. P., Barros, C. R., Nogueira, M. L. M., & Barros, V. A. (2007). “Conte-me sua história: reflexões sobre o método de História de Vida” in *Mosaico: Estudos em Psicologia*, Vol. I, nº 1, pp. 25-35. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais. [Em linha] <https://seer.ufmg.br/index.php/mosaico/article/view/4344/3154>. [Consultado em 22/02/2018].
- Silva, M.E.V. da (2006). *Racionalidades leigas sobre envelhecimento e velhice – um estudo no Norte de Portugal*. Tese de Doutoramento em Sociologia. Lisboa: Universidade Aberta [Em linha] <https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/788/1/LC173.pdf> [Consultado em 12/12/2016].

- Sordi, J. (2015). “Número de idosos quase triplicará no Brasil até 2050, afirma OMS” in *ZHVida* [Em linha]. <http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/vida/noticia/2015/09/numero-de-idosos-quase-triplicara-no-brasil-ate-2050-afirma-oms-4859566.html>. [Consultado em 14/06/2016].
- Valadas, S.T. e Gonçalves, F.R. (2010). *Aspectos metodológicos do inquérito por entrevista*. Faro: Universidade do Algarve.
- WHO – World Health Organization (2002). *Envelhecimento ativo: uma política de saúde*. Tradução de Suzana Gontijo. 1. ed. Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde, 2005. [Em linha]. [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento\\_ativo.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/envelhecimento_ativo.pdf). [Consultado em 14/06/2016].
- WHO – World Health Organization (2018). *What is Healthy Ageing?* [Em linha]. <http://www.who.int/ageing/healthy-ageing/en/>. [Consultado em 09/07/2018].

# ANEXOS

## **ANEXO A**

### **GUIÃO DAS ENTREVISTAS**

#### **Objetivo Geral**

**1** – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional.

#### **Objetivos Específicos**

**1.1** – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos.

**1.2** - Analisar se as representações, de acordo com proposição em 1.1, possibilitam a adesão e prática de um Envelhecimento Ativo.

**1.3** - Explorar se as expectativas e rotinas dos idosos e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo.

#### **Orientações Gerais**

**1.** Entrar em contato, primeiramente, com a Instituição, no caso de idoso institucionalizado, ou com a pessoa a ser entrevistada, no caso de idoso não institucionalizado.

**2.** Apresentar-se e prestar as informações sobre os objetivos da entrevista, sobre o projeto e instituições a que se vincula: Instituto Politécnico de Santarém (IPS) e Instituto Federal de Brasília (IFB).

**3.** Agradecer ao entrevistado sua predisposição em colaborar com esta pesquisa.

**4.** Comprometer-se a preservar o anonimato dos entrevistados e garantir que as informações sejam confidenciais.

**5.** Solicitar autorização prévia do entrevistado para que a entrevista seja gravada.

**6.** Informar que os dados da entrevista serão anotados, em caso da não autorização de gravação do entrevistado.

**7.** Disponibilizar-se para dirimir qualquer dúvida sobre os esclarecimentos mencionados acima.

**8.** Esclarecer que o entrevistado terá toda liberdade de desistir da entrevista, interrompê-la a qualquer momento e/ou acrescentar informações que não estejam previstas.

#### **Temas**

**Tema 1 – Infância e Relações familiares**

**Tema 2 – Escola**

**Tema 3 – Namoro, Divertimentos, Amigos**

**Tema 4 – Casamento e Relações familiares**

**Tema 5 – Trabalho, Aposentadoria**

**Tema 6 – Rotina diária/atividades**

**Tema 7 – Representações da velhice**

**Tema 8 – Considerações finais**



## ANEXO A- GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 1

| Temas  | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos  | Objetivo do Tema   | Questões  |
|--|---|--|--|---|
| <b>Tema 1</b><br><br><b>Infância e Relações Familiares</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos. | <b>a.</b> Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência à sua origem e infância. | <b>1.</b> Me fale do lugar onde nasceu, como era? Em que ano?<br><b>2.</b> O que sabe sobre o seu nascimento?<br><b>3.</b> Com quem vivia?<br><b>4.</b> Viviam bem ou tinham dificuldades?<br><b>5.</b> Houve melhorias conforme foi crescendo?<br><b>6.</b> O que fazia seu pai? E sua mãe?<br><b>7.</b> Já tinha irmãos?<br><b>8.</b> Como era sua relação com seus pais?<br><b>9.</b> E com seus irmãos?<br><b>10.</b> Havia outros parentes importantes ou pessoas próximas na época? Pode falar um pouco sobre eles? Alguns deles eram idosos? Do que se recorda acerca de como era a vida desses idosos?<br><b>11.</b> Como foi sua infância, no geral? |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 2

| Temas                              | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos  | Objetivo do Tema  | Questões  |
|------------------------------------|---|--|---|---|
| <b>Tema 2</b><br><br><b>Escola</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos. | <b>a.</b> Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência à sua formação escolar. | <p>Falemos agora um pouco sobre a sua relação com a escola.</p> <p><b>1.</b> Frequentou a escola? (Se não frequentou, por quê? Frequentou algum aprendizado? Chegou a ser alfabetizado/a? As pessoas à sua volta eram alfabetizadas?</p> <p><b>2.</b> Gostava de estudar?</p> <p><b>3.</b> Gostaria de ter estudado mais?</p> <p><b>4.</b> Como era a escola naquele tempo? Pode falar um pouco sobre algumas coisas que o/a tenham marcado, positiva ou negativamente?</p> <p><b>5.</b> Até que ano estudou? Formou-se?</p> <p><b>6.</b> De que forma acha que a escola influenciou a sua vida? Foi importante ou não?</p> |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 3

| Temas   | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos  | Objetivo do Tema  | Questões  |
|---|---|--|---|---|
| <b>Tema 3</b><br><br><b>Namoro, Lazeres, Amigos</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos. | <b>a.</b> Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência à sua juventude, relações afetivas e sociais, costumes e lazer. | <b>1.</b> Normalmente chega aquela idade em que as pessoas começam a pensar em namoros... me fale como foi no seu caso. Teve namorados/as?<br><br><b>2.</b> Como era o namoro naquele tempo?<br><br><b>3.</b> Dizem que antigamente a maneira de as pessoas se divertirem era muito diferente. Muitos jovens já trabalhavam, por exemplo, desde cedo. Na sua época de juventude, quais os passeios que fazia? Que tipo de divertimentos tinha? Como ocupava seus tempos livres?<br><br><b>4.</b> Tinha amigos e amigas? Convivia com eles ou havia limitações?<br><br><b>5.</b> Participava em associações, partidos, ações da igreja, por exemplo?<br><br><b>6.</b> Tinha hábito de acompanhar jornais, notícias, ou vivia um pouco à margem do que acontecia no país? |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 4

| Temas   | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos  | Objetivo do Tema  | Questões   |
|---|---|--|---|--|
| <b>Tema 4</b><br><br><b>Casamento e Relações familiares</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos. | <b>a.</b> Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência ao seu casamento/união afetiva, caso tenha havido, e relações familiares. | <b>1.</b> Casou-se (viveu com alguém, mesmo sem ter sido casado/a?) Com que idade? Teve filhos? Quantos?<br><br><b>2.</b> Como é (foi) seu convívio com o (a) esposo (a)? Como foi, em geral, seu casamento?<br><br><b>3.</b> E com os filhos?<br><br><b>4.</b> Tem netos? Quantos?<br><br><b>5.</b> Como é o convívio atualmente com seus familiares? Recebe visitas com frequência? Quem o/a visita?<br><br><b>6.</b> Esse relacionamento foi mudando ao longo do tempo? |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 5

| Temas   | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos  | Objetivo do Tema  | Questões  |
|---|---|--|---|---|
| <b>Tema 5</b><br><br><b>Trabalho, Aposentadoria</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos. | <b>a.</b> Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência ao trabalho, vida profissional e aposentadoria. | <b>1.</b> Trabalhava? Em quê?<br><br><b>2.</b> Teve sempre o mesmo trabalho? Que empregos foi tendo ao longo da sua vida?<br><br><b>3.</b> De quais gostou mais? E menos? Por quê?<br><br><b>4.</b> Chega uma época em que a pessoa começa a aproximar-se da idade de aposentadoria. Estava expectante ou, pelo contrário, não era um momento desejado? Por quê?<br><br><b>5.</b> Aposentou-se? Quando?<br><br><b>6.</b> Como viveu essa fase? Foi fácil ou difícil? Como achava que ia ser? Cumpriu suas expectativas?<br><br><b>7.</b> Sua aposentadoria (ou pensão) é suficiente para sua subsistência? Se não é, como faz para superar? |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 6

| Temas  | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos   | Objetivo do Tema  | Questões   |
|--|---|---|---|--|
| <b>Tema 6</b><br><br><b>Rotina diária/atividades</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.2</b> - Analisar se as representações, de acordo com proposição em 1.1, possibilitam a adesão e prática de um Envelhecimento Ativo.<br><br><b>1.3</b> - Explorar se as expectativas e rotinas dos idosos e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo. | a. Conhecer a história de vida do entrevistado, especificamente com referência à sua rotina diária e atividades que desenvolve cotidianamente.<br><br>b. Explorar a existência e nível de participação social e comunitária subjacente nas atividades rotineiras do (a) entrevistado (a). | <b>1.</b> Como é o seu dia a dia? Me fale das atividades que faz diariamente.<br><br><b>2.</b> Dedicar-se a alguma atividade ligada à arte?<br><br><b>3.</b> Há alguma atividade que faz fora de casa (ou da instituição)? Se faz, qual é a finalidade dessa atividade?<br><br><b>4.</b> Participa de algum grupo (social, comunitário, religioso)?<br><br><b>5.</b> Faz caminhadas ou alguma outra atividade física? E passeios?<br><br><b>6.</b> Faz compras de supermercado/outras?<br><br><b>8.</b> Depende de alguém para acompanhá-lo/la?<br><br><b>9.</b> Acompanha as notícias do país e do mundo? Por meio da televisão?<br><br><b>10.</b> E hoje, costuma ler jornais, revistas ou livros? Se lê, que tipo de leitura?<br><br><b>11.</b> Me fale dos cuidados que tem consigo próprio/a (saúde, beleza). |

## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 7

| Temas   | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos   | Objetivo do Tema  | Questões   |
|---|---|---|---|--|
| <b>Tema 7</b><br><br><b>Representações da velhice</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.2</b> - Analisar se as representações, de acordo com proposição em 1.1, possibilitam a adesão e prática de um Envelhecimento Ativo.<br><br><b>1.3</b> - Explorar se as expectativas e rotinas dos idosos e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo. | <b>a.</b> Compreender o sentido atribuído pelo entrevistado à velhice.<br><br><b>b.</b> Constatar o nível de adesão e prática existente, de acordo com 1.2.<br><br><b>c.</b> Constatar quais são as atividades de preferência do entrevistado nessa fase da vida. | <b>1.</b> Qual é o sentido que essa fase da vida (velhice) tem para o (a) senhor (a)? O que representa a velhice para o (a) senhor (a)?<br><br><b>2.</b> Como encara essa fase da vida? Como imaginava essa fase da vida há alguns anos atrás?<br><br><b>3.</b> Quais as perspectivas de vida que tem? O que mais deseja?<br><br><b>4.</b> O que significa para si bem-estar na velhice?<br><br><b>5.</b> O que acha que é necessário em geral para as pessoas de mais idade?<br><br><b>6.</b> E no seu caso, o que acha que lhe faz mais falta?<br><br><b>7.</b> Depende mais de si, das famílias ou acha que deveria ser o Estado/governo a providenciar?<br><br><b>8.</b> O que o/a motiva mais atualmente?<br><br><b>9.</b> E o que é que lhe tira o ânimo?<br><br><b>10.</b> Já ouviu falar de Envelhecimento Ativo? O que acha que quer dizer?<br><br><b>11.</b> Acha que faz sentido? Por quê?<br><br><b>12.</b> Considera-se um/a idoso/a ativo/a? Por quê?<br><br><b>13.</b> Do que conversamos sobre o Envelhecimento Ativo, o que gostaria de ter para si, e o que prefere conservar como está?<br><br><b>14.</b> Se pudesse alterar sua rotina nessa fase da vida, acha que se adaptaria e seria feliz tendo para si as atividades e propostas do Envelhecimento Ativo?<br><br><b>15.</b> O que mais gosta de fazer? O que lhe |

|  |  |  |  |                                |
|--|--|--|--|--------------------------------|
|  |  |  |  | dá prazer, alegria, bem-estar? |
|--|--|--|--|--------------------------------|



## ANEXO A – GUIÃO DAS ENTREVISTAS – TEMA 8

| Temas  | Objetivo Geral  | Objetivos Específicos   | Objetivo do Tema  | Questões   |
|--|---|---|---|--|
| <b>Tema 8</b><br><br><b>Considerações finais</b> | <b>1</b> – Explorar as representações, atitudes e práticas dos idosos sobre o envelhecimento e o bem-estar na terceira idade, com vista a contribuir para a discussão crítica dos princípios do Envelhecimento Ativo, enquanto proposta político-ideológica para amortecer os problemas resultantes do envelhecimento populacional. | <b>1.1</b> – Analisar em que nível as representações, atitudes e práticas mencionadas em 1 decorrem das histórias de vida desses idosos.<br><br><b>1.2</b> - Analisar se as representações, de acordo com proposição em 1.1, possibilitam a adesão e prática de um Envelhecimento Ativo.<br><br><b>1.3</b> - Explorar se as expectativas e rotinas dos idosos e desejos para si incorporam elementos do discurso acerca dos princípios do Envelhecimento Ativo. | <b>a</b> – Oportunizar ao entrevistado consolidar todos os elos de sua história de vida.<br><br><b>b</b> – Preencher lacunas entre os fatos e fases da vida abordados durante a entrevista.<br><br><b>c</b> – Oportunizar ao entrevistado falar mais livremente de sua vida, enfocando fatos que lhe sejam mais significativos.<br><br><b>d</b> – Agradecer ao entrevistado a disposição de colaborar com a pesquisa. | <b>1.</b> Pode me dizer por que está (ou mora) nesta Instituição? <b>(Pergunta não incluída aos idosos não institucionalizados)</b><br><br><b>2.</b> Gostaria de acrescentar algo à entrevista que não tenha sido perguntado? Fazer alguma observação, algum comentário, esclarecimento ou mesmo relatar algum fato? |

(Baseado em Joana Caldeira, Ester Vaz e Teresa Costa Pinto (in Isabel Guerra, 2006, p.55))

## ANEXO B – SINOPSES DAS ENTREVISTAS

### Transcrição de excertos da fala de cada entrevistado, dispostos para análise comparativa e agrupados por temas (categorias)

**Objetivo** – Visualizar semelhanças das respostas e “diversidade interna” (Guerra, 2006, p.39) contida na homogeneidade (no tocante à vivência do processo de envelhecimento) do grupo pesquisado, além de observar dados da história de vida que se repetem.

**Observação** – As entrevistas 1, 2, 3 e 4 reportam-se aos idosos não institucionalizados, e as sob os números 5,6,7, e 8 reportam-se aos idosos institucionalizados. A separação dos dois grupos neste Anexo B foi feita apenas em função da organização escolhida para adequar os excertos ao espaço da folha.

### CATEGORIA – INFÂNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                                |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Origem/<br/>Infância/<br/>Condições</b> | <b>E.1</b> | [...]eu vou fazer 81.[...] nós era três... muié [...]Naquele tempo a gente morava no interior, em Ituiatuba (Estado de Minas Gerais), [...]nois fiava, minha mãe tecia o pano de algodão, tecido no tear.[...] nós panhava café, [...] passava mês no cafezal, né... panhando café [...] panhava algodão pru zotro, socava café, torrava, socava arroz no pilão, a gente não via tristeza igual nois tão vendo hoje, né...[...], a mãe costurava e nós enchia de palha de milho pra dormir, e o travessero de paia também. Lençol de algodão, coberta de algodão[...].A primeira alpercatinha que eu calcei era de couro. Valeu um e cinquenta. Ali... a gente guardava só pra um dia ir pra um passeio, pra ir pra missa... A gente andava mais era de pé no chão, né... No geral (infância), foi bom porque nós trabalhô muito. Nós morava na colônia...[...]. Quando nós morava na roça, nosso rancho era de pau a pique... ali era chão... nós fazia vassora e varria, fazia fugão, cozinhas com panelinha de ferro[...]  |
|   | <b>E.2</b> | O meu nome é O.P.N., nasci na fazenda, no Município de Orizona, Goiás, em 1936. [...] e...eu tenho lembranças muito remotas, dos cinco anos eu já tenho lembranças... até dos três... porque nos três anos eu já tava andando... naquela dificuldade do infante, né, e aí, minha mãe, muito ocupada, distraiu e eu fui pro curral, andando cai-levanta e...o curral tava cheio de vacas, né... [...] e nisso duas vacas começaram a brigar e vieram na minha direção, eu não dei conta de correr, caí, e as vacas passaram brigando em cima de mim, aí é que foi aquele corre-corre, mas aí levantei, e saí do mesmo jeito, voltei pra trás (risos), porque eu fiquei com medo, né...então essa é das primeiras lembranças [...] E dos cinco anos eu me lembro também da tarefa que eu tinha de, comecei naturalmente, eu apartava as vacas pra tirar o leite de manhã, apartava dos bezerros, né... chamava apartação, aí eu ficava de manhã passando os bezerros pro meu pai e o peão, ou auxiliar, né, [...] era mais de 70 vacas, né ...[...]. Aí foram nascendo, foram nascendo os irmãos até inteirar 13... né... [...] A gente conheceu pessoas de toda natureza, de toda procedência: do Nordeste, do Sul, do Leste, do Oeste, de Minas Gerais, que era mais influente no Estado, né... E era a prática do escambo: trocar elementos de subsistência que o proprietário, que o meeiro não produzia, o agricultor da fazenda. Tinha uns dez moradores na fazenda. [...] Tive uma infância rica de experiência... andando a cavalo, pescando... Caçar, eu não era muito...eu não tinha muita índole de procurar passarinho ou outro bicho pra caçar, não. [...] Eu sabia o nome de tudo. Foi indo eu sabia o nome de todas as árvores e o tipo das folhas, a marca da árvore no cerrado, no mato, no campo. |
|   | <b>E.3</b> | [...] Nasci no ano de 1934, na fazenda, a região era a região da chapada, na fazenda do meu pai, no município de Paracatu, Minas Gerais, a família era grande... nós éramos quatorze irmãos... ainda tem muitos ainda, né... mas alguns já falecidos, né. Mas foi lá nessa fazenda que eu nasci. Nasci e criei na fazenda. [...] Viviam... como se diz, vida de pobre, a vida era muito boa. [...] Meu pai não era rico, mas não era... tinha alguma coisa, né.   |
|   | <b>E.4</b> | ... eu nasci em 1929. ... naquela época a fazenda deles era perto de Paracatu ( <i>Estado de Minas Gerais</i> ), a fazenda da minha avó... [...] e papai morava em Catalão ( <i>Estado de Goiás</i> ), [...] Papai foi conhecer mamãe em 1922. [...] Aí os pais falaram de casar, mas nem namorou nem nada. E mamãe era... o irmão dela que criou ela porque meu avô morreu cedo. [...] papai então conheceu mamãe lá na festa da Lapa. [...]ela tava com dezesseis anos: “Agora você vai casar... com o filho do M.V”. [...]No outro ano tornou a ir, tornou a encontrar. E quando foi no terceiro ano, já marcou o  |

|   |            |   |
|---|------------|---|
|   |            | casamento, sem namorar, sem nada. [...] Aí, lá, fez o casamento na fazenda... foi o padre lá e casou. Trouxe ela pra Catalão. Lá pra fazenda, né. [...] E quando eu fui nascer [...] minha mãe falou: “Tenho que ir lá pra minha mãe”. Tinha parteira lá, tinha tudo. Aí foi... [...] disseram: “Pois é, tem que chamar o M.V.”, que era o meu avô. “Ele podia vir, porque ela tá passando muito mal, já esses três dias e a menina não nasce”. Ele era rezador. [...] Ele rezava, tinha o terço dele. Aí disse que no terceiro dia, ele chegou lá. Disse que ele chegou lá e só pegou o terço de conta de lágrimas... foi na cabeceira da cama e conversou com ela e passados uma hora mais ou menos eu nasci, com ele... com ele e a parteira. Então foi assim... foi assim que eu nasci. Depois meu pai vendeu gado, comprou outra fazenda e foi melhorando. [...] Eu fui criada em fazenda no município de Catalão. [...] Tive nove irmãos. Eu sou a segunda.   |
| <b>Institucionalizados</b>                                    |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Origem/<br/>Infância/<br/>Condições</b> | <b>E.5</b> | Eu tenho...acho que completei já... 86 anos. [...] em dezembro. Nasci em 1930. [...] Bom Jesus da Lapa, na Bahia (Estado da Bahia), [...] O pessoal de antigamente não tinha história pra contar, né... o negócio deles é filho, enfim... mas a gente tem uns pedacinho de Bom Jesus da Lapa, cidade muito boa. A romaria deve ser a maior ou melhor do Brasil. [...] Eu nasci numa cidade e fui pra outra.[...] Carinhanha (Estado da Bahia), 30 léguas de lá. [...] Nós éramos oito.[...] Sou. A caçula. [...] Tinha dificuldade porque a gente tinha que trabalhar assim... né, igual o povo não quer trabalhar, né... quer trabalhar em coisa fina.   |
|   | <b>E.6</b> | Eu nasci em abril de 1933. [...] papai sempre primou por ter casa boa... com três quartos. Tinha três filhos, o mais velho, minha irmã e eu. [...] Viviam bem. A casa, papai que mandou construir, né, a casa tinha três quartos imensos, duas salas, cozinha, uma área depois da cozinha. E no final, mais tarde o velho fez outra cozinha [...]   |
|   | <b>E.7</b> | Eu nasci no Rio de Janeiro. Eu tenho 77 anos. [...] Eu nasci em agosto de 1939. Onde eu nasci eu cresci. Foi tudo normal. Lá em São Gonçalo. [...] São Gonçalo é... eu não peguei muito, sabe, porque... lá era uma porção de casinhas pequenas e tinha muita gente. É um lugarzinho assim... um lugarejo. Era uma avenidazinha assim de casas, tinha várias pessoas... [...] aí, eu fiquei morando em casa com papai e mamãe, claro, né... Já morreram. ali eu fui crescendo. Ali onde a gente tava morando, tinha outras famílias... aí nós fizemos amizade. Tinha crianças... a gente era criança, né... era muito bom. [...] Mamãe tinha seis filhos... sete. O J. morreu com oito meses. Aí tinha o meu irmão F., o mais velho; já morreu. Os outros estão vivos. E o nome das filhas era V., depois era M., L e depois eu, e tem S., a caçula. [...] Ah, a gente brincava. Nessas casinhas assim, eu arranjei uma porção de colegas, que era evangélica também. Ah, minha filha, a gente (risos) fazia tanta besteira, besteira que eu digo, bobagens, né, bobagens de criança. A gente arranjava caixinhas de fósforo, aí a gente apanhava as caixas de fósforo vazia, aí ia no quintal, tinha muita planta e tudo, a gente começava pegar as folhinhas, uns galhinhos, né... eram as nossas filhas (risos). Palhaçada. Aí, a gente guardava também as vazias. Aí, ia eu e ela só, T. Até hoje somos amigas. Eu dizia assim: ‘T., vão brincar?’ E minha irmã mais velha também tava lá perto da gente. A gente ia apanhar florzinha lá dentro dos matos. Eu não sei se você deve ter conhecido uma florzinha chamada “Bom Dia e Boa Tarde”. Não deve ter conhecido, não, é do tempo do “Dom Charuto” (risos).  |
|   | <b>E.8</b> | 1919. Vou fazer 98 anos. Nasci na fazenda, município de Mirador, no Estado do Maranhão. Aí registrou em Nova Iorque, cidade do Maranhão. [...] Os meus (cinco) irmãos já morreram. Só tem eu mesma. [...] eu fui muito bem criada, muito bem zelada, muito bem estimada, muito bem querida. No dia do meu nascimento... era na fazenda, [...] minha avó [...] falou pro meu pai, pra minha mãe, que quando fosse o mês do nascimento, era pra trazer pra fazenda dela [...] ver o nenê, primeira neta. Aí, mamãe arrumou e assim fez. Quando entrou o mês, foi. Eram duas léguas. Quando eu nasci, diz que foi uma festa, um grito, todo mundo numa alegria. [...] Meu pai morreu, eu já tinha dez, onze anos. Ele [...] pegou uma maleita. [...] Quando passou a febre, ele não podia trabalhar na fazenda, não podia pegar o sereno nem do capim onde pisava, a febre voltava. Aí ele foi pra cidade, pôs comércio. Não vendeu a fazenda, não. Pôs vaqueiro administrador, aí... mas a maleita atacou o fígado, deu cirrose hepática, e ele morreu. Ficou os bens, nunca sofremos nada. Fomos pra fazenda, pra casa do meu avô. Meu pai morreu, mas deixou condições pros filhos. Nunca passamos necessidades. [...] A vida da infância... minha vida foi muito boa... [...] Muita fruta [...] jaca, cafezais, bananal. A água... era água mineral, era duma rocha. [...] A gente via... embaixo na areia ela fervia assim. [...] Nós pisava assim em cima das borbolhinhas. Era a água que nós banhava e bebia, e o gado e tudo. [...]Laranja, mexerica, cacau. Era leite, leite, leite... [...] Era uma fartura... [...] Nós, chegava de manhã, eu e meus primos, a minha tia morava na fazenda do meu avô, de manhã nós descia por dentro do córrego, de pés descalços, caçando os abacates que caíam de noite. [...]Fazia abacatada. Mas eu me diverti. |

## CATEGORIA – INFÂNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                   |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Relações<br/>Familiars</b> | <b>E.1</b> | [...]quando meu pai foi embora, largô nós, nós era pequeno, nós foi criado co'a minha mãe. Aí a minha mãe foi pra tratá [...]faleceu, né... Aí quem cabô de criá nós foi a irmã mais veia e meu cunhado [...]Ele criô nós tudo... que tanto que depois que nós ficô criado, aí nós foi conhecê meu pai, né. Aí, mais nós, devido que foi ele que criô nós, nós tinha mais amor nele de que no meu pai.  |
|  | <b>E.2</b> | E eu cresci nesse meio, o mais velho de treze, o primogênito, né... E o meu exemplo tinha que interar, né... E filho naquele tempo...eu fui criado numa família numa educação ótima mesmo assim de família. Lá era assim, era trabalho e quando tinha escola era escola, e quando não tinha era trabalho, trabalho e trabalho mesmo, variadíssimo, porque você ia aprendendo tudo. [...] A escola de educação é em casa. A escola do governo é instrução. Não adianta querer misturar isso. [...] Então a família é a primeira célula, né, e eu cresci nesse ambiente, muito alegre, e passeava muito. A família tinha um costume: trabalhava muito de setembro a maio. Nesse período era o ciclo agrícola de subsistência. [...] Nesse período, de maio a agosto, tirava-se semana, num ano nós visitávamos [...] aqueles tios do norte, aí no outro ano visitava o leste. [...] Tive uma infância e juventude muito rica de experiência. Dessas experiências assim, sempre no diapasão: trabalho, trabalho e, se tivesse escola, educação. E trabalho de educação no lar também. Porque o pai, [...] ele falava, determinava, tinha autoridade pra isso, e ensinava a fazer. Ele ganhava mais autoridade quando ensinava a fazer, [...] Na minha criação foi isso. [...] Religião, era um catecismo no lar, mas era pra valer, inclusive no tempo da minha avó é que começou. Juntava nós e punha pra rezar e aí é que ia explicar porque tava rezando. Aí vinha o amor a Deus, o amor a si próprio, à família [...]É que nós, jovens, vivíamos muito alegres uns com os outros, muito amigos. Lá em casa nós éramos oito rapazes...sete ou oito. A roupa que servia pra um era do outro. Nós tínhamos o mesmo porte físico...quase. As camisas não tinham dono. Veja como é que decidia isso: tinha cor. 'Mãe, hoje eu queria vestir a camisa amarela'. 'Não, fulano já vestiu hoje. Pega outra aí'. Se sobrasse aquela azul mais esquisita a gente vestia...ou então preta (risos). O chapéu... era um do outro. [...] 'Cadê aquele chapéu?'. 'Tá com fulano'. Tava falado, acabou. Ninguém com censura nada. Isso teve um efeito da solidariedade. |
|  | <b>E.3</b> | Olha, era muito... era relativamente boa. Sempre existia um irmão... ainda mais assim de fazenda, às vezes tem uma briguinha, mas é só na hora, né (risos). Depois, Graças a Deus, nunca teve inimizade nenhuma com irmão nenhum, nem com pai, nem com mãe, nem nada. Relativamente, é uma vida até boa, viu.   |
|  | <b>E.4</b> | [...]Teve nove filhos, aí ficou oito, depois que morreu o irmão mais velho. Aí eu assumi como se eu fosse o mais velho, mandei todo mundo pra estudar. [...] Ah, eu era assim... achava que eu tinha que dominar aquela turma, né. E os pais, nossa... confiavam. Tudo era em mim... confiavam. Eu aprendi pontinhos assim, bordadinhos. Ensinava, chamava a vizinhança pra aprender. Eu achava que a gente não podia ter nem um tempo assim... porque não tinha televisão, só tinha um rádio, não tinha televisão, e os brinquedos da minha adolescência, de dez a doze anos, era pular buraco, quem é que pulava mais... pulava pra lá e pra cá, outra hora de roda, brinquedos de roda, muitos, muitos mesmo, pique-esconde. Eram essas brincadeiras... não tinha telefone, não tinha nada, né. E a mamãe contratava uma senhora lá, uma velhinha, parteira, mamãe dava... nossa fazenda era de café... uns quilos de café pra ela ir lá contar histórias, e ela chegava assim seis horas e ficava até dez horas contando histórias pra nós. Histórias assim... inventava, parece, de rei, rainha, casamento do rei com a rainha, da bicharada. Eu acho que eu lembro de alguns casos que ela contou ainda. Nós entretinha tudo sentado no chão em roda dela. Mamãe fazia biscoitinho e levava pra nós ali. Uma vez por semana ela ia contar história pra nós. Ela ia, mamãe chamava, "que dia que você pode", e ela chegava lá... ela gostava de ir pra conversar com mamãe.  |
| <i>Institucionalizados</i>                       |            |   |
|  | <b>E.5</b> | [...] mamãe era separada. [...] Dava (bem com os irmãos), Graças a Deus... Graças a Deus. [...] Minha mãe morreu, nós mudamos de cidade. Foi vendendo tudo, né. Acabou a padaria... uma panificadora grande... [...] Meu pai buscou nós, trouxe prá cá... [...] Aqui em Goiás. [...] Itaberaí. É aqui... é perto... Itaberaí Depois que mamãe morreu, ele (o pai) morreu aqui em Goiás. Ele ficou em Goiás. Aí a vida passou assim, né. Depois que morreu o casal, os filhos foram espalhando.  |

|  |            |   |
|--|------------|---|
|  | <b>E.6</b> | <p>Meu pai levava muita fé no meu irmão, entendeu... e meu irmão decepcionou. Quando chegou... ele acabou o ginásio, ele falou: “Não vou estudar”. [...] Eu, que não tinha nada com o caso, quando tava no terceiro ano Científico e ia fazer o ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), ele (o pai) chegou e disse: “Não, um me fez...a segunda vez não faz... Você vai trabalhar”. Não quis saber. [...] Meu irmão era o queridinho dele. Aquele ali não tinha futuro. Meu irmão era o queridinho dele. Eu, por enquanto não era de nada (risos). Era de nada. Eu...que não tava nessa jogada, ele me botou pra trabalhar. Eu fui trabalhar...meu irmão não faz nada... Aquele ali não fazia nada... aquele ali com as mãozinhas dele... não fazia nada. Ele queria ser patrão... mas não tinha condição. Eu trabalhando como um danado, meu irmão não fazendo nada. Ele era o queridinho... meu pai não queria criar problema com a mamãe... eu... como não era queridinho de ninguém (risos), me machuquei todo: eu trabalhando, e meu irmão não fazendo nada. Eu falei assim: eu quero fazer Engenharia... ”Não, não, não...não tem nada disso, não”. Ele (o pai) sempre botava meu irmão: “Ele não fez nada...e eu fiz tudo por ele...e...vai dar a mesma coisa...vai dar com os burros na cara...Você tá empregadinho aqui na loja...” [...] A loja não ia pra frente de jeito nenhum. Não sei o que tinha aquela loja. Acho que tem urucubaca (risos). [...] Mamãe era todo dele...[...] ele era o queridinho dela.[...] Meu irmão era o queridinho. Eu vinha depois, né... Minha irmã... nada. Sorte que ela casou logo. [...] Não, não, não ligava, não... não ligava, nunca liguei. Nunca me incomodei, não. Eu deixava, assim... É irmão. Não adianta. Eu me dava bem com o meu irmão. Muito bem. Não me atrapalhava... porque ele gostava de corrida de cavalo, eu também gostava, então, não havia problema... não havia problema (risos)... tava tudo, tudo ok.</p> |
|  | <b>E.7</b> | <p>Era, era <i>(uma relação boa com pais e irmãos)</i>. (Davam-se) Muito bem. [...] eu queria estudar, mas papai não podia, sabe... não podia... Aí, minhas duas irmãs estudaram. [...] e eu ajudava ela um pouquinho também na cozinha quando precisava, né, e papai também precisava. [...] Elas fizeram isso, e eu depois fui trabalhar com papai no armazém. [...] eu ajudava a mamãe em casa também, né, lavava a louça, a louça do almoço, né. E essas duas... essas duas não queria nada com cozinha... era eu e mamãe (risos). [...] Aí... aí, minha irmã L. fez o que não devia, né: arranhou um homem e foi morar com ele. [...] Aí, depois, caiu no mundo, arranjando homem, passeando. Aquilo desgostou mamãe... a gente também, né. [...] ela foi ficar andando com homem pra lá, homem pra cá, homem pra lá, homem pra cá, [...] E depois passou a viajar com os homens. [...] Viaja com um, viaja com outro e... trazia aquelas roupas tudo sujo. Era mamãe que tinha que lavar aquelas roupas. [...] E meu irmão [...] começou com amigos, essas coisas, né... E o que que ele fez? Acabou com o armazém. Papai ficou arrasado, arrasado. Foi uma coisa horrível... papai gastou muito dinheiro, né, pra fazer essas coisas...</p>  |
|  | <b>E.8</b> | <p>Era aquela festa. [...] Fui amada na infância desde o dia que eu nasci. Cresci, nunca senti falta de nada. [...] Ele <i>(avô)</i> era muito doce... Ele nunca bateu em nós. [...]</p>  |

## CATEGORIA – INFÂNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                  |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Ocupação<br/>dos Pais</b> | <b>E.1</b> | Minha mãe tecia o pano de algodão, nós costurava, tinha daquelas maquininhas antigas.   |
|   | <b>E.2</b> | Era só do lar, mas a do lar, naquele tempo, marido-marido, mulher-mulher, né... a casa tinha mais ou menos detalhada as obrigações diárias e ao correr do tempo [...] Ela levava nós, uma renezinha assim... plantava algodão...ela plantava o algodão conosco, colhia, aí ela catava, escaroçava, que é debulhar o algodão, transformava em pasta, tecia, aí fiava também... era a roda, a roca e, depois, desse período em diante, às vezes pagava pra tecer, mas às vezes ela mesma tecia e às vezes ela mesma costurava [...] meu pai tinha uma... [...] uma área, conseguiu herdar, eles eram muito de conservar a herança, mas comprou dos irmãos e ficou com uma área assim de uns 600, 700 hectares e muito fértil, muito preparada já, dava para ele pastar muito gado; criava muito, [...] meu pai plantou café. [...] E era a prática do escambo: trocar elementos de subsistência que o proprietário, que o meeiro não produzia, o agricultor da fazenda. |
|   | <b>E.3</b> | Todos dois trabalhavam na fazenda. Inclusive meu pai era... ele tinha diversas profissão, de fazenda, mas tinha. Ele era marceneiro, ele era carpinteiro, fazia de tudo na fazenda. Muitos móveis... eu tenho móveis de... que ele fez... aqui, hoje, que é... que é relíquia. Naquela época não existia ferramentas especializadas, fazia tudo nas ferramentas comuns daquela época. Tudo artesanal. Hoje... se... valeria até dinheiro isso, né. [...] meu pai tinha uma visão de... era admirável, né, inclusive meu pai nunca teve numa escola pública. Naquela época era difícil. Meu pai era... era craque em Matemática, principalmente, e em outras coisas. Ele era... servia até de conselheiro pra região, naquela época. Todo mundo acreditava nele. Ele servia... era um tipo de um conselheiro pra aquela época. E minha mãe também tinha boa convivência com todo mundo, né. Muito... ela era muito sensata também, né.                                 |
|   | <b>E.4</b> | Depois meu pai vendeu gado, comprou outra fazenda e foi melhorando. [...] Era (dona de casa). Ela (a mãe) que cuidava dos meninos tudo. [...] porque meu pai perdeu a... a... fez negócios... aí vendeu a fazenda [...] Papai teve que trabalhar de pedreiro, porque ele era fazendeiro, mexia com gado, foi trabalhar de pedreiro [...]  |
| <i>Institucionalizados</i>                      |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Ocupação<br/>dos Pais</b> | <b>E.5</b> | Nós tinha balcão, nós tinha padaria, panificadora... e tocava essa panificadora. Tinha que abrir todo dia, né... mas a gente tinha quem ajudasse, também pagava uma pessoa pra ajudar, né.  |
|   | <b>E.6</b> | Papai trabalhava no comércio, mamãe era professora primária, do Governo do Estado do Rio. [...] Era loja de peças de automóvel  |
|   | <b>E.7</b> | Papai era comerciante, tinha armazém. Foi tudo muito farto. Papai comprava caixa de laranja, banana, tudo, maçã. Tudo ele comprava. Graças a Deus, nunca faltou nada. Às vezes ele ia no Rio fazer alguma coisa, aí trazia coisas diferente pra gente comer e... mamãe... era da casa, né... era da casa... trabalhava, né, e eu ajudava ela um pouquinho também na cozinha quando precisava, né, e papai também precisava. Aí mamãe ficava na cozinha [...] O armazénzinho dele era muito bom. Tinha tudo. Tinha mortadela, tinha queijo, tinha tudo. Biscoito. Era bem... Dava muito freguês. Muito mesmo.  |
|   | <b>E.8</b> | [...] meu pai era fazendeiro...   |

## CATEGORIA – INFÂNCIA E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                           |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Convivência com<br/>Idosos</b>     | <b>E.1</b> |   |
|  | <b>E.2</b> | Convivi, convivi com minha avó muito pouco, porque ela foi das primeiras pessoas que teve câncer lá da região. Morreu com 54 anos. Já tava velha. E meu avô ficou viúvo 40 anos e não se casou mais, né... Durou 95 anos.   |
|  | <b>E.3</b> | Pra dizer a verdade, convivi com minha avó... minha avó materna. Foi a única que eu convivi. Inclusive (risos)... inclusive os irmãos falava que ela me adulava, né. Até à morte dela, ela sempre tinha muita coisa comigo. Mas foi só a avó materna. Os outros avós não tive convivência com eles, não.  |
|  | <b>E.4</b> | Convivi. É, eu noto que eram muito assim... sérios, né. Que assim... como chama... a gente tinha que respeitar muito. Não podia nem falar alto perto dos velhos. Mamãe vigiava assim. Mas só os irmãos mais velhos que criou assim. Os mais novos tudo, como diz, são mais desbocados, mas ninguém nunca xingou na minha casa.  |
| <i>Institucionalizados</i>                               |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Convivência<br/>com<br/>Idosos</b> | <b>E.5</b> | Convivi... (com avós) dentro de casa com eles, não. Eu na minha casa, eles na casa deles. [...] Era diferente, né. Quando passa um ano pro outro há diferença. Tudo diferente.  |
|  | <b>E.6</b> | Meu avô morava com a gente, o pai da minha mãe. Aquele não podia ver mulher (risos). Nunca vi. Era viúvo... mas não podia ver mulher! O cara era um alucinado. Eu dizia: “Mas não é possível!”. Mas não perturbava, não, porque mamãe não deixava, né. Ela não gostava. Minha avó, diziam, que sofria muito, né. Ele ia em baile, entendeu, não queria saber...   |
|  | <b>E.7</b> | Eu me lembro muito... Vovô ficou na roça com vovó e papai foi com mamãe.  |
|  | <b>E.8</b> | Fomos pra fazenda, pra casa do meu avô. [...] Eu gostava de boneca. Quando eu nasci, eu tinha uns três anos, três, quatro anos, minha avó me deu um caixote muito bonito; puxava a gavetinha assim, dentro tinha tanta boneca, boneca de dentinho, boneca de sobancelha, boneca de cabelinho... ela guardou antes de eu nascer, e só me dava quando eu já tivesse entendimento pra não quebrar. Era de louça branquinha, de cabelo, de dentinho, mais era assim. Quando ela me deu eu pulei de alegria, quando ela disse que as bonecas eram minhas. Ela mostrava, mas não dizia que era minha. De vez em quando ela mostrava, mas não dizia que era minha. [...] Meu pai morreu, meu avô cuidou de todos os bens que meu pai deixou. Nunca faltou nada. Nas férias a gente ia pra casa do meu avô. Qualquer... [...] qualquer brechinha a gente tava correndo pra lá. Mas a gente foi criado mais foi na casa do meu avô. Quando chegava tempo das férias, era dois, três meses lá na fazenda. As pessoas pobres... minha avó pegava, enchia uma vasilha de café e dava pras velhinhas que chegavam. Meu avô era muito religioso. Ele era católico, muito devoto. Teve uma vez que a gente tava brincando dentro de casa... nós corria um atrás do outro... ninguém tinha reparado, meu avô tava de joelho rezando, num cômodo, escondido de nós. Ele refugiava lá. Lá tinha um oratório.[...] quando uma pessoa tava ruim pra morrer daquelas vizinhanças, mandavam chamar meu avô pra ajudar... olha como é que falavam... pra ajudar esses homens morrer. [...] [...] Eu já tinha uns oito anos. Eu fui mais meu avô numa dessas visitas. [...] Aí, ele entrava no quarto, conversava com o doente, cumprimentava, falava e ia conversando. E logo a pessoa morria. [...] disse que era para ajudar, pra fazer a pessoa lembrar as coisas, lembrar de Deus. [...] |

## CATEGORIA – ESCOLA

| <i>Não Institucionalizados</i>                     |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Trajetória/<br/>Formação</b> | <b>E.1</b> | [...]depois de veia é que eu fui aprendê escrevê meu nome... [...] lá não tinha escola, então, depois de veia, assim o nome, o endereço, o dinheiro, vou no mercado... o preço eu sei de tudo, mas pra mim lê, tem que ser soletrando.[...] A leitura faz muita falta.[...] Eu gostaria de aprendê, entrá num colégio, mas quando a gente vai ficando de idade, igual a minha idade, cê aprende hoje uma coisa, amanhã cê já esquece. A cabeça vai não guarda mais.   |
|  | <b>E.2</b> | [...] começamos em março, né, de nove pra dez anos. [...] escola paga...naquele tempo não havia escola de governo. Só muito poucas nas cidades, era mil novecentos e quarenta e pouco, né...1945. Aí nós fomos pra escola da Dona C.D. Chegou lá... meu pai pagava a pensão pra eu subsistir lá...levamos o colchão, as roupas de cama e as roupas de vestir [...] Aí o seguinte, combinou-se o seguinte, não tinha onde agasalhar pra dormir, aí a gente estudava o dia sentados nuns bancos de tábuas, e tinha umas mesas de fazer tarefa; eram umas três mesas assim seguidas. Aí, de noite, juntavam-se as tábuas e fazia a cama... punha o colchão [...] No outro dia, antes das seis horas, nós levantava pra pôr o colchão na sala da casa, pra não ocupar espaço (risos). E aquilo era uma escola particular. [...] Foi o meu aprendizado de primeiro grau, de primeira e quarta todo. [...] Em 1954, eu fiz a Admissão (Preparatório para ingressar no Curso Ginásial); em 1958, eu terminei o primeiro grau (correspondente ao Curso Ginásial da época e Fundamental da atualidade). [...] Aí, em 1958, eu fui para a capital estudar. Aí eu fui pra Goiânia; eu fiz o Técnico em Contabilidade na escola da Fundação Comercial, que eles chamavam de Senac [...] Eu me formei em 1974 ( <i>Curso de Letras</i> ), na UFG ( <i>Universidade Federal de Goiás</i> ).   |
|  | <b>E.3</b> | A gente não estudou, porque naquela época poucos estudaram, mas naquela época era muito difícil, lá na cidade não existia escola com curso superior, e quem quisesse estudar lá tinha que fazer fora, né, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro. Mas é... nenhum de nós teve oportunidade de viajar por causa de dificuldade, não foi nem financeiramente, não. [...] Frequentei escola, e escola particular... é... é... nem era escola particular. Meu pai pagava o professor... mas professor bom... levava pra fazenda, ficava lá o ano todo... dando aula pra gente... pra todos os filhos. Dava aula geral: Matemática, História... tudo. [...] frequentei depois de mais idade, de maior, né. Eu fiz aquele curso que existia... era... Madureza (Curso de Adultos). [...] Eu gostaria de ter estudado mais. Com certeza... eu gostaria de ter estudado. Se hoje se eu... depois que eu fiquei adulto, ter se formado em alguma coisa, mas não tive oportunidade, não foi nem falta financeira, não, como eu já disse aí, né, foi falta de escola mesmo. Se a gente quisesse fazer faculdade naquela época era Rio, São Paulo, Belo Horizonte, só esses lugar.   |
|  | <b>E.4</b> | [...] meus pais venderam a fazenda e nós fomos pra Ouvidor (Estado de Goiás) pra estudar. Eu já tinha nove anos e tinha estudado só na fazenda. Meu pai contratou um velho lá que dava aula pra nós e pros meninos da redondeza. O professor ficava lá em casa e a meninada vinha da vizinhança e ia estudar lá em casa. Ali que eu alfabetizei. Eu devia ter uns sete, oito anos. [...]quando eu tava tirando o ginásio, eu tive que parar pra trabalhar. Lá não tinha ginásio. [...] Eu estudava sozinha. Estudava pelo Instituto Universal Brasileiro, porque eu só tinha o primário e não tinha nada, nada mais. Aí eu li Instituto Universal Brasileiro, falei ‘vou estudar’. Escrevi pra lá, eles mandaram informações, eu escolhi um curso de Auxiliar de Escritório, estudei o curso, mandavam fazer as provas e mandar, mas só que não deu diploma, não. Não tive diploma de nada, não. Fiz também um pouquinho de Administração. Mas esse eu não aperfeiçoei, não. Lá era trem de ferro, não tinha correio. Levava na estação de trem de ferro, levava minhas provas pro chefe de trem, depois quando chegava ia na estação, buscava as questões. E assim eu estudei lá. Estudei assim uns cinco anos. [...] vinha pra escola, continuar os estudos, na escola, à noite. [...] Era o segundo grau mesmo. [...] Fiz o Comércio. [...] Era... Contabilidade. Mas eu não atuava nisso, não. Era só pra ter um curso valendo, né. |
| <i>Institucionalizados</i>                         |            |   |
|  | <b>E.5</b> | É, até o Normal. Não cheguei a concretizar, não. [...] Eu lembro (da escola) [...] direitinho. Era muito boa, era difícil. Muita exigência, né. Antigamente tudo era exigido, né. Mas era bom. [...] Gostava.[...] Gostaria de ter continuado (os estudos).   |
|  | <b>E.6</b> | Eu já tinha terminado o Científico. Mas eu queria ir pro ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica). Fiz o Científico, acabei o Científico, aí tentei a Engenharia, mas sem estudar, sabia que não era possível, não tinha tempo... [...] Fiz três anos de Contabilidade. Me formei.  |



|  |   |
|--|---|
|  | <p><b>E.7</b> O colégio era na igreja, Igreja Batista. O colégio e as professoras. Muito boas. Mas pelo menos eu aprendi a ler... [...] eu não fui em um ano, não. As professoras eram da igreja, as professoras, mas eram muito boas, né. Pelo menos eu aprendi a ler essas coisas tudo, né. Eu me interessava muito também. [...] Que pena. Não pude. Porque papai achava que não precisava estudo, né. Só o estudo da igreja chegava. E as professoras ensinavam muito bem, né. E eu gostava muito de ler. Muito mesmo. Papai comprava aqueles livrinhos assim, mas eu gostava muito de ler. Gostava, sempre gostei muito. [...] eu queria, mas não deu. Papai não tinha situação. [...] eu aprendi na igreja com as professoras... eram professoras também evangélicas, né... eu aprendi muito ali, muito, e ela encomendou pra minha mãe comprar um caderno pra mim... esse caderno tem um nome... mas eu não lembro... era um negócio que a pessoa vai escrevendo devagarzinho... [...] Isso... caligrafia. Aí ela pediu, mamãe comprou... e eu ficava fazendo, fazendo. Aí foi passando, passando e eu acabei aprendendo, aprendendo a ler, né. Mas meu sonho mesmo era estudar mais, mas não deu, porque papai continuou com o comércio dele. [...] E nesse colégio, eu aprendi muito a ler, né. [...] Esse livro que eu... você deve conhecer um livro parecido. É um livro que vinha só com linhas. [...] aí as professoras da igreja começou a me ensinar, me ensinar e tudo, né, e tava indo lá, né. Nem me lembro mais como é que é... Era duas professoras que tinha: uma era E. e a outra... ah, a cabecinha não vai, não (risos). [...] Depois o tempo foi passando, eu queria estudar, mas papai não podia, sabe ...não podia...</p> |
|  | <p><b>E.8</b> Naquele tempo, era escola paga. Quando não tinha essa história se faltou, se não faltou no dia tal, se tivesse uma oportunidadezinha pra gente ir pra fazenda, a escola ficava pra trás. Era aquela coisa, desorganizada, mas era bom. A escola, aí já era em Nova Iorque, já era na cidade, cidade do interior. As escolas eram... não tinha as escolas de Grupo (Grupo Escolar), essas coisas assim, não. Depois foi melhorando. Arrumavam umas professoras... eu tive professora muito boa, muito especial. E eu tive muita facilidade de aprender a ler. Quando... as primeiras letras, A, E, I, O, U, foi logo eu ler essa Carta do ABC, agora vai para uma cartilha. Eu, até hoje, eu ainda lembro dos nomes da carta de abc. Era por letra: A, E, I, O, U; BA, BE, BI, BO, BU. E aí vai. Aí quando chegava no C-U, os meninos faziam uma bagunça (risos). Eu lembro direitinho. Faziam uma bagunça nesse CU (risos). Aí os pais tinham que pagar. A escola era paga. Não tinha escola do governo, não. Eram os pais que pagavam. [...] naquele tempo não tinha ginásio. Era no Maranhão, muito atrasado. Mas eu era muito inteligente. Os professores me achavam. [...] Mas eu nunca estudei em colégio... lá não tinha... naqueles tempos não tinha.</p>  |

## CATEGORIA – NAMORO/LAZERES/AMIGOS

| <i>Não Institucionalizados</i>                 |            |  |
|--|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Namoro/<br/>Costumes</b> | <b>E.1</b> | [...]nóis morava na roça. Até que nesse ponto, depois de veia é que eu vim sabê muitas coisa, né... porque quando cê mora na roça, daquele tempo nosso, ocê vê que as moça não era igual hoje, né... era deferente... a gente tinha acanho, né...  |
|  | <b>E.2</b> | Eu era meio desajeitado como adolescente, passando para a juventude. Eu era muito arredio, porque nós fomos criados muito sem dinheiro. Então a gente não se aproximava de uma moça fácil, porque não tinha como...Se não fosse parente ... por isso que casava muito parente. Se não fosse parente você não se relacionava fácil, mas aí aquela coisa já não tava podendo mais, parente, né... e eu era muito arredio; entrei nesses grupos lá da cidade pra estudar, não namorei ninguém...todo mundo era amigo. Pai não deixava ir com o namorado no baile, mas deixava ir comigo, porque tinha confiança. Porque eu não tinha comportamento nenhum negativo, né... não falava palavrão.  |
|  | <b>E.3</b> | [...] namorada mesmo eu não tive muitas, não, mas a gente... a gente tinha liberdade de sair... ir aonde quisesse. Namoradas até que eu não tive muitas, não, mas tive algumas, viu ( <i>risos</i> ).  |
|  | <b>E.4</b> | Eu não casava porque eu era arrimo. [...] conheci o meu marido ... ele me escrevia assim... eu tinha só vinte anos. “Posso te escrever?”. Eu falei: ‘Pode’. Não tem nada que fazer nessa cidade. Eu não tenho nem assim... tem amigos, mas tudo... diferente... não tinha namorado, não, porque pra mim achar que tinha que namorar uma pessoa que tivesse capacidade... eu não queria ser roceira, não queria ir tirar leite. Eu queria outra coisa, eu queria estudar. Nisso eu conheci ele, e ele já tava em Goiânia. Conheci no trem de ferro, eu tava indo lá pra casa ( <i>Cidade de Ouvidor – Estado de Goiás</i> ). Ele me escreveu uns três anos.[...] Não, não tinha tempo de passear, não... não. Antes de eu conhecer meu marido, eu tive um namorado, assim desses namoros assim que gostava um do outro, mas nunca nem... só pegava na mão. Você entende? Desses assim de olhar...   |
| <i>Institucionalizados</i>                     |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Namoro/<br/>Costumes</b> | <b>E.5</b> | Tive dois só... Tive três só... Tive namorado demais, né... meu pai não deixava. Depois ele morreu também, né... Eu já tava mais velha.  |
|  | <b>E.6</b> | Não, não, não... eu era... não tinha dinheiro. Fui trabalhar pro meu irmão... Não, não tinha dinheiro.   |
|  | <b>E.7</b> | [...] tava o quê... com uns quatorze anos mais ou menos. Mamãe saía, eu ia pro muro, ele aparecia, ali começou o namoro: beijo na boca ( <i>risos</i> ). Mamãe nunca descobriu, não. Safadeza, né. Mas não tinha maldade, não. [...] Pelo menos beijo na boca, né? ( <i>risos</i> ). [...] Esse não foi o único, não. [...] Aí ele chegou na loja com uma revista... [...] aquilo foi ideia dela, né... entrou na loja... porque depois eu comecei a ficar na porta da loja, pra ficar vendo ele passar de terno, uma toalha aqui, ele saía do quarto dele e ia tomar banho no comércio do irmão. [...] Aí... aí foi, ele chegou lá: “Você tem namorado?”. Eu falei: ‘Não’, e me deu a revista. A revista foi só pra... um pretexto ( <i>risos</i> ). Aí, eu falei assim: ‘Não, eu não tenho namorado, não. Muito cedo, né, tô muito nova’. Aí ele falou assim: “Não, R., não tá muito nova, não. É bom casar cedo”. Eu falei: ‘Ih! Eu casar?’. “Ah, você vai casar comigo... vai” ( <i>risos</i> ). [...] |
|  | <b>E.8</b> | Só o meu marido. A casa dele e a minha era mais perto do que aquela última porta bem lá. Aí, quando eu tinha dezesseis anos, ele procurava namorar comigo, e eu escondia, escondia. Se eu fosse saindo e eu visse que ele tava na porta, eu não saía. De primeiro a gente não se beijava; não tinha essas coisas, não. [...] eu nunca tive namorado. Aí, quando ele conseguiu me convencer, aí, nunca teve essa história de abraço, de beijo, não. Ele me beijou depois que nós nos casamos. Tinha aquele respeito. Não andava assim de braço dado; aquela coisa, aquele aconchego demais não tinha, não. Tinha de conversar, de receber direito. Punha a cadeira pra conversar, minha mãe sentava do lado, servia qualquer coisa.   |

## CATEGORIA – NAMORO/LAZERES/AMIGOS

| <i>Não Institucionalizados</i>            |            |  |
|---|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/><i>Passeios</i></b> | <b>E.1</b> | [...] a gente tinha um primo, que era tocador de sanfona. Aí quando tinha festa lá naqueles fazendero, juntava aquele povo lavrador, as muié ia fiá e os homens ia roçá pasto, ia capiná, quando era de noite era o baile. Mas não tinha maconha, cê não via bagunça. O povo dançava a noite inteira. Naquele tempo nosso era deferente. Agora, eu gostava assim de dançá... até hoje. Porque naquele tempo era sanfona, né... não é igual hoje, toque de lambada, essas coisa, não... O povo ia pra diverti, não pra putaria, né... nos canto, aquela bagunça, né... Eu sei que era bom demais.   |
|   | <b>E.2</b> | O divertimento, [...] tinha os pagodes nas fazendas, o jogo de futebol, a pescaria primeiro ... não tinha competição quase. Quando terminava as colheitas, aí era uma festa só, até agosto. Aí a gente ia naquelas mais selecionadas porque tinha muita briga...e a gente não entrava em briga mesmo. Minha mãe falava: ‘Valente é o que corre’ (risos). Tinha as rezas nos domingos também, que a gente ia desde menino. Aquilo era uma delícia pra gente... da infância já maior... porque a gente ali jogava peteca, brincava de outras coisas, mas o esporte ainda não tinha entrado; a competição era muito pouca; jogava ferradura, jogava o que tinha, fazia o que tinha. Aí depois veio o jogo de futebol... também a gente já era rapaz... no domingo à tarde eu ia pro jogo de futebol e eu era o maior dos desportistas. Eu fui campeão do time de roça lá; eu participei de um time organizado chamado Marinheiro; meu time foi campeão enquanto eu joguei. E era assim, eu jogava no segundo time e jogava no primeiro, marcava gol nos dois. |
|   | <b>E.3</b> | Ah, tinha muita coisa assim... às vezes tinha alguma festa... nas festas assim a gente ia muito, na região, né... Às vezes tinha alguns eventos que... esses eventos de fazenda... gado, animal... Tinha lá, próximo, tinha um... hipo... seria uma corrida de cavalo, né, não seria hipódromo, né. A gente frequentava muito, todos os domingos. Era mais esse tipo de festa, assim, né. Em festa assim a gente ia muito, viu... em festa assim, em fazendas vizinhas. [...] cinema, na minha infância... na infância mesmo, não, porque a gente... quando a gente morava... mas depois que a gente foi pra cidade, aí ia bastante também. Não era muito, não, mas ia sempre. [...] bailes da região mesmo. Assim, baile de clube... esses, não. É como se diz, eram daqueles bailes lá que os cantores lá... caipira mesmo, a sanfona (risos). Mas era aquela coisa boa de antigamente.  |
|   | <b>E.4</b> | Baile eu ia porque na casa que eu morava lá, Dona D., ela criava uma menina, e a menina era assim meio excepcional, não falava direito: “Você me leva no baile? A madrinha não quer deixar eu ir sozinha”. Aí eu ia nos bailes com ela, levava. Chegava lá eu não gostava era de dançar. Chegava, ficava lá com os velhos. Meu professor ia, as professoras iam, todo mundo, aqueles bailes de políticos, né. Eu ficava num grupinho lá. Chamavam pra dançar, eu falava: ‘Ah, não sei’. Eu nunca aprendi dançar, e não gostava muito. Nunca dancei. Aí, cinema também não tinha. Aí, de vez em quando, meu primo passava lá de caminhonete: “Vamos pra Catalão pra assistir um filme, eu tô indo com a namorada e a mãe dela não quer deixar ela ir sozinha”. Eu falava: ‘Então vamo’. Eu ia sempre com eles de caminhonete assistir filme em Catalão.   |
| <i>Institucionalizados</i>                |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/><i>Passeios</i></b> | <b>E.5</b> | Era baile... [...] Mais caseiro. [...] Cinema não ia, não. Não sei nem se tinha cinema. Cidade pequena...[...][Tinha amigos mais na escola.  |
|   | <b>E.6</b> | Mal tinha tempo pra ir ao cinema. Não tinha divertimento, não. É... às vezes enchia a cara aí, em fim de semana, entendeu... (risos) e ia vivendo. Divertimento nada. Não tinha dinheiro. Quando trabalhava, era toda a glória do velho, era tudo pro meu irmão e pra ele. Não ganhava nada.   |
|   | <b>E.7</b> | [...] “R., eu queria marcar um encontro com você ali no Tamoyo”. Tamoyo é um negócio de tarde, né. [...] Os namorados, assim, era escondido. [...] aí quando eu ia embora do comércio eu ficava namorando. Só beijando, só beijando, não tinha assunto, não (risos).   |
|   | <b>E.8</b> | Naquele tempo, eu não era muito gostadora de festa, não. [...] Na família. Só na família. Eles eram muito rígidos... com raça... Lá tinha fábrica de farinha, tinha muito peão, muita mulher, muita gente... eles achavam que não tava na classe deles, meu avô não deixava a gente ir lá, não. [...] Tinha baile, tinha as festas, tinha baile. O povo era tão racista... pra fazer um baile, tinha que convidar duas moças, dois rapazes. Pra sair numa cidadezinha desse tamanhozinho, fazia convite. Só entrava no baile quem fosse convidado... Preto não era pra chegar nem na janela. Também os pretos não deixava eles chegar na janela deles. Faziam o baile deles. Era um racismo danado. Era assim.   |

## CATEGORIA – NAMORO/LAZERES/AMIGOS

| <i><b>Não Institucionalizados</b></i>                                |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Participação em<br/>Associações/Igrejas...</b> | <b>E.1</b> | [...]a minha mãe já era espírita... Toda vida eu mais a mais veia seguia mais a religião da minha mãe, que era espírita... minha mãe, o Centro Espírita dela era de Palmelo.[...] eu tenho amigo de tudo quanto é religião. Eu não vou perder um irmão por modo de religião, porque Jesus é o caminho. Ele faz a parte dele e eu tenho que fazer o meu. Agora porque ele tem a religião dele... não... perfeitamente... cada um faz a sua escoia, né? [...] ele (esposo) ia pra igreja dele eu ia pro centro espírita, porque... cada um segue o livre arbítrio. Às vezes cê tem um filho... ele cria naquela religião sua, mas depois de grande cada um escolhe a sua. Não é porque é a sua que tem que sê ali, não. Nós qué que ele seja um filho bão, uma pessoa honesta, com a lei direito, obrigação, mas religião é coisa que ninguém discute, né... cada um segue o livre arbítrio dele, né... |
|  | <b>E.2</b> | Não existia isso pra nós lá no sítio, não. Aí na cidade a gente foi entrando... Congregação Mariana, participei de congresso pela Congregação Mariana, o Congresso Eucarístico; depois da Congregação Mariana chamou a gente pra Legião de Maria, que é o processo social de visitação e controle de fichas pra Associação de São Vicente de Paula. Ficou-se nisso aqui. [...] lá no Colégio Estadual de Orizona eu mantive uma crônica no serviço de alto-falante da cidade. [...]Nesse período lá, já de 1954 [...] Escrevi uma poesia pra todas da minha geração na cidade, menos uma pessoa lá do grupo da cidade naquele tempo, a juventude toda.  |
|  | <b>E.3</b> | Olha, de partido eu nunca gostei de participar, não. Agora, de associações... inclusive agora depois já de bastante tempo que eu moro na cidade, inclusive teve uns dois ou três mandatos de prefeitura lá na cidade, eu participava de quase todas associações, principalmente essas associações de voluntário, que presta serviço voluntário. Participei muito de conselhos, de prefeitura, de clubes, de... inclusive de Rotary, que eu até hoje participo, né. [...] Beneficente. Política, não. Política até já... já... poucas vezes assim... de ajudar alguma coisa.   |
|  | <b>E.4</b> |   |
| <i><b>Institucionalizados</b></i>                                    |            |   |
|  | <b>E.5</b> | Participava. Na Igreja Católica Apostólica Romana. [...] na Educação de Jesus, Educação de Maria, né... que é as fitas...azul, outra era amarela...   |
|  | <b>E.6</b> | Não, nunca. Papai não era católico. Ele dizia que era católico, mas não era católico, nada... Aí meu cunhado veio, que era espírita. O pai dele também abriu um centro espírita lá, aí meu irmão entrou, entendeu. Aí, “Não, vamos levar você pro centro”. Aí fiquei um tempo lá. [...] Ah... é... fiquei espírita porque a turma toda era espírita e eu andava com eles, né. Aí eu fiquei espírita.  |
|  | <b>E.7</b> | Nós éramos evangélicos, né. Nós somos nascidos e criados no evangelho. Ia pra igreja, né.   |
|  | <b>E.8</b> | Participava. Fazia escola dominical. Tinha encargo, responsabilidade. Era tudo, tudo organizado. [...] De casa pra igreja. Meu marido era maçom. Aí, de casa pra festa da maçonaria. Quando iniciava um, tinha uma festa que era uma beleza. O povo inventava que maçonaria é do cão. Não tem nada com o cão, não. Tem com conduta, com moral. Tem que ter mo-ral. Tem que ter muita moral. É uma beleza, uma beleza.   |

## CATEGORIA – NAMORO/LAZERES/AMIGOS

| <i>Não Institucionalizados</i>                           |            |  |
|--|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Acompanhamento<br/>de Notícias</b> | <b>E.1</b> | Não, não tinha televisão [...]não tinha nada, né   |
|  | <b>E.2</b> |  |
|  | <b>E.3</b> | Enquanto eu tava na fazenda, não, mas depois que eu fui pra cidade sempre eu lia muito jornal, revista, assinava algumas revistas. Gostei muito de ler, de acompanhar as notícias de jornal. |
|  | <b>E.4</b> |  |
| <i>Institucionalizados</i>                               |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Acompanhamento<br/>de Notícias</b> | <b>E.5</b> | Tinha, de vez em quando até lia, mas não tinha tempo não, porque eu tinha os irmãos pra olhar, né... a casa pra olhar, né.   |
|  | <b>E.6</b> | A gente lia jornal porque recebia muito, entendeu...   |
|  | <b>E.7</b> |  |
|  | <b>E.8</b> |  |

## CATEGORIA – CASAMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                   |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Casamento e<br/>filhos</b> | <b>E.1</b> | Casei, no padre. Eu fiquei viúva com quarenta ano. Eu casei parece que tinha, não sei se era vinte e um ou vinte e dois ano. Eu tive onze ( <i>filhos</i> ), mais morreu um e morreu um depois de grande, de repente. Tenho nove e criei dois neto, mais me chamam de mãe, né.  |
|  | <b>E.2</b> | Em abril de 1961. Minha vida é meio ligada a abril, né... nascimento, casamento. Depois os filhos nasceram quase tudo em abril ( <i>risos</i> ). Nós tivemos quatro filhos e criamos mais uns dois ou três ( <i>risos</i> ). Mas são tudo... gostam da gente como filhos. E a gente considera até os filhos deles netos. É... devido à criação, acho, desempenho de trabalho... e à formação até a universidade, que teve sequências seguras, uma parte pela minha família, outra parte minha, porque o do primeiro grau ficou pela minha família, a segunda meu pai já deu depois um sustento no início, depois eu toquei sozinho. Saúde, educação e trabalho... e instrução. A instrução soma, né.  |
|  | <b>E.3</b> | Casei, acho que com vinte e quatro anos. [...] cinco filhos.  |
|  | <b>E.4</b> | Acho que em 1960 ou 1961. [...]... casamos [...] Trinta e um anos. Casavam com 18 anos. Chegava todo mundo, brigava comigo: “Você tá dando chute na sorte”. Eu falava: ‘Não, não tem importância, não. Eu tô sentindo bem’. [...]Quatro filhos e criei duas. Tenho netos e bisnetos.  |
| <i>Institucionalizados</i>                       |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Casamento e<br/>filhos</b> | <b>E.5</b> | [...] casei aqui em Goiás. [...] Eu casei com... dezesseis anos... Goiano. Tem mais de doze anos que ele morreu. [...] Tive seis (filhos), mas tem só quatro... dois faleceram... de doença mesmo. [...] Até hoje tenho filhos. Meus filhos são tudo casados, tenho netos, cinco netos. Minha filha é advogada. Graças a Deus. São tudo casados.  |
|  | <b>E.6</b> | Casei, sim. Casei. [...] Ah... acima de vinte... acima de vinte. Não sei, não me lembro mais. [...] Tive uma filha só. [...] Tenho duas netas.  |
|  | <b>E.7</b> | [...] eu casei com vinte e quatro anos com ele.[...] Casei na igreja. Ele trabalhava na Secretaria de Fazenda. [...] Mas tem muito tempo... aliás tem muito tempo... porque meu marido já morreu... [...] Eu engravidava e perdia. Engravidava e perdia. [...] Aí teve, segurou um. [...] Hoje, a minha filha é uma bênção. [...] Eu tenho dois netos, um tem dez anos e o outro tem vinte. Ela é muito boa, muito boa.   |
|  | <b>E.8</b> | Eu me casei. Ele foi muito bom pra mim. Teve festa... no meu casamento, até que não teve festa, teve um jantar, porque foi... até o padre custava vir. Veio um ano, depois não sei quantos anos. Teve que fazer um curso no entorno, nas cidadezinhas. Não tinha padre assim, não. Ele era um padre muito culto. Ele era de uma cultura, uma coisa rica... ele fazia até parto. Ele era político fino. Ele fez uma vez, eu lembro, que ele fez, na igreja, ele fez um sermão... [...]O meu casamento também foi em Nova Iorque ( <i>Estado de Goiás</i> ). [...] Eu tinha dezenove anos. [...] Casei-me com um príncipe que Deus mandou do céu para mim. [...] mas põe felicidade. Chorei, ainda hoje eu choro. (choro). Ele morreu em noventa e um. [...] Eu fiz bodas de ouro, prata... [...] Tive uma menina.... [...] Em 1954, eu mudei do Maranhão para Goiás. Chegamos em Goiás, ela continuou na escola. Estudou, formou, é professora, aposentou. Ela mora aqui em Brasília. Ela é muito boa pra mim. É a mãe que eu tenho. As filhas dela são umas belezas pra mim. Essas meninas cuidam de mim com uma especialidade, e ela. Mas ela ficou doente. Ela sofreu eclâmpsia, em uma das meninas, e perturbou. [...] Em 1960 nós viemos pra Brasília. Eu sou dos pioneiros, da poeira daqui. Era lá na Vila Planalto, lá na beira do Lago. Não tinha lago, não tinha água, não tinha nada. A gente guardava até a água que lavava o arroz, guardava pra lavar os pratos. A gente já sofreu, quem foi os primeiros aqui. Ele (marido) trouxe farmácia. Ele era farmacêutico. Aí veio pra cá. Aí vivemos muito anos... |

## CATEGORIA – CASAMENTO E RELAÇÕES FAMILIARES

| <i>Não Institucionalizados</i>                       |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Convívio com o<br/>Cônjuge</b> | <b>E.1</b> | Graças a Deus foi bem, né. Ele morreu de repente, né... ele morreu com quarenta e cinco ano. Já tem quarenta e um ano.  |
|  | <b>E.2</b> | Ela (a esposa) passou um ano quase todo no hospital em tratamento, [...] e a gente tem compreendido tudo isso e conduzido como se estivesse servindo ao próximo e a Deus, porque tem que amar a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como irmão, né... [...] Geralmente o idoso tem uma coisa, que é o zelo do cônjuge, um com o outro, quando vive junto assim... fica aquele zelo, que parece ciúme. Mas não é ciúme, é um zelo. Porque o que eu corro atrás da Dona A. (esposa) no dia conta quilômetros, porque ela, na idade, ela foi perdendo o uso da razão. [...] Hoje o que eu corro atrás dela dá quilômetros, com medo dela tá caída por aí e não levantar, porque de vez em quando a gente acha... ela grita (risos). Então tem essas fases.  |
|  | <b>E.3</b> | Eu acho que foi muito bom, né. Como se diz... às vezes, em tudo tem alguma encenquinha, mas no geral foi muito bom.   |
|  | <b>E.4</b> |   |
| <i>Institucionalizados</i>                           |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Convívio com o<br/>Cônjuge</b> | <b>E.5</b> | Ele era um que jogava baralho... jogava baralho... e ainda era a dinheiro, né... Mas ele morreu foi de doença mesmo. [...] Jogo não é coisa que ensina criança, né. A diversão que eles vivem é por causa da carta de baralho... aí não dá, né. Uma vez ou outra eu dava uns tapas nas crianças por causa dele, né, por causa do baralho. Os meninos pegavam no baralho, eu ficava proibindo, ele deixava, eu não deixava. Aí são essas coisinhas, né... Mas tem muitos anos que eu sou separada. Mas é a vida, né. [...] Era na banca de jogo... Jogo é uma perdição (pausa). Mas é a vida, né.  |
|  | <b>E.6</b> | Estou casado. Não me separei, não. [...] Mais ou menos. Ela tinha um gênio! Foi-se vivendo... aos poucos. [...] Casei... a esposa, eu esperava uma coisa e não foi. [...] Ela se contenta com qualquer coisa. Eu dou a metade a ela. Andei brigando um tempo. Agora tô separado, mas eu dou um ordenado de salário pra ela, então... [...] A mulher não apurinha, entendeu? Tá... tudo bom, então...  |
|  | <b>E.7</b> | “Filhinha”, ele me chamava de filhinha, “Filhinha, arruma nossa neném que eu também vou na igreja”. [...] Aí, ele pegava ela, e ele entrava no ônibus com ela, e eu levava a bolsa. Chegava na igreja, eu botava ela no meu colo: “Ah, filhinha, não faça isso comigo, não. Nossa filhinha é de nós dois”. Eu falei: ‘Você tá dividindo muito bem, hein?’ (risos). Foi muito bom esse passado pra mim, sabe... [...] Ah, mas como custei, até hoje eu tenho uma saudade dele, porque que homem bom, carinhoso, tudo pra mim era “filhinha”. “Oh, filhinha”. Quando namorava, chegava no portão, eu tinha que dizer isso, ele dizia pra mim e eu dizia pra ele: “Boa noite, filhinha”. ‘Boa noite, filhinho. Eu te amo. Vá com Deus’. Até hoje, eu lembro muito dele, com tanta saudade... Ele era muito carinhoso. [...] quando eu me casei, que o W. morreu, eu falei assim: ‘Pode vir até o rei, que eu não caso com mais ninguém’. |
|  | <b>E.8</b> | O homem era muito bom... especial. Me amava, me considerava, me estimava, me zelava... o melhor era pra mim (choro). [...] Ele foi muito bom pra mim. [...] Eu sinto muita falta do meu esposo. Ele era um verdadeiro esposo. Em tudo. Em todos os sentidos. [...] Eu e meu marido, nós fomos muito felizes. Nós nunca brigamos, eu nunca passei falta de nada. Nem no mercado, nem no açougue... eu nunca fui. Eu tinha tudo dentro de casa, na mão. Meu marido era muito bom pra mim. Não faltava nada pra mim. Então, nós vivia muito bem. [...] Meu marido era muito bom. Não me faltava nada.  |

## CATEGORIA – TRABALHO/APOSENTADORIA

| <i>Não Institucionalizados</i>  |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Subcategoria –</b><br><br><b>Profissão/</b><br><br><b>Empregos/</b><br><br><b>Atividades</b><br><br><b>Profissionais</b> | <b>E.1</b> | Trabaiava. Eu pegava roupa dos outro pra lavá, né... por mês. Aí eu lavava no corgo. Criei os fios lavando roupa.   |
|   | <b>E.2</b> | Em Goiânia [...] fui [...] gerente-distribuidor do Jornal Brasil Central, uma tiragem de dez mil diária [...] Na capital [...] eu já comecei a manifestar nos jornais diários da cidade, Folha de Goiás, que existia, muito forte, que era do Assis Chateaubriand...aí fiz no Jornal Popular, que era dos Irmãos Câmara. Eu escrevia, eles gostavam e publicavam minhas coisas.[...] A partir de 1968 por aí, eu adquiri uma quota no Colégio Comercial Vila Operária. Fiquei lá um ano. Passei pra outro. Aí fundei um colégio [...] Eu já tinha saído do Sesi, eu não conseguia coordenar o tempo do Sesi com a escola particular que eu já tava dirigindo. Aí eu deixei o Sesi e fui para o Estado. Era a Administração Central do Estado, Serviço Pessoal. Depois virei professor estadual e dirigia o outro colégio. Quando eu estava no serviço central, o Secretário de Educação [...] aí veio um período de contratação imensa no Estado... aí ele me chamou e me entregou a missão de aplicar os concursos... aí já tinha as Delegacias Regionais de Ensino, várias delegacias regionais... [...] Tava em plena expansão da Educação, com a influência de Brasília (Capital da República Federativa do Brasil e do Distrito Federal brasileiro, fundada em 1960). Foi aquela expansão imensa... eu fundei 15 colégios no Estado de Goiás, [...]Teve um colégio que eu fundei dentro da mata, onde havia mais professores registrados no MEC (Ministério de Educação e Cultura), lá na beira do Rio Araguaia. [...] Eu publiquei um romance rural, [...] “Um Lugar no Mapa”, um ensaio histórico sobre minha terra, [...] depois eu publiquei [...] “A Terceira Pessoa Depois de Ninguém”, [...] é um poema... grande, é um narrativo. [...] em seguida publiquei “O Sapeca”, aquelas histórias de calçadas do interior... aquelas histórias de fazenda, baseadas naquilo que meu pai contava lá... [...] Depois eu produzi o “Natalice”, [...] |
|   | <b>E.3</b> | [...] eu fiquei em fazenda até... os dezessete pra dezoito anos. Fui pra cidade fazer exército... aí do exército pra cá, eu tive facilidade de conseguir emprego e tudo... inclusive trabalhei em diversas... trabalhei até em firmas boas, né. [...] Eu trabalhei... primeiramente eu trabalhei em serviço de pedreiro, carpinteiro. Depois eu fui trabalhar num laboratório de soldas. Trabalhei... mais ou menos uns três, quatro anos lá. Trabalhei em departamento de obras, no serviço de laboratório, fiscalização de serviço de terraplenagem, essas coisas. [...] Eu tomava conta do laboratório em fiscalização de serviço de terraplenagem. Trabalhava em serviço de laboratório, fazia aquelas compactação pra asfalto, né. Todo serviço de barragem, eu trabalhei... tudo serviço de solo. [...] depois desses trabalhos meu, eu trabalhei em fazenda com máquinas agrícolas, trabalhei no comércio, né. [...] Comércio de material de construção.   |
|   | <b>E.4</b> | [...]Aí eu, com doze anos, eu já dava aula lá em casa pros meninos da vizinhança, o alfabeto. Ensina a cartilha [...]Aí eu já estava na escola, quando eu comecei dá aula pra esses meninos lá. Punha as cadeiras e uma mesinha lá, e eles sentavam em volta, seis a oito meninos. Tinha os fazendeiros que vinham com meninos de nove, dez anos que não sabia ler ainda, queriam que eles aprendessem a cartilha antes de ir para a escola normal. [...] já era adulto, quase da minha idade. Papai começou beber, perdeu tudo. Aí eu comecei dar aula. Eu não tinha nem dezesseis anos. Comecei... com doze anos, terminei o quarto ano primário, comecei ajudar o professor. Eu falei: ‘Professor, eu posso ficar aqui? Eu não quero esquecer o que eu aprendi. Posso ficar aqui?’. Ele falou: “Só se você me ajudar”. [...] Aí, quando eu inteei dezesseis anos, o professor falou assim: “Você não quer dar aula sozinha? Tá precisando de professor. Vai fundar o Grupo Escolar, você não quer ser nomeada?” [...] “Vai ser um curso de alfabetização”. [...] Aí eu fiquei no curso de alfabetização até dezoito anos. Com dezoito anos eles me nomearam professora do Governo. [...]falei pra minha mãe: ‘Eu tô indo pra Goiânia, vou me transferir pra lá’.[...] pra uma escola rural, mas dentro da cidade. [...]aí eu fiquei lá uns tempos... [...]Aí eu já fui nomeada... [...]Aí eu dava aula das sete às onze no Estado, e às onze eu ia direto pro Sesi.[...] Eu era atendente dos funcionários da indústria. Encaminhava pra médico, pra dentista, tudo. Fiquei lá assim... uns cinco anos lá.   |
| <i>Institucionalizados</i>  |            |   |
| <b>Subcategoria –</b><br><br><b>Profissão/</b>  | <b>E.5</b> | Eu cheguei até a lecionar quinta série. Aqui em Goiânia. [...] não precisava diploma. Era só um certificado. [...] E lecionei em Itaberaí. Lecionei numa fazenda, a fazenda que hoje é a cidade. [...] Lecionei também lá, já estava se formando a cidade, e... fui andando. Aí logo comecei a estudar, e parei de lecionar. [...] Porque não era registrada as carteiras, não tinha carteira, não tinha nada, né...só...[...] A melhor coisa que eu fiz na minha vida ( <i>mudar para Brasília</i> ). [...] Abri quitanda de novo. Biscoito, pão de queijo... essas coisas, né. [...] Comércio era comigo (sorriso).   |



|   |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Empregos/<br/>Atividades<br/>Profissionais</b> |            | [...] É, bordado, ponto cruz, ponto cheio, ponto atrás, ponto de cadeia... Já fiz muito pra ganhar dinheiro.  |
|   | <b>E.6</b> | Fiquei eu na loja ... trabalhando lá e tocando a loja. [...]loja de peças de automóvel.[...] Aí eu falei com o W., meu ex-professor: ‘W., me arranja um emprego aí’. [...] O W. me arrumou um emprego. Só sei que saí da loja, Graças a Deus. O velho conseguiu vender a loja. [...] Aí fui, fui indo, fui indo, aí o W. me arranhou um outro emprego. Um emprego bom, rapaz. O emprego era muito bom. Ganhava um dinheirão. Eu não merecia aquilo. [...] Porque eu não tinha capacidade... entendeu... eu só tinha o Científico. E trabalhando em peça de automóvel... eu tinha pouca capacidade. E ganhando um dinheirão, né. [...] Só sei que o W., no final, me arrumou um outro emprego (risos)... aqui pro Ministério da Agricultura. [...] Eu sei que vim... fiquei trabalhando no Ministério da Agricultura [...] |
|   | <b>E.7</b> | [...] fui trabalhar com papai no armazém. [...] Pegava no pesado mesmo. Eu que queria. [...] Papai falou assim: “R., não demora aí, não, porque o rapaz daqui eu mandei embora porque ele tava roubando. Você vai ficar no caixa”. [...] Aí foi passando o tempo, né... eu no armazém do papai [...] continuei trabalhando no armazém com papai, bastante tempo [...] depois meu pai fez uma lojinha do lado, e eu fiquei na lojinha, tomando conta da lojinha [...] Aí eu arranhei um emprego no Centro de Saúde [...]   |
|   | <b>E.8</b> | [...] coisa que eu fiz é que eu lecionei, quando eu tinha dezesseis anos, eu lecionei; me puseram como professora, lá em Nova Iorque ( <i>Estado de Goiás</i> ), para lecionar pras crianças. O prefeito criou lá... abriu lá uns fundos, sabe, e ajeitou. [...] Quando foi... viemos do Maranhão pra Goiás, aí eu lecionei em Goianésia um bocado de anos. Quando foi em sessenta, na inauguração ( <i>de Brasília</i> ), meu esposo era farmacêutico, aí ele quis trazer a farmácia pra cá e trouxe. [...] Aí eu abandonei meu emprego.   |

## CATEGORIA – TRABALHO/APOSENTADORIA

| <i>Não Institucionalizados</i>                      |            |  |
|---|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Aposentadoria/<br/>Pensão</b> | <b>E.1</b> | [...] pensão... aí nós recebíamos lá a pensão do meu marido.   |
|   | <b>E.2</b> | [...] eu escrevia, né... eu queria mais era me libertar para escrever mais...tanto que eu tenho um surto de publicação até 2010. [...] Eu me aposentei em 1994. [...] não foi difícil, eu tava chegando aqui (Brasília), né... [...] Agora que tá mais difícil, porque é o seguinte, tem duas linhas: quando a senhora se aposenta, em caso, de dez em dez anos, eles tiram um pouco do seu salário, não sei por quê. Meu pai se aposentou com dez mil, que ele pagava, dez mil cruzeiros, se aposentou com um salário mínimo, quase não inteirando um salário mínimo... e na nossa também têm feito isso. [...]Nós, professores, com esses desequilíbrios por aí... tô com vinte anos sem nenhum aumento. Aí a qualidade de vida caiu muito, não pode pagar um motorista... não pode pagar uma datilógrafa, né... |
|   | <b>E.3</b> | Não.... eu não tava com vontade de aposentar, não, mas aposentei, porque [...] Eu me aposentei no comércio. Mas eu... o comércio tava meio ruim na época, eu resolvi... aí eu vendi o comércio e resolvi aposentar. [...] Pra mim o cara mais prejudicado em aposentadoria acho que fui eu (risos). Fui prejudicado em tudo. Aposentadoria pra mim foi horrível. Eu queria tá trabalhando até hoje.  |
|   | <b>E.4</b> | Aposentei em Goiânia, pelo INSS. Pelo Estado e pelo INSS, por doença. Doença de Chaga que eu aposentei. Fiz exame, tinha Chaga, e eles me aposentaram, novinha.  |
| <i>Institucionalizados</i>                          |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Aposentadoria/<br/>Pensão</b> | <b>E.5</b> | Olha... aposentei... aposentei de... essa aposentadoria mais barata que tem, né.   |
|   | <b>E.6</b> | Aposentei. Sou aposentado no Ministério. [...] No Ministério eu cheguei ao último nível. O que eu ganho, pra mim e a mulher dá e ainda sobra.  |
|   | <b>E.7</b> | Eu tenho a pensão do meu marido, né, mas a minha filha não entrega... Fica com ela. Minha filha que fica com os meus compromissos, dinheiro, tudo é ela.   |
|   | <b>E.8</b> | Não cheguei a me aposentar. [...] ... só tenho INSS ( <i>pensão</i> ).   |

## CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES

| <i>Não Institucionalizados</i>                        |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Subcategoria –</b><br><i>Afazeres do dia a dia</i> | <b>E.1</b> | [...] eu levanto lá em casa cinco e meia, seis hora, porque meus fio sai pra trabalhá, o café tá coado [...] eu fico em casa, faço comida, que é muito filho, um chega, come, outra hora esse meu que trabalha no hospitar, que trabalha no posto da vila, então, ele chega com os amigo dele, “Mãe, tem comida pronta?”. ‘Tem’. [...] lá em casa eu trabalho o dia inteiro.  |
|   | <b>E.2</b> | [...] eu levanto lá pras nove horas, mais um pouquinho, conforme a noite que passo. Assisto às missa da TV, quase todos os dias, faço a Novena do Divino Pai Eterno. Eu sou católico de tradição e venho me formando. Eu li a Bíblia cinco vezes, e continuo estudando religião todos os dias e refletindo, né... nessa linha... eu tô pouco praticando, porque eu quase não to indo à igreja porque às vezes ela (esposa) tem dificuldade pra ir e eu também. [...] E nos intervalos eu escrevo. De manhã eu escrevo um pouco, leio. À tarde a mesma coisa. Eu escrevo a mão. Uma hora eu tô escrevendo, outra hora eu tô no computador pra digitar o que escrevi. [...] Eu tenho um processo de plantio de mudas também, mas agora eu tô até mais afastado porque tô sentindo dificuldade. Às vezes vem um empregado e eu administro... até pelo fato de ter... tem muita muda... tem um caramanchãozinho que tá ainda em formação...e a gente cuida disso aí...  |
|   | <b>E.3</b> | Eu, hoje, trabalhando não estou, né... Trabalhando, hoje, eu não tô mais, né. [...] o que eu precisar fazer esse servicinho assim, servicinho de casa assim, estraga um negócio aí, eu faço. Não tem disso comigo, não. Não tenho emprego porque a idade não ajuda mais, né.  |
|   | <b>E.4</b> | É, sou dona de casa, né. Quando tem empregada, a empregada faz o café, né. Quando não tem, eu levanto e faço o café. Olha o que eu gosto de fazer quando eu tô vendo televisão: pra enxugar prato. Agora isso aqui é um entretenimento pra eu não trabalhar muito no quintal. [...] Faço isso, costuro, faço bainha de calça todinha. “Ah, você pode fazer a barra de uma calça?”. ‘Posso, traz que eu faço.’ Pra ajudar, sabe. Faço remendos. Eu só não quero fazer roupas mais. Não quero fazer roupinha. “Ah, faz uma roupinha pro fulano?”. ‘Não, não quero fazer isso mais, não.’ Mas gosto de mexer na minha máquina de costura. Agora, bordar eu não gosto, não. Fazer os pontos... eu sei todos os pontos, ensinei bordados no Sesi, né. Bordados assim, pontos. Só o rotineiro, né. Gosto de fazer remendos.[...]ainda falta (tempo), porque eu preciso visitar minhas irmãs todas que tenho aqui... não tenho tempo, porque tem quintal pra mim olhar, tem couve pra plantar, tem que capinar, tem minhas roseiras que eu tenho que ver se tem que podar...[...] Às vezes eu faço, às vezes eu espero o caseiro, que vem uma vez por semana. Eu fico ao lado dele e falo ‘corta aqui, corta aqui’, porque às vezes eu fico cansada, né, com esse trabalho. Tô começando cansar. |
| <i>Institucionalizados</i>                            |            |   |
| <b>Subcategoria –</b><br><i>Afazeres do dia a dia</i> | <b>E.5</b> | A minha aqui ( <i>rotina</i> )? Deus me livre... é o que você tá vendo aqui...não faz nada...o que eu queria fazer não posso fazer. [...] Bordar... ponto cruz, outros bordadinhos também. [...] aqui não pode fazer essas coisas. Aqui a gente não pode fazer nada, nada, nada. Entrou aqui, entrou num buraco. [...] Acostumei mexer com as coisas, né... [...] Bordado eu também já fiz, muito. [...] Acho que desde que ela dê conta, tem que deixar fazer a atividade dela, né. Isso é errado... Igual essa mulherada que tá aqui... nenhuma tem nenhum trabalho que faça. Nada, não. E pior pra gente, né... Podia viver disso.   |
|   | <b>E.6</b> |   |
|   | <b>E.7</b> | [...] Eu gosto de pintar. Então eu tenho uma porção daqueles cadernos de pintura, né, e eu fico sentadinha lá. Eu ajudo na cozinha, né. Todo dia é meu dever... que eu quero... sábado, domingo... descascar alho, pra ajudar, né. Aqui é muita comida que faz. [...] Eu também gostava muito de bordar.agora não. Mas no ano passado eu fiz doze toalhas bordadas pra minha família. Tão bonita. Eu fui pra São Gonçalo em dezembro. Passei o Natal, tudo, lá. [...]Gosto (de ler). Mas agora só a Bíblia, e ganhei um livro também, numa igreja, que tem umas mensagens muito boas. Eu boto lá perto da minha cama e leio. É um livro evangélico, mas não é a Bíblia, né. Mas tudo em cima da Bíblia.   |
|   | <b>E.8</b> | Então, assim, até hoje eu só ando com livro. Gosto de ler muito, muito, muito. É o meu serviço. É a única coisa que eu faço agora.  |

## CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES

| <i>Não Institucionalizado</i>  |            |  |
|--|------------|--|
| <b>Subcategoria – Atividades/ Participação em Grupos/ Instituições</b> | <b>E.1</b> | Eu trabalhava no centro. Agora, no hospital eu trabalho mais.[...] É de conversar, de entender, dá uma palavra de carinho, de amor, explicar... Visito em todo lugar. Tem veis que eu vô duas, treis veis por semana.[...] Agora, eu sou do estudo, né... tem estudo nosso no Centro na quarta... [...] Às veis eu tô lá ouvindo certos assunto, um toca, outro toca, aí eu vou e explico prá eles, né, como é que é nós... então ocê vê uma opinião, um conselho, uma palestra que o irmão fale com ocê. Se ocê vê que tem futuro, ocê... né, se não vê, cê fica calada, né, [...]  |
|  | <b>E.2</b> | Eu pertencia à Academia Taguatinguense de Letras, à Academia de Letras de Orizona, que era antiga Campo Formoso... Academia de Letras e Arte Campo Formoso de Orizona. [...] Eu escrevo também no Correio (Jornal Correio Brasiliense) as Cartas. [...] Eu sou palestrante também, sou revisor, roteirista de filme...   |
|  | <b>E.3</b> | [...] participo do Rotary, dos trabalhos do Rotary lá em Minas. Muita gente às vezes não sabe o que é o trabalho do Rotary. Mas é um trabalho que é todo revertido pra comunidade, principalmente pra comunidade... pra comunidade em geral, mas principalmente pra comunidade carente. A gente... porque Rotary é uma instituição que... a gente trabalha somente pra ajudar principalmente a comunidade carente, apesar que a gente ajuda quem precisar. Tudo é pra investir na comunidade. Já distribuiu cadeira, muleta, andador, quase umas três mil unidades. Eu já sou isento de presença lá. Eu vou assim pra ajudar num evento. Agora eu tô indo essa semana pra ajudar na campanha do leite, e tem outros eventos que eu sempre eu vou e ajudo, né. Mas eu... eu não necessito mais de presença... que a minha presença já é permanente... mas eu ainda tô pertencendo lá ainda, né. |
|  | <b>E.4</b> |  |
| <i>Institucionalizados</i>   |            |  |
| <b>Subcategoria – Atividades/ Participação em Grupos/ Instituições</b> | <b>E.5</b> | Aqui mesmo tem missa todo domingo, no salão.   |
|  | <b>E.6</b> |  |
|  | <b>E.7</b> | [...] Eu cantava no coral, tinha aula de pintura, fazia... e tinha fisioterapia ( <i>antes de morar na instituição</i> ). Agora eu soube que o maestro morreu... era tão bom. [...] Ela ( <i>filha</i> ) vem pra ir na igreja comigo.  |
|  | <b>E.8</b> | Hoje eu não posso mais. Não posso mais. Eu esqueço o nome das pessoas. Pergunto três, quatro vezes, de frente, de frente; quando eu acabo de perguntar, não sei mais. As coisas velhas eu lembro, mas as coisas que tá presente eu não lembro mais, perco tudo. Ultimamente eu não tenho participado mais de nada. Eu só fico doente no caminho. Não posso ir na igreja. Não posso... nada.  |

## CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES

| <i>Não Institucionalizados</i>                                  |            |   |
|---|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/><i>Acompanhamento<br/>de Notícias</i></b> | <b>E.1</b> |   |
|   | <b>E.2</b> | O jornal da tarde, a uma hora, é infalível. Acabo de almoçar, passo pra lá, levo uma laranja pra chupar ou um pedaço de mamão pra comer. Como lá já pra assistir o Globo Esporte e o jornal em seguida. De leitura é sexta, sábado, domingo e segunda. Esse aí eu leio tudo, até vírgula. |
|   | <b>E.3</b> | Acompanho. Vejo muita televisão, noticiários de televisão. [...] não leio muito mais, não, porque as vistas vai ficando ruim nessa idade que a gente tá... fica ruim, né (risos).   |
|   | <b>E.4</b> | Jornal, não. Só na TV.  |
| <i>Institucionalizados</i>                                      |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/><i>Acompanhamento<br/>de Notícias</i></b> | <b>E.5</b> | É bom, né [...] Não leio muito, não. De vez em quando eu acho aqui em cima da mesa aqui. Alguém larga aí, eu pego.  |
|   | <b>E.6</b> | Às vezes acompanho. Às vezes acompanho. Jornal, quando vem aí. Comprar eu não compro, não. Não tô gastando dinheiro, não.   |
|   | <b>E.7</b> |   |
|   | <b>E.8</b> | Eu leio tudo: jornal, revista [...].  |

## CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES

| <i>Não Institucionalizados</i>                          |            |  |
|---|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Atividade Física/<br/>Compras</b> | <b>E.1</b> | [...] às vezes eu vou... porque eu não tenho paciência de esperar o ônibus... eu vou de pé. [...] eu vou mais meu fio, porque aqui as coisa é caro. Eu tenho que comprá é de fardo. Fardo de arroz... de...  |
|   | <b>E.2</b> | Faço caminhada, agora mesmo é hora de fazer. [...] Não, isso ( <i>supermercado</i> ) eu não posso mais. Dependo mais do motorista... minha filha. Temos filhos dedicados. Meu filho, que já tirou carteira de motorista, que leva a gente no médico...   |
|   | <b>E.3</b> | [...] eu gosto de fazer meus exerciciozinhos. Eu acho que ainda tô mais ou menos por causa dos exercícios que eu toda a vida eu faço exercícios... caminho. Agora eu quase não tô caminhando. Faço bicicleta, faço aquele andador também, simulador de caminhada. Esses exercícios. [...] Vou tranquilamente ( <i>supermercado</i> ). Dirijo ainda, ando na rua... |
|   | <b>E.4</b> | Não, o meu terceiro filho vem aí, faz compras. Hoje a H. fez, mas a maioria ele que faz porque ele é que gosta de mercado, pesquisa tudo.  |
| <i>Institucionalizados</i>                              |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Atividade Física/<br/>Compras</b> | <b>E.5</b> | Não, não deixam a gente sair... [...] Aqui dentro eu ando. Meus filhos, quando chegam, me põem no carro, vai em algum lugar aí, depois volta. [...] Eu dou... dou (conta de fazer compras). É só o andador, por causa das pernas, né. Ainda ando um pouquinho aos socos, mas tenho medo. [...] dando o braço com o outro, né.                                      |
|   | <b>E.6</b> | Não, não faço nada. Não faço exercício nenhum.   |
|   | <b>E.7</b> | Faço fisioterapia. Exercícios. Muito bom.  |
|   | <b>E.8</b> |  |

## CATEGORIA – ROTINA DIÁRIA/ATIVIDADES

| <i>Não Institucionalizados</i>                          |            |  |
|---|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Cuidados<br/>(Saúde/Estética)</b> | <b>E.1</b> | A vaidade eu não tenho. Ca saúde... eu sou diabética, levo ela controlada, que eu bebo remédio de raiz do mato. O único remédio da farmácia que eu bebo é remédio da pressão. Eu bebo remédio do mato. [...] Eu bebo o “rabo-de-tatu”, um remédio amargoso, que é bom, eu bebo o “pau-tenente”, que é bom pra diabete.[...] a raiz de “mamacadela”, [...] é bom pro coração, é depurativo do sangue. Aí eu compro, e aquela lasquinha, aí eu ponho de molho na água, ponho na geladeira, aí eu bebo... um gostinho bão, um cheiro bão. [...] O remédio do mato é deferente. O remédio de homepatia também. |
|   | <b>E.2</b> | No dia diário, levanto, tomo um café normal, rotina do diabético, com integrais, essas coisas, né... aí daí entre meio-dia e uma hora a gente almoça, lá pras cinco horas toma um lanche, né... ou às vezes não toma, e agora, de noite, tomo uma refeição porque o diabético não pode pular refeição de alimentação. [...] a gente tem os programas de médico também, porque a idade exige.   |
|   | <b>E.3</b> | Em relação à saúde, eu sou um cara... eu acredito muito em médico, né. O que o médico manda eu fazer eu faço. Tomo meus medicamentos tudo certinho. Ele marca, eu... ele é um médico muito bom. Ele trata de tudo em mim, né. Eu já saio de lá já deixo a consulta, a próxima, marcada lá. Eu nunca falhei. Eu acompanho direitinho. Ainda falo assim: se o médico me der o medicamento errado, ele se dança, porque eu tomo (risos). Mas Graças a Deus, o médico que eu tô tratando com ele é muito bom, viu.   |
|   | <b>E.4</b> | Eu tive cirurgia de intestino, precisei tirar um pedaço do intestino, tudo. Fiquei uns quatro anos com bolsa. Eu aceitei tudo isso, né. Depois tive câncer de mama, que tá um buracão ainda, que foi mais uns três anos de... tratamento, que não cicatrizava por causa do braço, o movimento, né. [...] sempre usei um creme, hora de dormir e hora de levantar. Só, eu não tenho mais nada, não. Eu não sinto bem com a pele seca. Eu sinto a pele esticar. Então eu tenho que usar, assim, quase fica doendo.   |
| <i>Institucionalizados</i>                              |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Cuidados<br/>(Saúde/Estética)</b> | <b>E.5</b> | Meço a pressão quase todo dia. Já fui vaidosa... hoje, não. Não uso creme nenhum.  |
|   | <b>E.6</b> | Não, não sou vaidoso, não. A saúde... tá levando, eu tô com 83, 84 anos... tá... tá...   |
|   | <b>E.7</b> | Todo dia, de manhã, lavo meu rosto... tomo banho, né... todo dia de manhã eu tomo banho [...]  |
|   | <b>E.8</b> | Eu gosto de me arrumar, de cuidar da minha pele, tomar meu banho direitinho, de me vestir. Eu gosto de me assear bem. Gosto de perfume, pentear meu cabelo. Não gosto de ficar de qualquer jeito, nem com as unhas compridas, nem feias, nem mal arrumadas, não. Tenho meu banho de dia e de noite. Tomo meu banho de asseio toda noite. Sou asseadinha.   |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>                   |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Sentido da<br/>Velhice</b> | <b>E.1</b> | [...] eu, Graças a Deus, eu sinto bem... porque a gente, por si mesma, a gente tem que reconhece que a idade já chegou, né. A gente nunca que é igual quando é nova, né. O tempo, a idade vai chegando, a gente tem que aceitá, né. “Ah, mais tô veia memo...” Tá veia, mais ainda faz alguma coisa boa... pode ensiná, e pode trabalhá, pode ajeitá, né... [...] A gente vai indo, no prazo de tempo, a matéria da gente já vai sentindo. [...] quando os janeiro chega, é complicado, né.   |
|  | <b>E.2</b> | Ela ( <i>esta fase da vida</i> ) perdeu o sentido de empreendimento. Empreendimento se for empresário, se for exercer trabalhos, outros trabalhos, sobreviver pelo trabalho... você não suporta muito isso mais... pra você não. Mas você pensa em ajudar os outros que tão precisando disso aí... Porque criar uma empresa é um ato de fé muito grande. É a mesma coisa do plantio do grão lá na terra.  |
|  | <b>E.3</b> | Eu... pra mim, o sentido da minha vida hoje é o mesmo de quando fui novo, né, porque não é porque eu fiquei velho, que eu vou falar que eu não... que eu não tenho aquilo, não posso fazer aquilo. Eu, pra mim não modifica muito, não. [...] Olha, eu... eu posso dizer que é até melhor, porque eu... quando eu era jovem, eu achava que a velhice era... inclusive a velhice daquela época era muito pior que a de hoje, porque eu sempre ainda falo assim, meu pai faleceu com 65 anos e parecia... a aparência dele era muito mais velha do que eu, hoje, que tô com 82. Por isso que eu achava que eu também ia ficar mais velho mais cedo, né. |
|  | <b>E.4</b> | Ah, eles falam que eu sou velha, mas eu não sinto. Eu não sinto, porque eles querem que eu pare, que eu fico olhando pra lua, mas eu não sinto isso. Eu tenho que fazer alguma coisa. Por isso que eu inventei isso. [...] eu acho normal. Eu nunca pensei em ficar velha, assim... é... sem fazer nada, não. Eu nunca pensei que eu pudesse ficar... eu fiquei doente, eu fiquei três anos sem fazer nada, né. Tô bem, é como se não tivesse tido nada no intestino.   |
|  |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Sentido da<br/>Velhice</b> | <b>E.5</b> | ( <i>Pausa</i> ) Envelhecimento, a gente não sabe até quando a gente envelhece, né. Não pode acudir tudo, não pode mudar. ( <i>Pausa</i> ) O envelhecimento, pra adoecer e pra morrer é inesperado. A pessoa, como não dá pra fazer as coisas, você tem vontade de fazer, quer fazer e não pode... o envelhecimento não deixa. A força... não tem força. Uma pessoa como a gente não vai. ( <i>Pausa</i> ) É um problema. [...] Ele não pode tomar banho sozinho, não pode trocar roupa sozinho, não pode comer sozinho, tudo, tudo, tudo não pode sozinho. Ele perde a autonomia dele... até a autoridade.   |
|  | <b>E.6</b> | ( <i>Risos</i> )... Rapaz, idade... horrível... horrível... pra mim é horrível, horrível.   |
|  | <b>E.7</b> | Não me preocupo nem um pouco. Nem penso.  |
|  | <b>E.8</b> | A gente tem que aceitar. [...] Eu nunca nem pensava nisso. Eu vivia tão feliz. [...] Por isso eu sou feliz, porque eu não sofria nada.  |



## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>                       |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –</b><br><i>Perspectivas de Vida</i> | <b>E.1</b> | Eu desejo que cada dia Deus me dá mais um dia de vida, que eu possa ajudá mais meu irmão, ir mais lá no centro... porque eu vou, eu podendo, eu vou mesmo, né... zelar, ir no hospital, chega uma pessoa na minha casa, se tiver com fome, o que tiver, come, né... porque Deus qué de nós é isso, né.  |
|  | <b>E.2</b> | Não... normalmente... toda época que eu vivi, achei a vida boa, encorajadora. Eu aprendi que depois de Jesus Cristo, criou-se a esperança, a salvação eterna, vamos trabalhar pra isso. [...] Então essa coisa eu sempre acompanhei, entregando pra Deus, ele toma conta... Têm acontecido fatos fantásticos assim que... eu criei até uma frase, ‘Deus, além de Pai, é amigo’. Ele ajuda você e quando vê que você merece, ele ensina a fazer.   |
|  | <b>E.3</b> | Graças a Deus, eu não tô me achando tão velho assim, não (risos). É outra coisa hoje. Fala que hoje tá ruim, mas tá melhor. A média de vida cresceu muito, né.  |
|  | <b>E.4</b> | [...] plano é ver os meninos tudo bem, né... os netos estudando. Pra mim é um presente. O presente é vê-los estudar...  |
| <i>Institucionalizados</i>                           |            |   |
| <b>Subcategoria –</b><br><i>Perspectivas de Vida</i> | <b>E.5</b> | (Pausa) Minha filha tá comprando um apartamento... ela falou: “Mãe, acho que eu vou pegar esse apartamento... é muito grande... vou pegar um apartamento desse, vou conversar com o dono dele pra ver se ele aceita”. Ela quer que eu more com ela. Ela também é sozinha, só tem uma filha. Eu não gosto de morar junto. Mas lá é bom. Mas tem que separar: metade pra mim, metade pra ela. Partindo, eu faço da minha parte o que eu quero, ela faz o que ela quer. Então ela pegou a casa, vai ver se recebe o dinheiro todo pra comprar o apartamento. |
|  | <b>E.6</b> | [...] Aposentou, acabou. [...] Trabalhei muito pro velho, entendeu... muito... aí cansei. Pra não ganhar nada! Eu não quero trabalhar mais. E esquecendo tudo. Não vai dar mais, não quero mais trabalhar, entendeu... Aí deixa pra lá. [...] Não gosto de mais nada... sombra e água fresca.   |
|  | <b>E.7</b> | Ah, larguei pra lá, sabe. Minhas irmãs, ninguém se ofereceu pra ficar comigo. [...] Ah! A filha não me chama mais, não... [...] Aí, aí... agora eu fiquei assim mesmo. Agora conversar com esses velhos tropeiros? Eu vou pedir sarna pra me coçar? E as cueca pra lavar? Deus me livre! [...] Muito tempo (que mora na instituição). Aqui é muito bom.   |
|  | <b>E.8</b> | Oh, minha filha, agora eu gosto de todo lugar... É os outros que têm que gostar de mim... Se não gostar, eu vou chorar (risos).   |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>                      |            |  |
|---|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Conceito de<br/>Bem-Estar</b> | <b>E.1</b> | Bem-estar é que a gente aqui na terra cumpriu a lei de Deus, levou uma vida tranquila, né...fez aquilo mais ou menos... que não pode fazer tudo, que Deus deixou pra nós o ensinamento, né... da palavra de Deus, né. [...] Não sei se tá certo o que a gente pensa, mais o nosso pensamento é assim, né... A gente, pela idade, a gente ainda faz alguma comida, ainda lava um prato, ainda resolve alguma coisa, né... Porque tem muitas pessoa de idade, que vai indo fica trevado: “Ah, eu não vou ali, porque eu tô veia... ah eu não vou por lá, porque não dou conta”. Não, a gente tem que fazê esforço, né.               |
|   | <b>E.2</b> |  |
|   | <b>E.3</b> | Eu acho que a pessoa tem que ter confiança nele... e eu... ainda tenho confiança em mim, né. Eu acho que você tem que conformar com a idade, porque não tem jeito de tirar, mesmo que se tivesse eu voltava pra quinze anos, né (risos). Mas aí... a gente tem que conformar e viver do jeito que pode, né. A gente não pode querer viver melhor do que eu vivo hoje, mas não quero viver pior também, não, né. Graças a Deus, tô vivendo, como eu já disse aí, à custa de médico, mas Graças a Deus tá indo tudo bem... por enquanto.   |
|   | <b>E.4</b> | Só acho ruim quando fala: “Não quero estudar, não quero isso, não quero aquilo”. Falo que é pra trabalhar, todo mundo, né. Boto pra frente (risos). [...] Eu acho bom que todo mundo fica presente, né. Eu faço almoço, eles vêm. Vem todo mundo.  |
| <i>Institucionalizados</i>                          |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Conceito de<br/>Bem-Estar</b> | <b>E.5</b> | Bem-estar... (pausa). Nesse mundo que nós estamos vivendo, tá muito difícil a pessoa ter um bem-estar... difícil...porque quando você não tem com o marido, tem com os filhos, quando não tem com os filhos, tem com a empregada, sempre tem uma coisa que atrapalha, e nunca deixam completo o bem-estar da gente. E a gente não vive sozinho nesse mundo mesmo, né ... [...]Acho que você ter sua casa... Deus ajude que a gente tenha a casa da gente assim... você quer comer, come; você quer dormir, à hora você dorme; você quer rezar, você reza, entendeu? Essas coisas da vida, né, se não tiver pessoas pra atrapalhar. |
|   | <b>E.6</b> |  |
|   | <b>E.7</b> |  |
|   | <b>E.8</b> | Na minha fase, o bem-estar da gente é ficar com a família e que as pessoas tratem e sintam assim, bem, e sintam que é amada, que não é despejada, que tem carinho, que tem quem te ama, tem quem cuida de você... vê se você tá gorda, se você tá magra... É carinho. É mais carinho, não é? A gente sente falta.  |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>     |            |  |
|------------------------------------|------------|--|
| <b>Subcategoria – Expectativas</b> | <b>E.1</b> | [...] igual lá em casa... eu peço comigo, é a gente tê paz, vivê uma vida tranquila, buscá mais o poder de Deus, ter mais compreensão, mais entendimento de gente, porque às veis ainda faia alguma coisa, né... Às veis ainda faia, né... não fez completo, ainda fartô ainda, né. Mais prá mim tá tudo bão, Graças a Deus. [...] Eu tô veinha, mais ainda voto prá ele. [...] “Ô, mãe, o que que a senhora acha?” ‘Não, cêis vota pra ele, eu voto no fulano. Ele ainda pode fazê alguma coisa pelo Distrito Federal’. [...] E agora que vem, só Jesus pra tê dó de nós... Não precisa nós esperá melhora, não. A professia tá contando prá mim, no evangelho. Cada dia vai sê pior, né. Não tem pra onde nós corrê mais. Só Deus. Porque às veis entra um, cê acha que... entra outro, é pior. Quando às veis vem outro, é pior. Então, é nós pedi a Deus, e orar, e fazê por onde, defendê o arroizinho com feijão, ajudá uma pessoa que precisa, e tá bom demais, né... e tá bom demais.  |
|                                    | <b>E.2</b> | Tenho até um plano, de fundar uma escola de família, que nós chamamos. [...] Depois eu produzi o “Natalice”, um romance bucólico, porque a chaga tava matando muito na minha região. Tinha um arraial que tinha quarenta viúvas de chagados. Porque o serviço pesado... ele, com chaga, e a chaga, de lá nessa região, matava galopantemente... dava uma febre brava e em dez dias morria. Eu alarmei, alarmei com aquilo. No “Natalice” eu registrei essa beleza da vida do meeiro. José de Alencar tinha registrado a solidão do índio na mata; e eu registrei a solidão do meeiro e o desenvolvimento agrário que ele provocava. Depois surtiu um efeito impressionante, atacaram o barbeiro no meu município que foi uma beleza. [...] Tudo foi efeito desse livro. E o livro tá guardado aí, esgotou, quinhentos e poucos exemplares, porque eu tinha que editar a primeira edição. A segunda é a editora que toma conta; se as editoras tomarem conhecimento e não quiserem, fica aí, né... então... Quando é agora... pouco, tem um escritor lá do Sul que publicou “Na terra plantei meu sonho”. Registrou a solidão e a luta do sem-terra... e a frustração; encerrou... esses grupos. [...] Aí que eu queria registrar isso porque isso é muito importante. O dia que aparecer uma editora interessada nessas três obras, publicar as três juntas, para aplicar nas escolas... porque é um ciclo muito longo, desde o Descobrimento até agora. |
|                                    | <b>E.3</b> | Ah... eu... o que eu desejo é viver esse restinho de vida se ainda tiver, né (risos). Estar vivo já tá bom. [...] Hoje, pra mim não falta muita coisa, não. Pra mim... eu não sou das pessoas que fica escolhendo boa vida, que tenha isso, que tenha aquilo, tenha diversão, tenha... Pra mim tá ótimo.   |
|                                    | <b>E.4</b> | A gente mesmo que tem que agir. Cada um à sua maneira, né. O que pode, do jeito que pode, né. E ser feliz do jeito que pode, né. Não ficar almejando glórias, né... [...] o que eu gostaria é que os filhos fossem mais religiosos, assim, frequentasse mais o grupo de igreja, qualquer igreja, evangélica ou católica, o que seja. Que frequentasse mais... que tivesse mais reunião pra ler a bíblia, né. Mas cada um tem muito o que conversar quando encontra, né (risos). Não tem muita iniciativa, né.  |
| <i>Institucionalizados</i>         |            |  |
| <b>Subcategoria – Expectativas</b> | <b>E.5</b> | Eu quero saber só o que que Deus vai fazer comigo junto com a minha filha quando resolver esse negócio dessa casa... Está demorando demais da conta... não aguento coisa demorada.   |
|                                    | <b>E.6</b> | O sonho acabou, morreu. Acabou tudo...   |
|                                    | <b>E.7</b> | [...] Aí depois começou a ter esse drama que ele foi embora... acho que ela ficou muito triste, né... [...] Tô pedindo a Deus que o marido da minha filha volte. Quebrou uma família. [...] Ah! A filha não me chama mais, não...  |
|                                    | <b>E.8</b> | Eu só tenho essa filha. [...] É difícil pra mim. Ela é doente [...] e eu não tenho outras rendas, renda nenhuma, só tenho INSS. Agora, ela... ela tem despesa grande... [...] As duas filhas dela são duas joinhas pra mim. Elas cuidam de mim com amor. Eu sinto amor. Se é para ir no médico, é elas; se é pra conformar um negócio, é ela; ela que cavou até arrumar esse lugar aqui pra mim. Tá muito difícil; esse lugar aqui é muito caro, muito, muito, e ela tem as despesas dela, tem tanta coisa. Só Deus.   |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>      |            |  |
|-------------------------------------|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Motivação</b> | <b>E.1</b> | [...] porque a gente que conhece mais a lei de Deus, o amor de Jesus Cristo, ocê num fica esmorecida fácil, não. Você fala: “Não, eu vou, que Deus vai me oiá, vai me ajudá”. E ele ajuda... a gente sempre com o pensamento bão, né. Sempre com aquele negócio de pensamento cada dia melhor, né. A gente não pode esmorecer, né... não... não... Sempre “Oh, meu Deus, hoje tá assim”, mais vão pedi a Deus, que amanhã pode sê melhor.  |
|                                     | <b>E.2</b> | Receber visitas. Gosto muito de visitas também... e visitar. Eu vou ver os irmãos, sempre que pode; os cunhados moram aqui tudo aqui mesmo no condomínio e de frente, né... Tô muito na casa deles. Se for alguma confraternização da família, a gente vai, mas tá com muita dificuldade pra ir, porque depende muito dos favores...tem que ter motorista.   |
|                                     | <b>E.3</b> | Eu acho que é... o motivo maior é família, né. Se eu tivesse sozinho, pra que que eu queria viver mais, né... não tivesse família.   |
|                                     | <b>E.4</b> | Eu acho bom que todo mundo fica presente, né. Eu faço almoço, eles vêm. Vem todo mundo.  |
| <i>Institucionalizados</i>          |            |  |
| <b>Subcategoria –<br/>Motivação</b> | <b>E.5</b> | Sair daqui. Acho que se eu sair daqui eu melhoro mais... da cabeça... do meu modo de ser... modo de ver. Eu não gosto de morar aqui, não.  |
|                                     | <b>E.6</b> | A gente vai batendo, batendo, batendo e sempre percalços acontecendo... aí a gente vai abandonando. Acabou.  |
|                                     | <b>E.7</b> | [...] Depois você vem aqui pra conhecer a N., né? Mas a criatura, menina... bom, gostar dela você vai. Ela é um amor. [...] Chego aqui, a mulher me trata igual a mãe dela mesmo: “Oi, mamãe, é você!” Me abraçou, me beijou.... [...] Ela gosta tanto de mim... e eu dela. Agora é mãe e filha (risos). “Mamãe, isso assim, assim...”. ‘Fala, filhinha’ (risos). Me dá muita coisa, roupa, muita coisa ela me dá. “Olha aqui, R., o que eu comprei pra você”. É sapato, é tudo. É um amor. ‘N, eu gosto muito de você, mas muito. Você não sabe quanto’. “Ah, eu sei, sim, R. Você é minha mãe” (risos). [...] Cada vez que ela compra uma coisa pra mim: “Mamãe, olha, lembrei de você. Aí comprei pra você, roupa, sapato”. É assim... Menina, ela me dá tanta coisa: roupa, calçado. |
|                                     | <b>E.8</b> | Fui amada na infância desde o dia que eu nasci. [...] Na fase desde o dia que eu nasci, a fase de criança, eu vivo essa fase. Tem dia que eu falo 'Mas, meu Deus, eu só vivo nessa fase, de quando eu era criança!' [...] Cresci, nunca senti falta de nada. Eu acho que Deus me escolheu quando eu tava no ventre da minha mãe. Deus me deu as respostas. Ele nunca me abandona. E agora ele não me abandona. Ele disse que nunca me deixa só. Nunca me deixa só. O que me fortalece é a palavra.   |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>                     |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –<br/>Envelhecimento<br/>Ativo</b> | <b>E.1</b> | [...]sou da Terceira Idade... [...] sempre eu venho, porque eu gosto muito daí. [...] aqui nas Irmãs, da Igreja Católica. Mas lá tem espírita, tem católico, tem crente. Trata todo mundo iguar. [...] agora eu não tô indo... quando nós ia, lá ensinava, dava a doutrina, tem gente que aprende lê, tem gente que aprende costurá, tem gente que aprende bordá..., então é muito bom, porque ali cê vê movimento, cada um fazendo a sua parte. [...] A mais que eu gostava mais... [...] era a de ficá pra ajudá lavá um prato, ajudá fazê um comê, zelá daquelas coitada que chega lá na cadeira de roda, ajudá a descê e dá um prato de comida... [...] porque às veis ocê chega lá, precisa de alguma pessoa de idade tomá um banho, precisa de um copo d'água, precisa de um prato de comida... cê tando ali, ajuda, né. [...] Eu acho bom... porque tem muitos veio, minha fia, da hora que fica veio, eles encosta. E ocê indo prá lá, ocê vê as coisa boa, né... cê vê uma alegria, cê não vê só tristeza. Esses é que precisa do apoio, né. Eu acho bom.  |
|  | <b>E.2</b> | Já, mas mesmo assim eu compreendi isso aí como um... você tá com possibilidade de continuar mais ou menos a mesma atividade antes de aposentar. Eu pratiquei isso diferente. Não a mesma atividade de aula. Eu sou palestrante também, sou revisor, roteirista de filme... [...] Se a saúde tiver boa, não tem problema. Reviso o meu material. Porque eu sei bastante... Gramática também estou bem seguro, porque quem trabalha com revisão tem uma segurança imensa na gramática... porque vai adquirindo, e aquilo caleja dentro do cérebro. [...] Quando eu escrevo, eu estou escrevendo pra escola também. Não tem palavões, não tem registro de sangue, a não ser um conto que eu ganhei um prêmio aí...né... [...] Eu me considero (um idoso ativo). Eu consigo dar conta das tarefas do dia. O meu grupo intelectual foi escoando e eu não frequento mais as sociedades que promovem aí... Instituto Histórico, Sindicato de Escritores, que eu pertenco ainda, mas só de nome, a Academia Taguatinguense de Letras, eu quase... não tenho participado, porque também fica difícil, né... a pessoa não tem disponibilidade para levar uma pessoa e daqui duas horas ir buscar. E aí, como eu disse pra senhora que caíram os ganhos... desapareceu, se perdeu a qualidade de contratar pessoas e ao mesmo tempo de pagar um táxi, uma coisa, essas coisas... porque tudo desequilibró com as inflações, né...que o pessoal desequilibró. |
|  | <b>E.3</b> | Ah, eu já ouvi falar, mas eu nunca procurei a entrosar nisso, não. [...] Eu tô meio desativado, mas... às vezes é até mais falta de oportunidade, né. [...] Olha... eu, hoje,... eu, hoje,... eu sou um cara que toda vida eu gostei mais de trabalho... gostei muito de trabalho beneficente, né. Hoje, talvez... eu não sou muito desses negócios de grupo de idoso, não, porque eu não sou..., sinceramente, eu não sou muito bom de papo, não (risos). E isso é bom para quem gosta muito de conversar, né. E eu gosto mais de um trabalho, assim, beneficente. Tanto que eu saio daqui e vou lá pra Minas fazer o trabalho lá, e eu fico satisfeito de ajudar uma pessoa que necessita mais do que eu.   |
|  | <b>E.4</b> | Eu já ouvi falar, mas eu não sei nada da política, não. Eu já fui naqueles encontros de casais, assisti palestras. O dia que tiver uma oportunidade, a gente vai. Mas eu tenho muito ainda o que fazer, né. Eu não quero ter essas responsabilidades, porque eu sinto muitas dores [...]  |
| <i>Institucionalizados</i>                         |            |   |
| <b>Subcategoria –<br/>Envelhecimento<br/>Ativo</b> | <b>E.5</b> | (Pausa) Não, não acho bom porque sou sozinha. Não tenho condição física de participar. O que acompanha a gente é a física. E tô perdendo o movimento, vai fazer alguma coisa, aí não tem o movimento. Sem a física não vai.   |
|  | <b>E.6</b> | Não é ativa... Agora que eu tô molengo, tô... É, a velhice tá chegando, né... dores nas pernas, dores nas costas... entendeu? É difícil... Não dá vontade, não dá vontade. [...]Aposentou, acabou. [...]Trabalhei muito pro velho, entendeu... muito... aí cansei. Pra não ganhar nada! Eu não quero trabalhar mais. E esquecendo tudo. Não vai dar mais, não quero mais trabalhar, entendeu... Aí deixa pra lá. [...] Aí não dá mais. E isto eu já aprendi: os caras não querem, e mesmo não vão apanhar um cara velho como eu... tem uma garotada aí toda surgindo. Esse que é o problema. [...] Eu tô com o quê... oitenta e tantos anos... então, não dá. E eles não querem assim, pra pagar meu salário não querem pagar, porque tem algum formado aí, e eles vão pagar o quê... [...] Mas agora também não dá pra mim mais, entendeu...   |
|  | <b>E.7</b> |   |
|  | <b>E.8</b> | Se ele tiver físico... Depende tudo da condição. A condição física leva longe. [...] Eu leio tudo o que eu vejo. Eu falo assim: 'Quem não lê parece que já morreu'. Eu que brinco lá em casa. Porque eu gosto muito de ler. [...] Não escolho. A primeira coisa que eu olho, quando eu abro um livro, é a biografia. A biografia do autor. [...] Vou acompanhando a beleza da vida da pessoa. Agora não tô lendo muito, não. Mas eu leio, todo dia. Hoje eu já li. Sentei, passei umas duas horas lendo sentada lá... lendo. Eu acho que tá até aqui, a Bíblia. Aqui tem muito livro, dentro dessa sacola.  |

## CATEGORIA – REPRESENTAÇÕES DA VELHICE

| <i>Não Institucionalizados</i>                               |            |   |
|--|------------|---|
| <b>Subcategoria –</b><br><i>O que tira o</i><br><i>ânimo</i> | <b>E.1</b> | [...] por enquanto pela minha idade, o tanto que eu já trabalhei, agradeço muito a Deus de eu dá conta ainda de fazê o serviço que eu faço, ainda dá conta de ajeitar certas coisa, ir pro Centro pra assistir à doutrina, quando eu preciso ir em algum lugar eu vou, eu ainda tenho perna pra caminhar, né. No mais eu tenho que agradecer a Deus, né... tenho mais que agradecer.  |
|  | <b>E.2</b> | Eu só não gosto quando há uma blasfêmia, que eu fico com dó, porque o blasfemador, ele não é perdoado fácil, ele sofre muito... [...] . Se for alguma confraternização da família, a gente vai, mas tá com muita dificuldade pra ir, porque depende muito dos favores...tem que ter motorista. Porque a qualidade de vida caiu demais...  |
|  | <b>E.3</b> | O que mais me tira o ânimo, hoje, pra começar, são os políticos. Eu sempre falo que tem duas... tem três coisas... que não... é... irreversível no Brasil e quase no mundo: é político desonesto, é problema de INSS (Instituto Nacional do Seguro Social), que nunca que vai resolver, é previdência, e o principal, hoje, é a bandidagem. Eu sempre falo, daqui vinte anos ninguém vai poder sair na porta de casa mais, não. Se ele não puder viver só ali dentro, não vai conseguir viver, não. Hoje, os políticos tão fazendo tudo contra a humanidade, contra a nação. Não faz nada honestamente. Sei que tem uma porcentagem que não é assim, mas como, hoje, vamos saber qual é eles, né. Ai fica todo mundo no rolo.   |
|  | <b>E.4</b> | [...] dor no corpo, dor nas costas, dor nas pernas. Então, cada dia é uma... é muita dor. Tem dia que eu tenho vontade... às vezes... se eu deixar por minha conta, eu fico deitada o dia todo, mas eu não deixo. Eu levanto, aí a hora que eu levanto, começo agir... o problema é que eu tenho de ter força de vontade pra não ficar na cama.   |
| <i>Institucionalizados</i>                                   |            |   |
| <b>Subcategoria –</b><br><i>O que tira o</i><br><i>ânimo</i> | <b>E.5</b> | Uma coisa e outra. Mexe com tudo. [...] Rezo pra eu ir embora. Eu choro. Não vejo nada de bom aqui. [...] Sinto ( <i>solidão</i> ). [...] Mais porque eu estou aqui. [...] Muitas vezes a pressão sobe. Eu sou muito nervosa. Mas quando a pressão ataca, né. Eu fico nervosa. Mas não sou de brigar. Às vezes até comigo.  |
|  | <b>E.6</b> | Eu queria seguir Engenharia... quando as pessoas desgringolaram, desgringolaram... Não adianta. Eu, com um serviço sem ser formado, ganho bem, então... Não deu certo... não deu certo, fim de papo. [...] Porque você teve um sonho, né...e foi tudo cortado, entendeu? A família cortou tudo... não deu chance a mim... eu não tive chance.   |
|  | <b>E.7</b> | Aí... [...] quando eu cheguei [...] contou que eu sou viúva. Ah, meu Deus. Depois disso, o negócio ficou feio. Ele queria, queria que eu casasse com ele. [...] o homem ficou me perseguindo... me perseguindo... me perseguindo... aí a gente senta lá, que tem a televisão ali, né, daqui... aí senta lá, ele vai e senta também onde eu tô. Se eu sento, faço assim, ele faz também. Um dia, minha filha, eu cheguei, ele tava sentado. Quando eu sentei, ele chegou perto e disse assim: “Agora você é minha”. Meu Deus! Coisa horrível, menina. Que nojo... mas que nojo, menina! [...] olha, eu fiquei mais doente com o que o homem fez comigo. Já pensou o homem chegar bem perto de você, e falar “Agora você é minha”. Duvido que eu sento mais naquele lugar. [...] “Você agora é minha”. Ah, nojento! Meu Deus, que choque, menina.   |
|  | <b>E.8</b> | Se eu caminhasse ao menos, com um andador, com passinho, eu ia ali, eu ia lá. Mas ficar sem caminhar, pior ainda. É tanta dor nessas pernas, no quadril e na coluna... demais. Vou nos médicos, passa remédio, passa remédio, tiro radiografia, eles brincam comigo, diz assim: aqui tem papagaio, tem arara, tem... (risos). [...] Ela (a filha) é muito boa pra mim. É a mãe que eu tenho. As filhas dela são umas belezas pra mim. Essas meninas cuidam de mim com uma especialidade, e ela. Mas ela ficou doente. Ela sofreu eclâmpsia, em uma das meninas, e perturbou. [...] e eu não tenho reservas. Aqui é caro... e ela é doente. E ainda eu sou cardíaca... tenho que comprar esses remédios; sou diabética... tenho que comprar esses remédios custe o que custar. [...] Eu gostava muito também de guardar as coisas. Eu tinha um jornal... de quando Juscelino Kubitschek e o Pedro Ludovico... a doação das terras pra nova capital. Ai eu tinha o jornal, todos quadrinhos assim, o jornal todinho... as mesas, o lugar do Juscelino, o lugar do Pedro Ludovico. E eu tinha tudo nesse jornal, a história todinha. Os quilômetros que estavam sendo doados, as leis, tudo escrito. Eu guardava no cofre. Era tão bonito esse jornal. Tinha um livrinho da Constituição. Não tenho mais nada. Acabou essas coisas. [...] A vida da infância... minha vida foi muito boa...e de casada não pode se comparar. [...] Agora, hoje, eu sofro. Na velhice, já não tenho mais quem me ame mais assim. [...] E... meus irmãos morreram, avô morreu, avô morreu, tia morreu, os irmãos da minha mãe morreu, minha mãe morreu, meu pai morreu. Não tenho ninguém. Eu sou sozinha. Não tenho parente perto. A família que eu tenho é minha filha. Eu tenho uns sobrinhos em Anápolis e Goiânia, filhos do meu irmão. |

## CATEGORIA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

| <i>Não Institucionalizados</i>   |            |  |
|--|------------|--|
| Subcategoria –<br><i>Observações/<br/>Relatos/<br/>Esclarecimentos</i> | <b>E.1</b> | [...] eu queria assim... por exemplo, pedi, por exemplo, que nós orá a Deus, porque a população do Brasil, os jovens, cada dia que passa, eles... só tristeza... pra Deus... nós orá e pedi a Deus pra pôr a mão neles tudo... tanta tristeza, né. Tinha que tê, ou sê crente, ou o católico, ou o espírita, tinha que dá doutrina pra esses jovens, explicá pra esses jovens pra buscá mais o poder de Deus libértá, porque quanto pai de família que tá chorando...  |
|  | <b>E.2</b> | E eu não falei do projeto... O projeto é o seguinte: é despertar uma ecologia de reconstrução... da flora destruída no Planalto Central... [...] agora tão destruindo as últimas matas ciliares... arrancando preciosidades. Aí... eu comecei a pensar em despertar e comecei a formar muda e distribuir a esmo. Os primeiros que eu plantei eu já tô colhendo semente pra plantar outras, aqui na frente do lote: cedro, pau-brasil, aroeira, baru, jatobá, jatobá do mato e do campo... e muitos outros, nessa mesma linha. E o pau-ferro, daqui do Planalto [...] O pau-brasil plantei este ano... cagaita, copaíba, pau-de-alho, tudo semente bonita. Neste ano tem 600, 700 mudas prontas já. Pode plantar agora. Minha pregação é no sentido de plantar. O projeto é isso... começar o hábito de replantar... [...] Como eu sou filho de um ecologista nato e eu também sou um ecologista nato, tô observando os erros... e colocando a força no lugar. [...] Eu plantei [...] tinha umas cem... aí veio meu aniversário [...] A festa começou às oito; quando anunciou que a muda era pra levar, não demorou uma hora, as cem tinha ido embora [...]  |
|  | <b>E.3</b> | Ah... eu acho que dentro do que eu vivi, né. Pra mim tudo, desde a minha infância, tudo veio dentro do padrão que poderia acontecer, né. Hoje eu tenho... eu queria ter estudado mais, mas na época, não reclamo por causa disso, acho que hoje eu vivo uma vida dentro do possível, tá dentro do padrão que eu teria que ter. Eu acho que não, não... eu falo assim que pra mim mudar minha vida só se eu tivesse ganhado uns duzentos milhões na megassena. Aí era capaz de eu mudar minha vida, né ( <i>risos</i> ). A educação que meus pais me deram foi muito útil. Graças a Deus, tanto pra mim como pra os meus treze irmãos, né, tudo foi uma educação igual. Pra época não foi ruim. Eu queria ter estudado mais, ter tido outras oportunidades, mas na época não tinha condição, né. Era... era, como se diz, era o padrão da época, né. A gente não podia... não tinha jeito de sair do padrão da época, né. Eu acho que pra mim tudo foi ótimo. Apesar de algumas dificuldades, não reclamo, não. O que eu repito é que eu gosto de fazer esses serviços sociais. Teve uma época... teve uma época que eu tinha... tinha, parece, seis ou sete atividades sociais. Eu gosto dessas coisas assim, né. Não sou muito de farra, não sou muito de festa. Eu acho que... hoje, eu posso dizer que o meu padrão foi esse e eu gostei. [...] Espero que ajude. Espero que surta algum efeito pra alguém, né. A pessoa que não tem estudo não pode exigir palavras bonitas, nem essas coisas, né. É o padrão da gente mesmo, né. Como eu digo, eu sou da roça mesmo ( <i>risos</i> ). Essa é uma entrevista de um cara da roça mesmo – pode falar – um peão da roça ( <i>risos</i> ). |
|  | <b>E.4</b> | Ah, eu nem sei se a minha história é interessante, mas eu mesma sou feliz com o que eu fiz na vida. Só isso. Até hoje eu tô feliz. Até hoje mesmo eu sou feliz.  |
| <i>Institucionalizados</i>   |            |  |
| Subcategoria –<br><i>Observações/<br/>Relatos/<br/>Esclarecimentos</i> | <b>E.5</b> | Eu fico pensando assim... Por que que... é um porquê... porque isso acontece com todo mundo... é um porquê... que a gente, depois que fica sozinha assim, pega uma pessoa para ficar com a gente, mesmo empregada, não dá certo... Põe aquela pessoa como íntima pessoa sua, né... não tem jeito. A parte de confiança hoje tá tanta que... você não sabe como você faz. [...] É muito complicado... Você vai morar com filho, não dá certo. Morar com filho não quero, não dá certo. (Pausa) Porque, no fundo, sogra atrapalha a nora, né. Eu nunca atrapalhei ninguém, Graças a Deus, cada um na sua casa. Graças a Deus. (Pausa) Penso... sogra mais nora, aí separa, né... ou dá discussão... Deus me livre... Deus me livre de eu pensar que contribuí pra separar. Não é? É horrível. [...] Você sabe, a gente pode ser boa o tanto que for, você pode ser bom o tanto que for, junto de casa não dá certo... não dá certo. Ninguém é igual a ninguém. Ninguém tem os pensamentos, respostas, pra você me dá e eu te dá, igual, né. Quando eu acho que a minha é boa, eu não tô, tô te ofendendo. O ser humano é sensível.   |
|  | <b>E.6</b> | Sei que a vida é essa. Eu não sou muito bom na conversa, entendeu... ( <i>risos</i> ). Eu fui franco, falei com sinceridade... é isso o que aconteceu comigo... é... eu vou continuar nessa luta.  |
|  | <b>E.7</b> | Começou assim a amizade dela comigo, a me chamar de mãe... Aí, quando minha filha me trouxe, ela fazia assim:  |

|            |   |
|------------|---|
|            | <p>ela me deixava aqui, ia trabalhar e voltava pra me apanhar. Foi assim que começou. Aí vinha me buscar. [...] Aí, um dia, ela falou assim: “Mamãe, eu vou lá, uma colega me indicou pra deixar você lá, porque aquilo é uma casa de família, todo mundo muito bom”. Aí eu fiquei... falei assim: ‘Tá bom, me leva pra mim ver’. [...] depois minha filha foi embora. Olha o drama. Ela foi embora, despediu de mim, me beijou [...] Ah, quando minha filha saiu [...] Abri a boca. Mas eu chorava tanto, tanto, tanto. Aí começou ela: “R. você sabe que sua filha... ela trabalha, ela estuda...” Porque agora ela tá fazendo doutorado, né. “Ela trabalha, R., ela estuda, R., deixa sua filha em paz. Você aqui fica bem. Você não tá gostando daqui, não?””. Eu disse: ‘De você, muito’ <i>(risos)</i>. “R., não fica assim, não. É muito triste. Se sua filha souber disso, ela vai ficar triste, que aborreceu você...”. Aí eu dizia assim: ‘Ah, N. mas eu quero minha filha aqui’. Aí ela falou assim: “Tá, daqui a uma semana eu vou ligar pra ela vir aqui”. Aí eu comecei a rir. Ela fazia tanta palhaçada, que eu ria. Ela é um amor. Eu amo aquela garota como uma filha mesmo. [...] Aí, eu comecei a chorar: “ N., eu quero minha filha, eu quero minha filha”. Ela: “Ô, R., então você agora vai ser minha mãe. Agora sua filha tá aqui. Você não disse que eu posso ser sua filha? Agora você vai assumir”. [...] Aí, minha filha, ela custou, ela custou pra mim parar de chorar. Um dia desses eu tava lembrando a ela.</p> |
| <b>E.8</b> | <p>[...] O que eu tinha que falar é que eu fui muito feliz. Deus cuidou de mim. [...] Então, a minha vida... tendo o meu avô até aqui tem me ajudado sempre. E a sua presença (da entrevistadora) foi juntar as minhas alegrias. Estou muito satisfeita. O que que a senhora acha? Eu achei a senhora tão importante... Chegar e conversar essas coisas tão bonitas.... Hoje eu tenho a saudade assim. Eu sinto porque morreu meu povo tudinho. [...] Hoje eu vivo... acho que por causa da velhice, a gente tá ficando muito quebrada. Eu lembro e falo assim: “Oh, meu Deus, por que que eu soffro”. Eu acho... eu que penso... eu acho que eu tô caducando, que só fico pensando no “tigre”. Mas eu tenho lembrança de tanta coisa! Era... era tudo assim muito bom, né. Não faltava nada. Despesa cheia. Tinha engenho. Fazia açúcar, fazia rapadura. Tinha tudo, tinha tudo. [...] Então, umas alegrias e umas tristezas, uns repõem... outros não esquece. E... mas eu... eu tenho o meu Papai Amado.</p>   |



## CATEGORIA – CONSIDERAÇÕES FINAIS

| <i>Apenas Institucionalizados</i>                            |            |  |
|--|------------|--|
| <b>Subcategoria –<br/>Motivo de morar<br/>na instituição</b> | <b>E.5</b> | Ilusão do povo, né. [...] Dos filhos... principalmente. [...] porque eu tava doente. Tava doente também, né. Eu tava com hemorragia. Não deixa de ficar aquela fraqueza, né, no corpo da gente. [...] Pra cá... fez um ano.  |
|  | <b>E.6</b> | Pra cá, eu vim... foi através...[...] <i>(Pausa)</i> Por conveniência. Porque eu comecei a vir prá cá, porque trabalhava, mas não tinha lugar. Valia a pena. Daqui a pouco eu tô largando. A hora que me der na cabeça aí, eu sumo, né <i>(risos)</i> . E também, você não tem responsabilidade... não tem responsabilidade. Também não esquento a cabeça.[...] Se eu sair daqui, eu vou morar... [...] Ou sozinho, né...  |
|  | <b>E.7</b> | Uma vez, eu tava na casa da minha filha, não passei bem. Umas coisa esquisitas, tudo. Minha filha me levou no hospital. Aí, um dia, eu escorreguei. Foi assim: ela me levou no médico... tinha uma pedra, eu não olhei... caí. Minha filha cismou que ela tinha que me levar no médico, que eu tava com Alzheimer. Aí me levou. A médica que me atendeu. Aí, passou os remédios. Eu vim pra casa tomando remédio. Quando eu cheguei aqui, falei com o médico: ‘O senhor acha que eu tô com Alzheimer? Aquela doutora lá deu o papel que eu tô com Alzheimer’. Ele falou assim: “Não toma. Eu vou passar uns remédios pra senhora e depois eu vou tomar conta desse tratamento”. [...] agora vou deixar você lá... você já ficou assim, indo e voltando, indo e voltando... vou deixar você lá”. Aí eu falei: “Olha, minha filha, se eu não gostar, eu não fico, não”.[...]. Aí começou ela: “R. você sabe que sua filha... ela trabalha, ela estuda...” Porque agora ela tá fazendo doutorado, né. “Ela trabalha, R., ela estuda, R., deixa sua filha em paz. Você aqui fica bem.[...] |
|  | <b>E.8</b> | Se eu pudesse caminhar, não era tão difícil. Mas eu não posso. [...] Olha, agora eu estou aqui. A minha filha que me põe aqui. [...]. Mas ficou doente... Mas ela já ficou doente já na menopausa. Atacou a cabeça. Um eclâmpsia da menina quando nasceu. [...] Hoje eu sinto. Hoje eu sinto muita necessidade. Eu estou aqui pela caridade de Deus. Minha filha é doente... [...] É a única família que eu tenho é ela e as netas.  |